

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

PORQUE AMAMOS  
LIVROS

— conexão —  
**Literatura**

Janeiro/2022

nº 79

www.revistaconexaoliteratura.com.br

**FELIZ 2022**



**E MAIS**  
ENTREVISTAS COM ESCRITORES  
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS

# SUMÁRIO

JANEIRO DE 2022

Editorial, por Ademir Pascale, pág. 03  
Dragões do Rio Madeira, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 05  
Marvel Moreno: A escrita d' O tempo das Amazonas, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 08  
Auschwitz - Destruição e sobrevivência, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 13  
Dicas para leitura, pág. 18  
Poemas: por Sílvia Grijó, pág. 20  
Resenha: Casa Gucci, por Rafael Botter, pág. 24  
Novos ditos, por Bert Jr., pág. 28  
Poema: Vertigem, por Bert Jr., pág. 32  
Krenak e o fim do mundo: um resumo de uma odisséia, por Josué Carlos Souza dos Santos, pág. 34  
Da doutrina filosófica da religião: um resumo da terceira parte da obra "A religião nos limites da simples razão", de Immanuel Kant, por Josué Carlos Souza dos Santos, pág. 37  
Poema: O Portal imagético da felicidade, por Denise Peres Martins Rezende, pág. 42  
Entrevista com o escritor Chico Araújo, pág. 46  
Entrevista com o escritor Douglas Roehrs, pág. 50  
Entrevista com a escritora Felícia Ibiapina, pág. 54  
Entrevista com a escritora Maria Doria, pág. 58  
Entrevista com o escritor Maygon André Molinari, pág. 62  
Entrevista com o escritor Naican Escobar, pág. 66  
Entrevista com o escritor Riga, pág. 69  
Entrevista com a escritora Rejane Luci Silva da Costa Knoth, pág. 72  
Entrevista com o escritor Roberto Schima, pág. 76  
Entrevista com o escritor Robson Chaves, pág. 80  
Entrevista com a escritora Wanda Rop, pág. 85  
Entrevista com o escritor Warley Belo, pág. 90  
Conto: Leila, por Roberto Schima, pág. 95  
Conto: Uma nota no fantástico, por Luiz F. Haiml, pág. 103  
Conto: Confissão, por Marinalva Mabel, pág. 109  
Conto: Amor à última vista, por Idicampos, pág. 112  
Conto: Ambígua, por Iraci José Marin, pág. 115  
Conto: A enigmática mulher..., por Mônica Palacios, pág. 119  
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 123

## EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

## CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

## ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores: [www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse: [www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

Para entrar em contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



# EDITORIAL

Nossa primeira edição do ano. Que 2022 seja melhor para todos nós em todos os quesitos: mais saúde, mais amor, mais compreensão, mais sabedoria, mais empatia, mais emprego, mais livros e claro, mais dinheiro. Mas para isso, temos que nos mover, fazer planos, lutar e ir atrás dos nossos objetivos. Que cada tropeço nos fortaleça nessa caminhada. Que cada cicatriz nos faça aprender, dando mais força e resistência. Acredite sempre, vai dar certo!

Para saber como participar da nossa edição de fevereiro/2022, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

— revista —  
conexão  
LITERATURA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**Ademir Pascale**  
Editor-chefe

H  
A  
P  
P  
Y  
N  
E  
W  
Y  
E  
A  
R



POR GILMAR DUARTE ROCHA

CONTO



## DRAGÕES DO RIO MADEIRA

As imagens que apareciam na tela da TV detonavam uma procissão de casebres de ribeirinhos em processo de êxodo rio abaixo. Eram dezenas, centenas de composições de cores variadas, de tetos vermelhos, azuis, amarelos, metálicos, alguns simulavam telhados marrons, todos enfileirados em colunas de trinta unidades, lembrando a disposição das centúrias romanas em ritmo de avanço em tempo de guerra, que marchavam, organizadamente, em blocos simétricos de três, quatro linhas e duas dezenas de colunas.

**A**s imagens que apareciam na tela da TV detonavam uma procissão de casebres de ribeirinhos em processo de êxodo rio abaixo. Eram dezenas, centenas de composições de cores variadas, de tetos vermelhos, azuis, amarelos, metálicos, alguns simulavam telhados marrons, todos enfileirados em colunas de trinta unidades, lembrando a disposição das centúrias romanas em ritmo de avanço em tempo de guerra, que marchavam, organizadamente, em blocos simétricos de três, quatro linhas e duas dezenas de colunas.

Gastando um pouco mais de tempo na assistência da reportagem da televisão, o ouvinte ganhava noção do verdadeiro sentido daquela estranha carreata: milhares de garimpeiros desciam alucinadamente o Rio Madeira, a bordo de sofisticadas dragas, em busca de um novo veio de ouro descoberto cerca de trezentos quilômetros distante de Manaus. Era a anunciação do começo do fim da integridade da grande floresta tropical, pois todos os crimes e contravenções cometidos, até então, contra a Amazônia aconteciam clandestina e veladamente. O comportamento hostil e escancarado daqueles mineradores alucinados ultrapassava todos os limites da civilidade, do respeito às leis, do cumprimento às regras constitucionais, de reverência ao poder público constituído.

Ficava claro, a partir desse triste marco, que a floresta das grandes chuvas virou definitivamente terra de ninguém, como a Grande Corrida do Ouro no velho oeste americano, em meados do século XIX, onde milhares de pessoas oriundas de várias partes do continente norte-americano — até de outras partes mundo — invadiram a região do American River, no então território da Califórnia, e varreram os leitos e as margens dos rios de ponta a ponta atrás do tesouro dourado. Em princípio, utilizaram o processo de mineração de garimpo de bateia; depois, desenvolveram métodos sofisticados com a utilização de máquinas e dragas. Esse caos exploratório durou cerca de cinco anos e rendeu muito dinheiro a poucos e pouco dinheiro, muita doença e percalços a muitos.

Há de se frisar, no entanto, de que aquela corrida insana ao ouro no oeste dos Estados Unidos aconteceu em outro período da história, onde as terras do continente norte-americano do lado ocidental das Montanhas Rochosas ainda não estavam estabelecidas e regulamentadas como possessões de propriedade ianque; e que a presença maciça de mineradores na região tornou as vilas e assentamentos de estadunidenses, nas terras disputadas com a Coroa Espanhola e o governo mexicano, em grandes cidades com muita prosperidade, como exemplo a vila de San Francisco, que se tornou um burgo populoso e próspero.

No caso brasileiro, a exploração indiscriminada de ouro nas águas dos rios amazônicos acontece num período diverso da grande Corrida do Ouro, visto que estamos numa era em que em tudo que é ligado a ecossistema começa a valer literalmente ouro; em que os olhos do mundo, e de seres de outras galáxias, quiçá, estão voltados para o verde, para as águas límpidas, para os lagos cristalinos, para os mananciais, para os mares impolutos, para o ar respirável, para a própria sobrevivência humana num futuro não muito distante.

A atual garimpagem imparável e descontrolável tem ainda o agravante de que trará graves consequências à saúde das próprias populações ribeirinhas, dos povos originários e dos quilombolas. O mercúrio, principal material prima utilizada no processo de garimpo fluvial, decerto reduzirá e provocará danos irreparáveis à já combalida floresta, causando a dizimação rápida e célere de espécies animais e vegetais do bioma amazônico.

Voltando às imagens de TV citadas no início desse texto, as composições que pareciam procissão de casas flutuantes são na realidade máquinas conhecidas como dragas de sucção e corte ou draga de sucção e recalque — também conhecidas como a sigla em inglês CSD - *Cutter Suction Dredge* —, que combinam os dois princípios básicos de dragagem: escavação e sucção. Seu funcionamento se dá através de uma ferramenta rotativa de corte. Assim, o solo é desalojado para que possa ser transportado por um tubo de sucção. Dragas dessa espécie podem escavar solos de todos os tipos, desde areia e cascalho até materiais compactos e duros, como argila, rocha macia e camadas finas de rocha dura.

Imaginem, então, o estrago que mais de mil máquinas como essas podem fazer tão-somente revolvendo lama e solo do fundo dos rios e depurando o material, o com o uso de mercúrio, para obter algumas gramas de ouro.

O bônus auferido pelo garimpeiro em si é muito insignificante — assim como na época da Corrida do Ouro —, pois apurando tudo o que ele ganha, descontado o custo com maquinário e outras despesas, é muito parco. Mas, para os financiadores, os latifundiários e os financistas, o lucro é enorme e toda a montanha de dinheiro é revertida para investimentos em suas grandes propriedades e também para uso especulativo no mercado financeiro.

A draga gira; a natureza sofre; o ecossistema padece; os garimpeiros aventureiros trabalham muito e auferem pouco e quem sai lucrando, no fundo, é o grande dragão (o dono verdadeiro das dragas) que observa o estrago à distância, enquanto vê as suas cifras reproduzirem em velocidade geométrica num mercado criptográfico talvez.

C'est la vie.

**Gilmar Duarte Rocha**, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.

## MARVEL MORENO: A ESCRITA D' O TEMPO DAS AMAZONAS



Yo pienso que una persona no se realiza a sí misma si no ha realizado su sexualidad. Es decir que –es el pensamiento de Freud y también lo dice Reich– a partir del momento en que la persona se apropia de su sexualidad, se puede afirmar en el mundo. De otro modo tendrá siempre un carácter infantil y dependiente. Y eso es lo que el poder quiere: el poder trata de infantilizar a los seres humanos, haciéndolos sentir culpables de su sexualidad, para que se conviertan en unos ovejos. Finalmente, sexualidad y libertad son problemas que conciernen no solo a las mujeres, a los hombres también. La privación de la sexualidad por parte del poder se vuelca en contra de la sociedad; siempre nos han querido reducir así. Luchar para recuperarla es necesario para poder afirmarse en el mundo. (MORENO, 1988).

**M**arvel Luz Moreno (Colômbia, 1939- Paris, 1995) foi uma escritora colombiana que teve sua produção literária silenciada por muito tempo, por motivos *extraliterários*. Hoje, é uma das escritoras mais representativas da Literatura de autoria feminina na América Latina do século XX, do *pós-boom*. Para uma de suas pesquisadoras Mercedes González-Rubio (2021), ela escreveu sobre suas experiências como integrante da elite local, com uma postura fortemente crítica em relação à sociedade patriarcal na qual teve que crescer, vendo como as mulheres são submetidas a altos graus de violência física e simbólica.

Isso contribuiu para que seus contos, relatos e romances narrassem o complexo do universo feminino, o desamor, o patriarcalismo em crise, as mudanças sociais, sobretudo em relação ao papel da mulher na modernidade de uma sociedade decadente de direitos e permeada por valores arcaicos, que ainda continua cobrando da mulher o exercício de uma função subserviente ao homem. Ela estampou em suas histórias os perfis femininos moldados pelo machismo, de acordo com Pardo (2020), ancorado na cultura de Barranquilla, da Colômbia ou da América Latina, denunciando a opressão sofrida por suas mulheres- personagens e conseguiu ser uma autora de livro de sucesso na atualidade.

A produção literária de Marvel foi publicada na segunda metade do século XX, entre 1969 e 1995. Embora, invisibilizada por muito tempo no cenário literário latino-americano, a crítica especializada se interessou por sua obra pelo teor de crítica social presente em suas narrativas. Mercedes González-Rubio (2021) defende que a insistência dos trabalhos no meio acadêmico colombiano é responsável por trazer à tona a obra dessa autora que com um número limitado de leitores, já é conhecida e tem a mesma importância de outro colombiano internacionalmente conhecido como Gabriel García Márquez.

Mas, a pesquisadora de Marvel lamenta o fato das obras da autora ainda apresentar um sinal de pouca importância, uma vez que seus livros não circulam, com frequência, nas livrarias, nem nas escolas, teatro, biblioteca como ela merecia, não há praça ou prédio que ostenta seu nome; nenhum prêmio literário foi criado em sua homenagem e, exceto pelos esforços daqueles conhecedores de sua obra, os aniversários de suas publicações ou de seu nascimento e morte passam quase despercebidos.

Quanto à sua vida em Paris, por um lado, Mercedes González-Rubio (2021) destaca que Marvel não seguiu uma carreira jornalística, apesar dela ter passado por várias escritas, flertes com este gênero. Marvel também não seguiu a carreira diplomática embora possuísse credenciais para entrar na área, ela vinha de uma família com boas situações financeiras e esteve em um momento de sua vida relativamente próxima dos círculos de poder.

Marvel foi uma mulher de uma personalidade recatada, isolada, com muitas feridas e cicatrizes morais, como Rodríguez Amaya relatou (PARDO, 2020). Tinha uma vida discreta, era sensível e ao mesmo tempo uma observadora atenta aos problemas que as mulheres sobreviviam das muitas cobranças do patriarcado. Ela recebeu como influência feminina, sua avó na infância, depois as mulheres - acadêmicas e outras escritoras. Quanto as suas leituras, destacam-se: Rosario Ferré, Nélida Piñón, Claribel Alegria, Blanca Varela, Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, Carson MacCullers, Katherine Mansfield, Amira De la Rosa, Meira Delmar e Helena Araújo.

Essas mulheres influenciaram o pensamento de Marvel, que escolheu a prosa fluida e sintaxe rigorosa, personagens cativantes e mulheres protagonistas, para caracterizar sua produção literária, assim como uma crítica mordaz à alta classe caribenha em que nasceu. Ela foi tão pioneira e influente quanto os grandes autores latino-americanos. No entanto, o público colombiano, em geral, só conheceu sua obra 20 anos depois de sua morte.

A publicação de cada um de seus livros gerou uma saga cheia de versões e conspirações, por ela apresentar diretamente uma consciência de uma educação feminista, mesmo não se declarando ou militando publicamente como feminista. Marvel explorou os padrões viciados, perversos e decadentes do sistema patriarcal, machismo, homofobia, prostituição, violência de gênero, etc., demonstrando o quanto esse mundo é guiado pelas relações de poder e um mundo sem amor, de violências, principalmente para as minorias sociais, por isso seus textos são inquietantes e incomodaram por tanto tempo a sociedade em que ela viveu. Marvel conviveu por mais de duas décadas lutando contra o lúpus; sofreu “depressões largas e profundas em meio à asfixia econômica e uma morte precoce, aos 56 anos, por um enfisema pulmonar.” (PARDO, 2020, p. 1).

Dentre suas obras, pode-se citar:

- Algo tão feio na vida de uma senhora boa (1980)
- Cette tache dans la vie d'une femme comme il faut (1983)
- En diciembre llegaban las brisas (1987)
- Les Dames de Barranquilla: roman (1990)
- El encuentro y otros relatos (1992)
- El tiempo de las Amazonas (1994)

Nessas narrativas, Marvel apresenta suas mulheres como espelhos da sociedade que estipula rótulos e as categoriza para determinados fins sociais – em todos eles, o corpo feminino é direcionado à inferiorização, no entanto, no decorrer dos enredos, suas personagens vão mudando essa orientação, tornando-se Amazonas de seus destinos. Ensina suas mulheres fortes a serem sempre fortaleza, e as fracas de que elas não estão sozinhas, que as mulheres vivam em comunidades, em círculos em que uma pode proteger a outra, que uma pode lutar pelo direito da outra, em um verdadeiro mundo das mulheres criado pelas mulheres e para as outras mulheres. Por isso, tirar a obra dessa mulher desse apagamento literário é permitir a toda mulher aprender com ela, a ser Amazonas em nosso próprio tempo e lutar por nós mesmas.

## Referências

GONZÁLEZ-RUBIO, Mercedes Ortega. “Un lugar en el campo literario: Marvel Moreno como la “escritora reservada””. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, e66142, 2021.

PARDO, Daniel. A surpreendente história de Marvel Moreno, a escritora colombiana 'tão importante quanto García Márquez', **BBC News- Brasil-2** fe.2020. Disponível em: [www.bbc.com/portuguese/internacional](http://www.bbc.com/portuguese/internacional). Acesso em 11 dez.2021.

MORENO, Marvel. **Una entrevista inédita de 1988 con Marvel Moreno.** Por: Fabio Rodríguez Amaya. Disponível em: <https://www.semana.com/>. Acesso em: 11 dez. 2021.



**MARVEL MORENO – FOTO DIVULGAÇÃO**

**Cristiane de Mesquita Alves** é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFGA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Líder do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS/UFGA/CNPq). Autora do livro de poesias *Riscos de Mulher* (Editora Todas as Musas).



Pacote Divulgação  
PARA AUTORES

DIVULGUE O SEU LIVRO

G A R A N T A  
JÁ

POR APENAS R\$ 100

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz: seus leitores.

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA



**DIVULGUE**

Nossa mídia é especializada em literatura, livros e autores. Divulgue a sua obra com quem realmente entende do assunto.



**DIVULGUE PARA + DE 150 MIL LEITORES**

**SAIBA MAIS**

E-MAIL: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# AUSCHWITZ

## DESTRUIÇÃO E SOBREVIVÊNCIA

Por Clayton Alexandre Zocarato



Os Horrores de Auschwitz ganharam um contorno realístico nessa obra de cunho jornalístico literário, encabeçando um terror estatal, ao qual grande parcela das pessoas que não são *“classificadas como arianas”*, são subjugadas como sendo um caso de anomalia naturalística do desenvolvimento bioantropológico, que precisa a todo custo ser exterminado, sendo tratados como animais, perante uma conjectura de distanciamento de uma realidade histórica, onde a vida alheia, passa por um empirismo, sendo um plantel de subjetividade destrutiva da ética em se aceitar o próximo.

Já não há mais tolerância, e tão pouco uma conjectura de importância perante a vivência do outro. Empatia zero.

Tudo tem que servir aos objetivos nebulosos do III Reich.

Eddy De Wind vivenciou na pele a barbárie nazista em Auschwitz, aos quais a, *“banalização da maldade”*, segundo as palavras de Hannah Arendt, fez com que qualquer tipo de derramamento de sangue, fosse aspergido por uma lógica, de que dentro da política tudo pode se servido como um fanatismo de afastar-se da razão lúcida, em busca da construção de uma emoção neurótica, encabeçada pela sujeição de um povo pelo outro.

Auschwitz, não foi somente uma anti-sala do inferno, mas um retrato de uma historicidade cínica, onde os valores mais elementares do ser-humano foram, colocados dentro de uma racionalidade de destruição da subjetividade, que assim nutrisse algum tipo de empatia, aos quais realçasse uma comisseração de valorizar a individuação, sem precisar de conter a dor alheia como força motriz.

Uma dor, que foi transposta em um grau sentimental de insignificância, na construção de um *“Direito Discriminador”*, em fazer de cada membro da nação, um juiz executor de abusos indecifráveis, onde tudo é justificado pelos princípios burocráticos de eliminar qualquer grau de compaixão pelo *“diferente”*, perante arquétipos multiculturalistas, que não estivessem de acordo com seu escopo nacionalista, fora de um arcabouço metafísico de argumentação, contra um Totalitarismo de Estado, que praticamente foi fabricando mentalidades, que só continham a faculdade de obedecer á tudo e á todos que pertenciam às raízes do Partido Nacional Socialista.

Ou seja, a Alemanha foi retratada por Eddy De Wind, como um prenuncio de *“Ensaio Da Cegueira”*, fazendo jus a José Saramago, onde não importa que se faça, o *“maquiavelismo”* de que *“os fins justificam os meios”*, são levados até as últimas conseqüências.

Conseqüências, que não geraram uma consciência, que fosse estar para além do momento que se vive promovendo, tais atos de discriminação e destruição dos Direitos Humanos mais elementares, sendo taxados como formas de uma documentação histórica do funesto, onde a crueldade sem limites são seus principais atributos, em se constituir como uma autobiografia de engrandecer uma ética que pudesse outorgar, a tolerância, bem como uma separação entre o que seja da Lei Escrita, ou o que pode ser considerado digno em ser classificado como algo que deve ou não ser cumprido, perante seus cunhos de legalidade.

De Wind, é um exemplo de como as artimanhas do biopoder podem serem usadas como um artefato de construção literária em denunciar as piores atrocidades humanas,

que venham assim a construírem uma ciência, que fuja de um sentido de lucidez aos quais realizam uma oferenda cativa de respeito pela vida.

Uma artimanha de escrita pelos quais as pessoas vão sendo descritas e destruídas, dentro de uma racionalidade subsidiada para um sentido de sobrevivência da decência humana, ao qual o Nazismo, veio a transformar ao promover um distanciamento *“cartesianista”* de respeitabilidade orgânica, que assim não visse unicamente seus fatores estéticos ou culturais como elementos para a construção de um sistema de discriminação em massa.

Essa idéia de massa, que mina os sentimentos humanos mais elementares, levando para uma natureza coletiva zumbizante, mas que comisera uma coisificação, daquele que não seria agraciado pelos princípios de conservação da raça pura ariana.

Essa coisificação, chega a um grau comparativo da *“coisa em si” heideggeriano*, ou seja o ser humano segundo a imagem de De Wind, dentro do Totalitarismo Teutônico, representa um reducionismo da crença de uma moral do ser humano em si mesmo.

Ele se volta para uma terminologia da coisa existencial, ou seja não existe mais o indivíduo, e sim objetos feitos de pele e ossos, que precisam serem exterminados ou escravizados para assim os desejos mais íntimos do Führer sejam extasiados.

Não importando para isso usar da loucura dos sonhos de pureza geneticista de Josef Mengele, que assim incorpora um sentido de *“Victor Frankenstein”* da história recente, contemplando a lucubração de um conhecimento, que possa se chegar a uma integração de espiritualidade a conter uma empatia pelo que seja *“anormal dentro de sua paranóia ideológica”*.

Sendo assim, o *“diferente, passa para um conluio de vim a ser caracterizado como sendo automaticamente um ser excluído”*.

Os fornos crematórios são instrumentos necessários, para a consolidação de um sentimento de destruição da compaixão.

Auschwitz aglutinou as pessoas sendo tratadas unicamente por números, e seus corpos, foram configurados como marcas de uma barbárie, desconsiderada de um surgimento metafísico.

Ou bem seja o ser – humano foi coisificado, por uma doutrina de Estado, que dentro de um *“Positivismo Político Sanguinário”*, onde já não cabe o pessoal, mas sim um interpessoal, onde as relações humanas são construídas, para um sublime espetáculo de historicidade macabra, que faz de todo um sistema público, ser seduzido por um Direito de Estado discriminador, legitimando a morte em grande escala, como algo de normal.

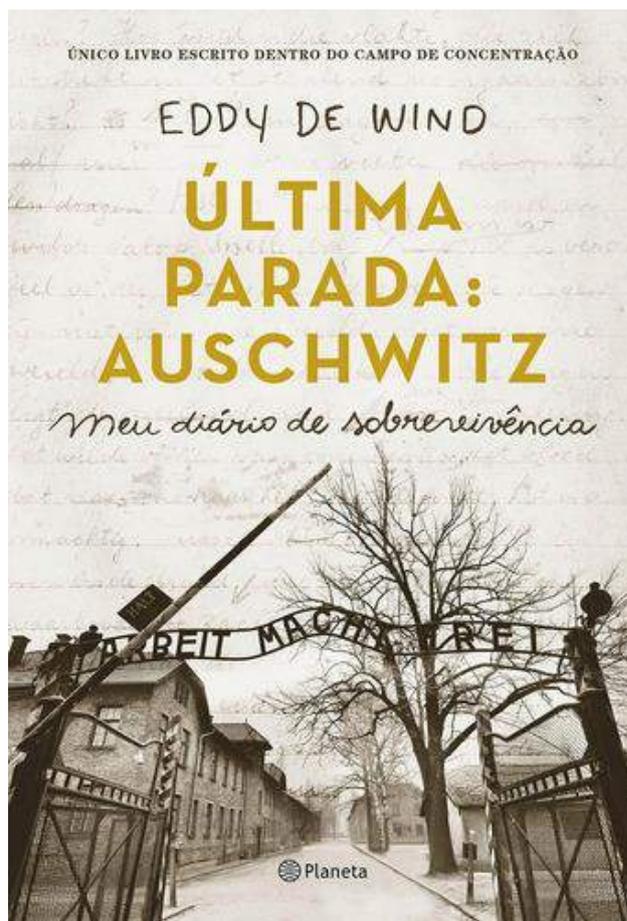
De Wind, faz da sua *“literatura de testemunho”*, um forte sentido de espacialidade indagadora em alerta constante, para uma rebelião de intelectualidade, que não seja exclusivamente construída somente a favor da métrica gramatical, mas sim que venha produzir uma sobriedade dos perigos, e ponderações partidárias e pseudo-democráticas, que detém em torno de suas gêneses o sentimento de aniquilação e dominação plena de seus opositores, quanto a uma conduta unívoca de argumentação, que contenha uma epistemologia de destruir para poder construir, aquém de seus objetivos mais escusos.

E no sentido de “destruir”, Hitler era um mestre, pois não detinha o menor lampejo em seus discursos de declarar-se um antidemocrático de primeira linha, que via nos ditames de liberdade coletiva, uma semântica de medo constante, em não ter seus sentimentos de dominação plena, serem consolidados, contando com o poderio de sua retórica, situada no uso da força da coesão sistemática e verborrágica para se chegar à anormalidade dentro de sua normalidade mental delirante.

De Wind coloca que essa anormalidade, chegou a um momento durante a barbárie de Auschwitz, já não tinha mais nenhum sentido em se sentimentalizar, onde *“a fumaça dos fornos crematórios”*, se tornou uma característica natural de um rastro pleno de irresponsabilidade, em fazer do seu desejo paranóico de líder fanático, a coletivização de assassinios, que continham o significante de estar fazendo aquilo que dentro da Lei, é considerado como certo.

Para uma teoria da ciência baseada em um banho sangue severo, está uma tipologia, em esmiuçar um relato de sua sobrevivência em Auschwitz, como uma obra de arte que seja iluminada alertando sobre os perigos de um afastamento gradual de política, que fique exclusivamente aos meandros da burocracia, aonde toda e qualquer direcionamento de ordem oriunda de gabinetes oficiais, venha a decompor o fato de uma intermitência em fornecer elementos empíricos, quanto a justifica, que todo e qualquer tipo de terror, seja um parâmetro para auspiciar, um progresso intelectual que esteja submetido ao extermínio, que assim afaste uma promulgação de protecionismo civil, que possa abarcar todas as pessoas independentes de suas origens étnicas.

Os Campos De Concentração, não foram um início imediato do Totalitarismo, mas tiveram um fator de vital valor para o seu engrandecimento, que segundo as palavras, do filósofo Raymond Aron *“fizeram da sobrevivência, a um ato de conjurar lutas, contra um horror, que foi sacralizado pela Lei”*, ou seja, De Wind é um exemplo de que na *“ilegalidade coerente e justa em não cumprir regras”*, está sinalizado um sentido ideológico em se fazer um tipo de conhecimento ativista, que possa assim sair de um prognóstico imaginativo, onde todo acontecimento histórico, venha a seguir seu curso, sem a interferência direta da conduta pessoal do líder da Nação, e que as desobediências as suas vontades, é um vetor intelectual, para se chegar a uma conscientização, que venha a possibilitar rupturas com um *“status quo”*, que promova a discriminação e a segregação entre os povos, reduzindo a importância do valor democrático de atividades



científicas, que promovam o desrespeito pela vida humana, em nome de emoldurar doutrinas de Estado concatenadas para o ódio e a intolerância.

Em determinada parte do seu relato De Wind, coloca que o extermínio de uma *“intelligentsia judaica”*, favoreceu uma maior doutrinação por parte dos alemães, que tudo aquilo que faziam em nome do fanatismo do III Reich era algo natural e justo, para que seu *“espaço vital fosse assim garantido”*, ou seja, chegando ao tecnicismo em se aceitar todo e qualquer tipo de barbárie, como Auschwitz sendo algo corriqueiro, o que alerta para a necessidade na contemporaneidade, se fazer uma educação multiculturalista, que possa assim valorize visões opiniões contrárias entre as pessoas.

*“Última Parada: Auschwitz: Meu Diário De Sobrevivência”*, é um relato sombrio de alguém que presenciou uma atomização do conhecimento em nome da morte, e que assim deixa um lembrete, que quando a razão se torna unicamente cumpridora de métricas objetivadas sem conter a procedência da subjetividade coerente, tudo pode se tornar normal, dentro de uma anormalidade que foi orquestrada em mentes ditas de zelo e respeito pelo próximo, realizando sínodos de terrores que fazem da política, ao invés de uma oferenda de integração entre os homens, grilhões de fanatismos, que visam, sobrepujar uma etnia pela outra, pelo uso extremado da massificação e controle de corpos e mentes.



**Clayton Alexandre Zocarato**

Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceuclar - Campus de São José do Rio Preto – SP.. Escrevo regularmente para o site [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br) usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.

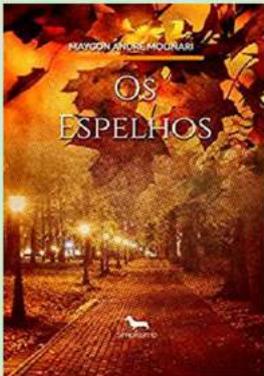
Email: [claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br](mailto:claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br)

Instagram: Clayton.Zocarato

Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>

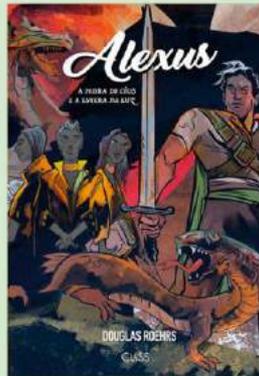
# DICAS PARA LEITURA

Porque amamos livros



**Os Espelhos**  
Maygon André Molinari

[clique aqui](#)



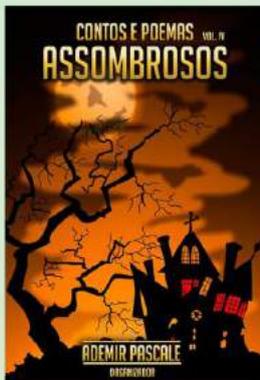
**Alexus - A pedra de céus e a Esfera da luz**  
Douglas Roehrs

[clique aqui](#)



**Contos e Poemas Natalinos**  
Ademir Pascale - Org.

[clique aqui](#)



**Contos e Poemas Assombrosos IV**  
Ademir Pascale - Org.

[clique aqui](#)



**Os Mistérios de Recife Velho**  
Ney Alencar

[clique aqui](#)



**Contos, minicontos e poemas infantojuvenis II**  
Ademir Pascale - Org.

[clique aqui](#)

“De todos os que preenchem nossa solidão, são os livros os mais anárquicos, os mais instigantes. Leia, e seu silêncio ganhará voz.”  
– Martha Medeiros

RESENHAS

ANTOLOGIAS

HQS

ENTREVISTAS

LIVROS



VENHA PARA O LADO CULTO DA FORÇA

# CONEXÃO LITERATURA

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

INSTAGRAM: @REVISTACONEXAOLITERATURA | FACEBOOK: @CONEXAOLITERATURA  
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PORQUE AMAMOS LIVROS

# PERDÃO...

POR SÍLVIA GRIJÓ

se grande poder eu tivesse  
para dar ordens ao tempo,  
Éolo - a rota do vento desviar,  
interagir com a atmosfera,  
biosfera, hidrosfera,  
mexer no todo, mudar,  
todos os eventos da Natureza  
poder dominar,  
ah, se muito poder eu tivesse,  
intercederia a teu favor,  
compartilharia tudo, tudo,  
metade da chuva de hoje  
mandaria para você,  
teu solo todo molharia,  
irrigaria tua roça, tua plantação,  
teu pomar, teu jardim,  
todo teu chão  
e amanhã, de manhãzinha  
contemplarias o verde  
esperança... Quem sabe  
o verde verdade, o ardente  
brotar das sementes, a girar  
a flor amarela, toda bela  
alimentando vidas  
nas asas dos sonhos...  
mas não detenho poderes  
sou só uma mulher que  
ao extremo, ama...  
amante... Pecadora  
sem direito algum,  
se eu tivesse ao menos um só,  
me ajoelharia humildemente  
e pediria  
– PERDÃO...



# COBIÇA

POR SÍLVIA GRIJÓ

meu olhar se infinita  
na imensidão das águas,  
ultrapassando as negras  
embrenhando-se nas barrentas,  
sem me dar conta dos limites,  
mergulho nessa desenfreada busca,  
procuro aquele ingrato recreio  
que de mim te separou,  
as lembranças vagam,  
trazendo à tona aquela triste cena:  
nosso aperto de mãos,  
nosso abraço calado,  
nosso último beijo selado,  
teu olhar introspectivo  
de quem não quer partir...  
me deixo levar pelos devaneios,  
neles, a ânsia do encontro  
ancora na enseada da saudade,  
Perde-se nessa busca insana...  
e nas margens desse rio-mar,  
meu corpo evoca o teu,  
alagando-me a cobiça  
de ter-te  
outra vez...

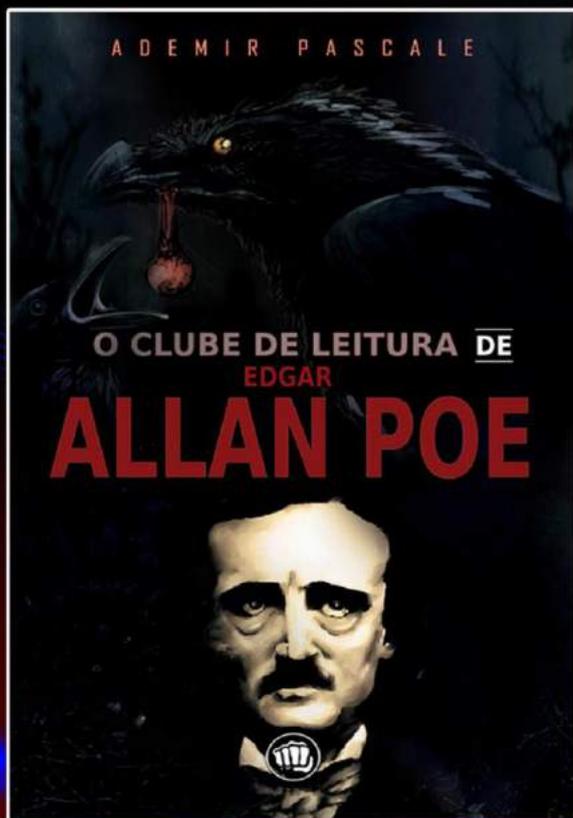


# MEU POEMA DORMIU TRISTE

POR SÍLVIA GRIJÓ

nessa noite,  
meu poema  
dormiu triste,  
acabrunhado,  
apijamou-se de cinza,  
acobertou-se de negro  
dormiu triste,  
nem se quer alimentou-se,  
dispensou até mesmo a taça  
daquele vinho chileno  
que tanto o anima,  
recusou o chá de camomila  
que lhe acalma nos momentos  
de grandes tensões,  
meu poema, dormiu  
triste de dar dó,  
nenhum boa noite,  
nenhum abraço,  
nem o beijo aceitou...  
olhar distante,  
pálido semblante,  
vagarosos movimentos,  
desanimado, meu poema  
caminhou até seu leito,  
sem dizer palavra alguma,  
vestiu-se de cinza  
dormiu triste...

SÍLVIA GRIJÓ – é natural de Anorí-AM, mora em Manaus, considera-se escritora em construção e aprendiz de poeta. Autora da obra MULHER À FLOR DA PELE - Editora Palavra da Terra. É coautora em 23 Antologias, 03 E-books nacionais e internacionais. É membro efetiva da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil- ACILBRAS, é membro fundadora da Academia de Letras e Cultura da Amazônia-ALCAMA. É sócia titular das Associações ABEPPA, ASSEAM e AJEB-AM. Integra o Grupo “Formas Em Poemas”, atua no Projeto “Literatura Caminhante”. É graduada em Ciências Biológica, Pós-graduada em Educação e Desenvolvimento Social e Educ. no Campo, Educa. Social, fotógrafa. Ativista da literatura amazonense feminina. Cuidadora da Terra, Plantadora de Amores, Defensora da Causa das Flores. É Fêmeanista. Sílvia acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento – é dar a luz com a própria alma.



Situado numa sala de um antigo prédio do centro da cidade de São Paulo, o Clube de Leitura de Edgar Allan Poe, apresenta personagens intrigantes e problemáticos, iniciando pelo cofundador, um velho caolho de nome Clay, que não vê mais sentido na vida depois da morte trágica da esposa Virginia. Henrico e Marcelo, irmãos órfãos que tentam levar uma vida pacata em um sebo na garagem de casa, mas que eventos sobrenaturais assolam a vida de um deles, que é atormentado por corvos. Samanta é uma jovem gótica e solitária. Rafael, ex-vocalista da banda Nevermore, sente-se rejeitado pela rica família e vive nas ruas e noites paulistanas tentando encontrar um novo caminho. Bernardo e Kátia, casal que discute a relação entre casar ou apenas morar juntos, vivem aventuras perigosas. Mas, todos com algo em comum: a paixão que nutrem pela vida e obra do inigualável mestre do horror: Poe.

**DO AUTOR ADEMIR PASCALE**

# POLICE LINE

PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:

[www.selojovem.com.br](http://www.selojovem.com.br)



RESENHA

# CASA GUCCI

POR RAFAEL BOTTER

Casa Gucci conta a história do clã Gucci, a família italiana que construiu um império da moda e artigos de luxo. Começando pelo fundador, Guccio Gucci, que abriu a primeira loja em Florença, passando pelo apogeu nos anos 1950 e 1960, com seu filho Aldo, e terminando com o assassinato do último membro da família a dirigir a empresa, Maurizio Gucci. A biografia da família é marcada por luxo, glamour e sucesso, mas também por brigas, processos, cobiça e assassinato. A autora reuniu essas histórias para contar a saga da dinastia Gucci, o assassinato de Maurizio e a condenação de sua ex esposa, Patrizia, como mandante do crime. Ela traça, ainda, um paralelo com o mundo da moda, contando a trajetória de vários estilistas famosos, como Tom Ford, o responsável pelo renascimento da grife Gucci e a briga de dois gigantes do mercado de luxo, LVMH e PPR, pelo controle da empresa.

Uma das grifes mais famosas do mundo, envolta em mistérios, ganância, poder e até mesmo assassinato. Casa Gucci é uma biografia do qual mostra os bastidores de uma das famílias mais poderosas do universo do luxo e glamour.

Sara Gay Forden, traz uma obra biográfica da família Gucci, "família perfeita aos olhos da mídia", do qual constituiu um império da moda através das décadas, com luxo e requinte, conquistando um seleto grupo de alta sociedade.

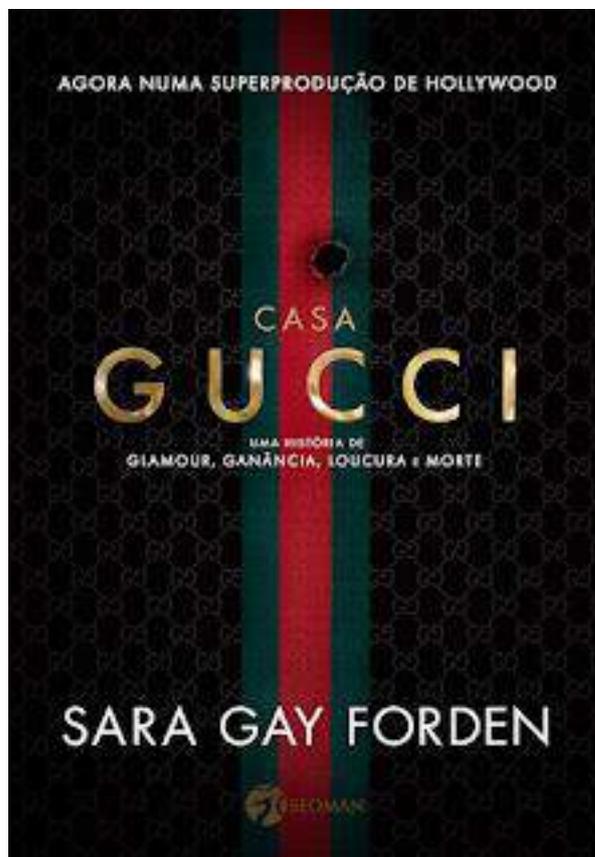
A autora possui uma escrita envolvente com características e estilo jornalístico, Sara Gay não poupa esforços em trazer à tona tudo da família Gucci, até mesmo o lado sombrio dos próprios familiares.

Ok! Nem tudo são flores, os leitores vão acompanhar os bastidores da moda e alta grife ao redor do mundo, através da família Gucci e sua marca já consolidada em vários lugares. Um dos pontos marcantes é mostrar de forma intensa toda ganância, rebeldia e traições, tudo por conta do dinheiro.

A marca Gucci representa um estilo de vida e status com suas roupas, acessórios e até mesmo perfume. Eles conseguiram moldar o estilo de vida da alta sociedade e de inúmeras estrelas de Hollywood.

Um dos pontos positivos do livro foi seguir uma linha cronológica, seguindo os primeiros passos do patriarca da família iniciando seus trabalhos através dos anos vendendo e produzindo tecidos na Itália, até os dias atuais mostrando toda transformação da Gucci.

Os leitores estão mais ávidos para acompanhar o fim trágico de Maurizio Gucci, assassinado friamente enquanto estava se dirigindo para o escritório. Sara Gay teve todo cuidado de apresentar os detalhes antes e depois do crime e suas consequências entre os próprios familiares.



É reviravolta atrás de reviravoltas na família Gucci. Em cada capítulo vamos acompanhar todo o processo de investigação para encontrar os verdadeiros culpados e os reais motivos para tal atrocidade. Leitura instigante do começo ao fim!

Vale a pena? Com toda certeza! Uma leitura impactante logo nos primeiros capítulos, levando o leitor para todo universo da moda e da ganância por mais poder e dinheiro. Leitura obrigatória para os amantes da moda e biografia.

Título Original: Casa Gucci - uma história de glamour, ganância, loucura e morte

Autora: Sara Gay Forden

Editora: Seoman

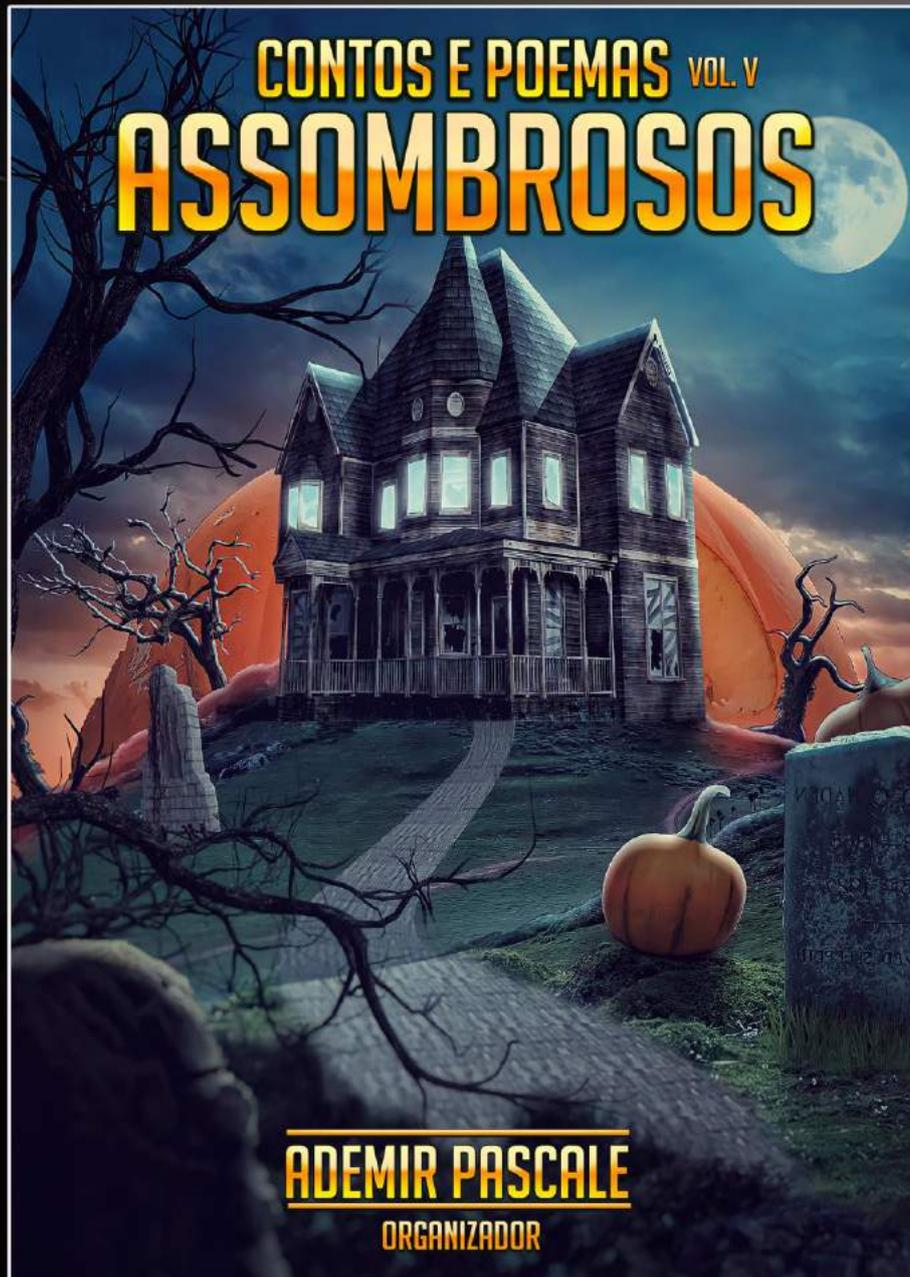
Páginas: 520

Lançamento: 2021



Sou o **Rafael Botter**, nascido lá pelos idos dos anos 80/90. Nerd de carteirinha e um devorador de livros e cinéfilo nas horas vagas. Apaixonado por Astronomia, Burguer e Pizza, nem sempre nessa mesma ordem.

PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



LEIA OS EDITAIS  
CLIQUE AQUI

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

POR BERT JR.

# NOVOS DITOS

...the business will  
...out our (own)  
...supply goods  
...never renew  
...we must



**G**ente como eu e (provavelmente) você costuma andar com os bolsos da mente repletos de papeizinhos onde vários ditos populares estão anotados. Volta e meia, sacamos um do bolo para usar daquela autoridade que as maiorias anônimas possuem, de forma a poder enquadrar uma experiência nossa, ou um fato da vida, numa moldura de sentido comum.

São frases repetidas desde tempos imemoriais. Eu mesmo recorro ter ingerido várias dessas pílulas sob o judicioso critério de minha saudosa avó materna. Venho sentindo, porém, que esses velhos ditos populares têm perdido força ultimamente. Talvez isso se deva, em parte, à ruptura, ou esgarçamento, na transmissão de valores de uma geração a outra, uma vez que no cenário característico da vida contemporânea as informações chegam aos mais jovens diretamente por meio virtual. Nesse contexto, a internet e as redes sociais passaram a ser os novos campeões da autoridade sobre a informação, sem possuir, em contrapartida, um pingão de responsabilidade quanto ao processo educativo dos jovens clientes.

Uma vez cumprido o necessário rito de chover no molhado, ou malhar o judas (olha as expressões populares aí!), convém reconhecer que parte da explicação para o fenômeno poderia dever-se ao anacronismo das fórmulas encerradas nos ditos ditos (desculpem, não resisti). Tomemos como exemplo a bem-humorada frase “se melhorar estraga”. Quando um jovem de hoje ouve isso, acostumado que está aos universos fantásticos e documentários reais e hiper-reais do Youtube e da Netflix, é inevitável que se espante até a medula. Para a nova geração, simplesmente não existe a possibilidade de algo vir a se estragar pelo fato de melhorar ainda mais. Em algum ponto da história recente da civilização, perdeu-se o gatilho para o sutil passo lógico de que, se algo já é maravilhoso, talvez seja melhor contentar-se em usufruí-lo do jeito que está, para não correr o risco de arruiná-lo. E não vai adiantar sair de gatinhas pelo tapete atrás do que se perdeu, porque o “seu”, a “sua” jovem não vai dar a mínima e continuará jogando o seu game, ou chateando (do inglês *chatting*) para ampliar sua rede de amigos desconhecidos nas mídias sociais.

Exatamente por isso, acho que já é hora de se buscar efetuar um exercício de revisão crítica, com vistas à criação de novos ditos populares afeitos aos novos tempos, que possam ser transmitidos pela geração atual para a próxima, pelo menos. Proponho, assim, que, em lugar de “se melhorar estraga”, adotemos a fórmula “SE MELHORAR ME ESQUEÇAM NAS SEYCHELLES”. Sentiu o ganho qualitativo? Antes, havia uma atitude refratária à mudança. Contentava-se em permanecer num certo patamar da experiência, com medo de arruinar o já conquistado ao querer ousar em outros projetos. Agora, a nova fórmula carrega, implícito, um convite à possibilidade de melhora. Inclusive, se ela de fato se concretizar, você já avisou à galera que se permitirá desfrutar de um paraíso terrestre por tempo indeterminado.

Um segundo exemplo nos é dado pela ubíqua frase “se Deus quiser”. Temos que entender que a nova geração não aceita mais essa dependência de uma fonte de energia que não esteja ligada à tomada da parede do quarto. Para eles, faz muito mais sentido que digamos “ATÉ MESMO SE DEUS QUISER”. Pronto. Preservou-se a noção de um

deus, mas não estamos mais condicionando tudo à vontade dele. Para o ser divino fica até melhor, pois assim não precisa estar metido naquela burocracia enfadonha de colar selo de aprovação, ou desaprovação, em cada um de nossos atos.

Uma variante dessa mesma família de ditos de fundo religioso é “quando a hora chegar saberemos a verdade”. A juventude de hoje não se liga nesse papo de conhecer a verdade. A verdade, nos dias correntes, tornou-se uma mercadoria que atende a todos os gostos, bastando escolher a narrativa mais conveniente. Outra coisa incompreensível para as cabeças de hoje: por que raios a verdade esperaria um momento crucial para se revelar? Por isso, faz muito mais sentido dizer “QUANDO A HORA CHEGAR TENHA UMA BOA DESCULPA”. Como, no fundo, ninguém tem certeza sobre a “verdadeira” verdade, é bom contar com uma boa desculpa caso ela resolva fazer uma aparição triunfal em algum ponto da vida.

Há, ainda, outros ditos que seria recomendável mudar. Por exemplo: “tudo tem a hora certa para acontecer”. Essa platitude é impalatável nos tempos atuais. Muito mais complexo e desafiador é pensar que “NADA TEM HORA CERTA PARA ACONTECER”. Para a nova geração, tudo pode acontecer a qualquer momento, inclusive nada, como em geral ocorre. Na fórmula anterior, você ficava moralmente desculpado se preferisse aguardar a chegada da tal hora certa. Com o novo dito, fica estabelecido que o fato de algo acontecer não tem nada a ver com a existência de um misterioso momento predeterminado. Agora, está implícito que, caso deseje, você vai ter que se virar para uma coisa específica vir a acontecer de fato.

Urgente, também, se faz mudar o algo lúgubre “vai pela sombra” pelo pragmático e revigorante “VAI DE FERRARI”. Os jovens de hoje não precisam ser recomendados a ir pela sombra, eles já vivem nela. A sombra é parte incontornável das vidas de seres criados entre quatro paredes, na esmagadora maioria do tempo. A sombra é a amiga que lhes permite aumentar o contraste das telas dos laptops, tablets e smartphones. Portanto, faz muito mais sentido, e funciona para eles como fator de estímulo, ouvir dos mais velhos a recomendação de que vão de Ferrari, ainda que não se saiba exatamente para onde.

“Antes tarde do que nunca” é um exemplo adicional de dito anacrônico. Na sociedade que temos hoje, a frase necessita ser atualizada para “ANTES TARDE DO QUE CEDO DEMAIS”. A juventude procrastinadora atual não vê o nunca como ameaça, mas sim o cedo. Portanto, nada mais sensato, para estar de acordo com os ventos que impelem os rumos contemporâneos, do que reconhecer que o verdadeiro problema reside no cedo demais. Inclusive porque o cedo demais é um estado de materialidade, com peso e consequência na vida concreta, enquanto o nunca, não. Nesse sentido, o nunca nunca deveria ter sido um problema (de novo, não resisti...).

Antes que me alongue demasiado, darei um exemplo final, com a observação de que a lista de sugestões para novos ditos é muito mais longa. Tome-se a frase “mais vale um pássaro na mão do que dois voando”. Chega a ser chocante, não é? Com a sensibilidade ultra-aguçada que desenvolvemos para os temas ambientais, a frase adquiriu

um inaceitável tom politicamente incorreto. Para os jovens de hoje, é claro que um pássaro na mão é um crime, enquanto dois voando é o máximo. Você, leitor, poderá argumentar que se trata de linguagem figurada. E eu lhe respondo que a linguagem figurada foi pro beleléu. Se você não está num universo de fantasia – livros, games, filmes e olhe lá – a linguagem figurada pode criar sérios problemas. Por isso, é preferível dizer aos jovens de hoje simplesmente “UM JATINHO NO AR É MELHOR DO QUE DOIS NO HANGAR”. A fórmula tem a grande vantagem de estimular quem a ouve a imaginar-se como passageiro do jatinho, talvez seu proprietário, em viagem mundo afora. O jovem se enxerga, aí, em posição de gozar a vida, em vez de aferrado a uma lógica usurária e conformista, avessa ao princípio de que é a qualidade da experiência que dá gosto à existência. Celebrar o jatinho no ar significa estar aberto às possibilidades de desfrute de novas experiências, o que sem dúvida é muito mais empolgante do que possuir dois jatinhos no hangar, cobertos de pó.

Afinal de contas, “ao pó todos retornaremos” – ao menos até que a ciência venha a tornar obsoleto mais este dito popular.



**Bert Jr.** é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Publicou, em 2020, o livro *Fict-Essays e contos mais leves*. Também compõe músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos. Acaba de lançar seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Para 2022, pretende publicar um segundo volume de contos.



Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).

# VERTIGEM

POR BERT JR.

à borda do precipício  
as coisas todas arriscam  
despencar  
menos o orvalho  
que desce devagar  
até o fundo do abismo  
onde nutre a flor obscura  
obscura mas não menos pura  
com a qual muitos sonham  
e pouquíssimos ousam  
imaginar

O poema "Vertigem" faz parte do livro "Eu canto o ípsilon E mais", que acaba de ser publicado pelo autor.

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Publicou, em 2020, o livro Fict-Essays e contos mais leves. Também compõe músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos. Acaba de lançar seu primeiro livro solo de poesia: Eu canto o ípsilon E mais. Para 2022, pretende publicar um segundo volume de contos. Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).



FAÇA A LEITURA DO CÓDIGO QR ACIMA E

**ENTRE PARA O GRUPO DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

POR JOSUÉ CARLOS SOUZA DOS SANTOS

# KRENAK E O FIM DO MUNDO: UM RESUMO DE UMA ODISSÉIA



Questões centrais que orientam o resumo:

- Como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade?
- Somos mesmo uma humanidade?
- Sobre que se sustenta as ideias para adiar o fim do mundo?

O texto de Ailton Krenak aborda de forma crítica a construção da ideia de humanidade que vem sendo construída ao longo da história. Primeiro, a ideia de humanidade embutida nos processos de colonização como principal justificativa do processo civilizatório para trazer luz à “humanidade obscurecida” (as populações indígenas), por meio do encontro e trocas com a “humanidade esclarecida”, a civilizada (os colonizadores).

Segundo, a modernidade produziu uma ideia de humanidade cujos resultados tratados pelo autor, por meio de uma alegoria de um “liquidificador” em queo produto final acentua as desigualdades e injustiças estruturais com exclusão de mais de 70% da população. “A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos, êxodo rural dos camponeses e habitantes da floresta para as periferias das cidades, para servirem de mão de obra, sendo apartadas de suas identidades, em nome do processo civilizatório continuado”, diz ele.

Para Krenak, o pertencimento a uma humanidade civilizada é tratada pela dualidade entre a Terra e a humanidade, ou seja, a alienação entre humano e natureza, cujos resultados tem sido a perda do sentimento de pertencimento e um distanciamento do lugar de origem, bem como do vínculo com a identidade ancestral. Um antídoto para este estado de apartação e alienação é expresso na visão holística trazida comumente na cosmovisão de muitos povos indígenas de que “Tudo é natureza. O cosmos é natureza”.

O “mito da sustentabilidade” inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza; a invenção do termo ‘recursos naturais’, da forma como é cunhado pelos economistas, tornam a natureza como produto de consumo: “Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania”.

Para o autor, na perspectiva da “humanidade homogênea” o descolamento entre homem e natureza opera pela supressão dos formatos diversos assumidos por grupos caiçaras, indígenas, quilombolas, aborígenes que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina, que estão à margem da sociedade de consumo, e que possuem uma ligação orgânica e quase visceral com a Terra, sua organicidade incomoda às grandes corporações.

A essa “subhumanidade” considerada obsoleta, negam-lhes a pluralidade de culturas e modos de vida divergentes da cultura da homogeneidade na qual o consumo tomou o lugar da cidadania. E é justamente essa humanidade, seu modo de vida que é evidenciado pelo autor como uma alternativa a essa lógica de exploração.

Existem diversos “fins do mundo” possíveis, e estes podem assumir tantos significados quantos se puderem atribuir. Para muitos dos povos que sofreram o processo civilizatório, e cujos mundos subitamente desapareceram, o “fim do mundo” foi encontrado séculos atrás. “O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida é o fim do mundo”.

Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de nos fazer desistirdos nossos próprios sonhos.

A capacidade de adiar o “fim do mundo” estaria, enfim, ligada à resiliência, à qualidade de não desistir. Tal característica espelha a luta dos nossos povos originários que resistem e insistem em adiar o fim de seu mundo, da sua cultura e da sua organização social.

## REFERÊNCIA

KRENAK, AILTON. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



### **SOBRE O AUTOR**

**Josué Santos** é natural do Amazonas mas mora em Roraima, extremo norte do Brasil. É Bacharel em Teologia (2015), Pós-Graduado em Filosofia da Religião (2020) e mestrando em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania na Universidade Estadual de Roraima. É membro do grupo de pesquisa filiado ao CNPq titulado “Escola Amazônica de Filosofia”. É autor do livro “Uma Carta Sobre as Ondas” Publicado em 2020 pela editora Jocum.

POR JOSUÉ CARLOS SOUZA DOS SANTOS

**DA DOUTRINA FILOSÓFICA DA RELIGIÃO:  
UM RESUMO DA TERCEIRA PARTE DA OBRA  
“A RELIGIÃO NOS LIMITES  
DA SIMPLES RAZÃO” DE IMMANUEL KANT**



## INTRODUÇÃO

Immanuel Kant foi um filósofo prussiano que estudou e contribuiu significativamente aos estudos relacionados ao idealismo e iluminismo alemão, com foco nas considerações epistemológicas e filosóficas da filosofia moral.

Em 1793, Kant publica *A religião nos limites da simples razão*, proporcionando diversas análises divididas em quatro partes (tratados) a respeito da relação da religião com a natureza humana, que se sujeita e divide entre disposições boas e más, como se fossem duas causas operantes/subsistentes que exercem influência nos seres humanos. De forma resumida, apresentamos aqui as quatro partes para então seguimos ao nosso objetivo proposto no desenvolvimento desse texto.

Na primeira parte, o mal radical no ser humano é apresentado como pendor que nos impede de desviar-nos da lei moral de nós conhecida, versando entre doutrina do pecado original e a crítica da crença na bondade congênita dos seres humanos presente no arrepio do pensamento iluminista. Na segunda parte são apresentados alguns tópicos como a conquista da virtude, a promoção da pureza da intenção e a obediência à lei moral. É nesse momento que Kant menciona, entre outras coisas, que a religião aponta para o arquétipo da perfeição moral, ideia esta que se personifica com a figura de Cristo. Na terceira parte (a qual falaremos aqui com mais detalhes), são mencionados alguns termos, como estado civil de direitos, cidadão, natureza ética, entre outros, focando no tema da comunidade ética. A quarta parte se apresenta então como uma crítica da religião socialmente instituída, do seu “ritualismo, da sua feição clerical e feiticista, com as suas ilusões e formas de pseudo-serviço (p. 07)” entre outros termos relevantes para essa concepção social da religião.

O objetivo desse texto é apresentar um resumo da obra *A religião nos limites da simples razão*, de Immanuel Kant, especificamente da terceira parte, intitulada *Da Doutrina Filosófica da Religião*. As considerações aqui apresentadas estão inseridas na matéria *Filosofia Moral e Religião*, ministrada pelo professor Dr. Claudio Sipert, no curso de especialização *lato sensu* em Filosofia da Religião, ministrado no segundo semestre de 2020 e inserido no âmbito dos estudos de pós-graduação da Universidade Estadual de Roraima.

## DA DOCTRINA FILOSÓFICA DA RELIGIÃO

Existe uma luta acontecendo constantemente entre o princípio bom e o princípio do mau onde o ser humano é o protagonista ativo e passivo. Ao ser liberto desse último, isso acaba por representar a maior vantagem a ser conquistada. É nessa intencionalidade que Kant inicia a terceira parte da obra *A religião nos limites da simples razão*, intitulada especificamente de *O triunfo do princípio bom sobre o mau e a fundação de um reino de Deus na terra*.

Mais adiante o autor fala que o homem se encontra nessa situação por conta própria e se vê obrigado a empregar toda força possível para se desvencilhar do princípio do mau. Ao apontar o que compõe esse último como sendo a inveja, a ânsia de domínio, a avareza e as inclinações hostis que inclusive assaltam sua natureza, ele traz então uma concepção mais coletiva, ao mencionar que esses indicadores se encontram no meio dos homens, representando exemplos sedutores de corrupção. Para se desvencilhar dessas tentações, Kant fala de uma sociedade consistente, em expansão, mantendo a moralidade

e se distanciando/opondo ao mal. É através do discernimento de que é uma sociedade assim, segundo as leis de virtude e também em vista delas, que o homem se distancia do perigo da recaída do domínio do princípio do mau sobre si.

### **A REPRESENTAÇÃO FILOSÓFICA DO TRIUNFO DO PRINCÍPIO BOM SOB A FORMA DE FUNDAÇÃO DE UM REINO DE DEUS NA TERRA**

Kant então afirmará que “a transição gradual da fé eclesial para o domínio público da fé religiosa pura é a aproximação do Reino de Deus (KANT, 1793, p. 134)”. Aqui cabe destacar alguns termos que o autor aponta como fundamentais para uma maior compreensão. Por exemplo, a definição de fé beatificante. Ele diz que:

À fé de cada um em particular, que traz consigo a susceptibilidade moral (dignidade) de ser eternamente feliz, dá-se o nome de fé beatificante (KANT, 1793, p. 135).

Isso é de importante compreensão, pois o autor logo irá dizer que a fé de uma determinada religião do culto de Deus é uma fé de serventia, recompensa e que é agradável a Deus perante ações extorquidas por temor/esperança e que não geram qualquer valor moral, assim que não pode ser então composto de uma fé beatificante, por essa ser livre e baseada nas disposições puras do coração, resultando em uma disposição de ânimo moralmente boa. Ele então segue falando especificamente detalhes no percurso dessa concepção e transição da fé eclesial para a fé religiosa pura, ao passo que encerra dizendo que se espera que um trabalho constantemente em progresso do princípio bom, gerando um reino que triunfa sobre o mal e garante ao mundo a paz eterna (p. 144).

### **REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA DA FUNDAÇÃO GRADUAL DO DOMÍNIO DO PRINCÍPIO BOM SOBRE A TERRA**

Só a fé eclesial pode gerar uma exposição histórica geral. Isso acontece porque, ao se verificar suas formas diferentes e mutáveis, se assemelha com a fé religiosa pura, única e imutável. Nesse sentido, não é possível então cobrar à religião uma história universal do gênero humano, pois, como esta não está definida como um estado público, os progressos são lembretes individuais presentes na busca de cada um. Nesse sentido, e no contexto da igreja universal como um Estado ético de Deus baseado em um princípio firme, essa história passa a se constituir então o reflexo da luta entre a fé religiosa do culto de Deus e a fé religiosa moral.

Após esses comentários iniciais, Kant então passa a fazer algumas análises sobre o judaísmo, que em um primeiro momento se baseava a uma constituição estatal semelhante à fé estatutária de características jurídicas e com praticamente uma crença política de base. Depois, ao falar sobre o início do cristianismo, o autor diz que este fato representou “uma revolução total nas doutrinas de fé (p. 149)” se tratando de introduzir uma religião moral pura e válida para todo o mundo e não apenas a um único povo. É então tecida uma crítica em relação à fé histórica que se baseia em livros e precisa de um público erudito para se constituir e perpetuar. Em contrapartida, a pura fé racional se demonstra a si própria, sem precisar de tais recursos para sobreviver.

Ao se perguntar então qual a melhor época da história da igreja, Kant responde sem hesitar: “é a actual (p. 153)”. Ele diz que agora é possível permitir que ela se

desenvolva, sem obstáculos, as características fundamentais da fé religiosa. Ele parece defender a história da religião cristã em diversos momentos, quando, por exemplo, projeta a expressão ‘reino dos céus’ como um incentivador da esperança e estímulo do alcance possível a tal elevação espiritual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na observação geral presente no final dessa terceira parte, as investigações se mostraram um *mistério*, por se tratar do tema da religião, fé, razão e demais temas relacionados, *sagrados*, por mencionar a ideia de Deus presente nos comentários de Kant e inclusive *conhecidos*, justamente pelo caráter respeitoso da filosofia em questionar todas as coisas, inclusive a religião. É preciso entender a fé como ou como divinamente inspirada ou como uma fé racional pura.

À nossa razão prática, caberá a concepção, reflexão e debate da ideia de um soberano moral do mundo, não como Deus é identificado e constituído em relação à sua natureza, mas como o enxergamos enquanto ser moral (e absoluto). É aqui então que cabe uma definição de universal fé religiosa verdadeira: a fé em Deus como o criador todo-poderoso do céu e da terra, a fé nele enquanto conservador do gênero humano, governante bondoso e moral providenciador, fé em Deus administrador de suas próprias leis santas e juiz reto (p. 162). Em todos os conceitos apresentados aqui, é sumariamente importante que o homem, enquanto ser humano seja chamado à boa conduta e que possa encontrar então a harmonia entre as ideias da fé, os princípios da religião, da comunidade ética, da constituição sadia da igreja, aprendendo e exercitando a fé religiosa pura em seu contexto de tradição e cultura.

## BIBLIOGRAFIA

KANT, Immanuel. **A religião nos limites da simples razão (1793)**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

Immanuel  
Kant  
A Religião  
nos Limites  
da Simples  
Razão

70  
EDIÇÕES FIELMANN



### SOBRE O AUTOR

**Josué Santos** é natural do Amazonas mas mora em Roraima, extremo norte do Brasil. É Bacharel em Teologia (2015), Pós-Graduado em Filosofia da Religião (2020) e mestrando em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania na Universidade Estadual de Roraima. É membro do grupo de pesquisa filiado ao CNPq titulado “Escola Amazônica de Filosofia”. É autor do livro “Uma Carta Sobre as Ondas” Publicado em 2020 pela editora Jocum.



Abra as portas para o conhecimento  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# O PORTAL IMAGÉTICO DA FELICIDADE

POR DENISE PERES MARTINS REZENDE

Recordações antigas de vaca na estrada.  
O que fazer com a bichinha se ela está lá prostrada?

- “Pede para a vaca sair” (uns diziam).  
Lembranças imagéticas em nós.

- “Se você não for bonzinho, vou te deixar no Sanatorinho”.  
Seja lá o que isso significasse, a gente fica bom bem ligeirinho.

Cinto de segurança quase não era utilizado;  
E estamos todos vivos para narrar os fatos.

A paisagem na serra já era um prefácio do que nos aguardava,  
Puro êxtase ao passar no Portal de entrada.

Sim. Aquele era o Portal imagético da felicidade.  
Que nos transportava para um mundo onde éramos felizes de verdade.

Arquétipo do nosso coração de concreto.  
Em nossas míseras existências, aquele era o refúgio correto.

Crescer nesse ambiente não tinha preço.  
O que demonstra quão inenarrável é o meu apreço.

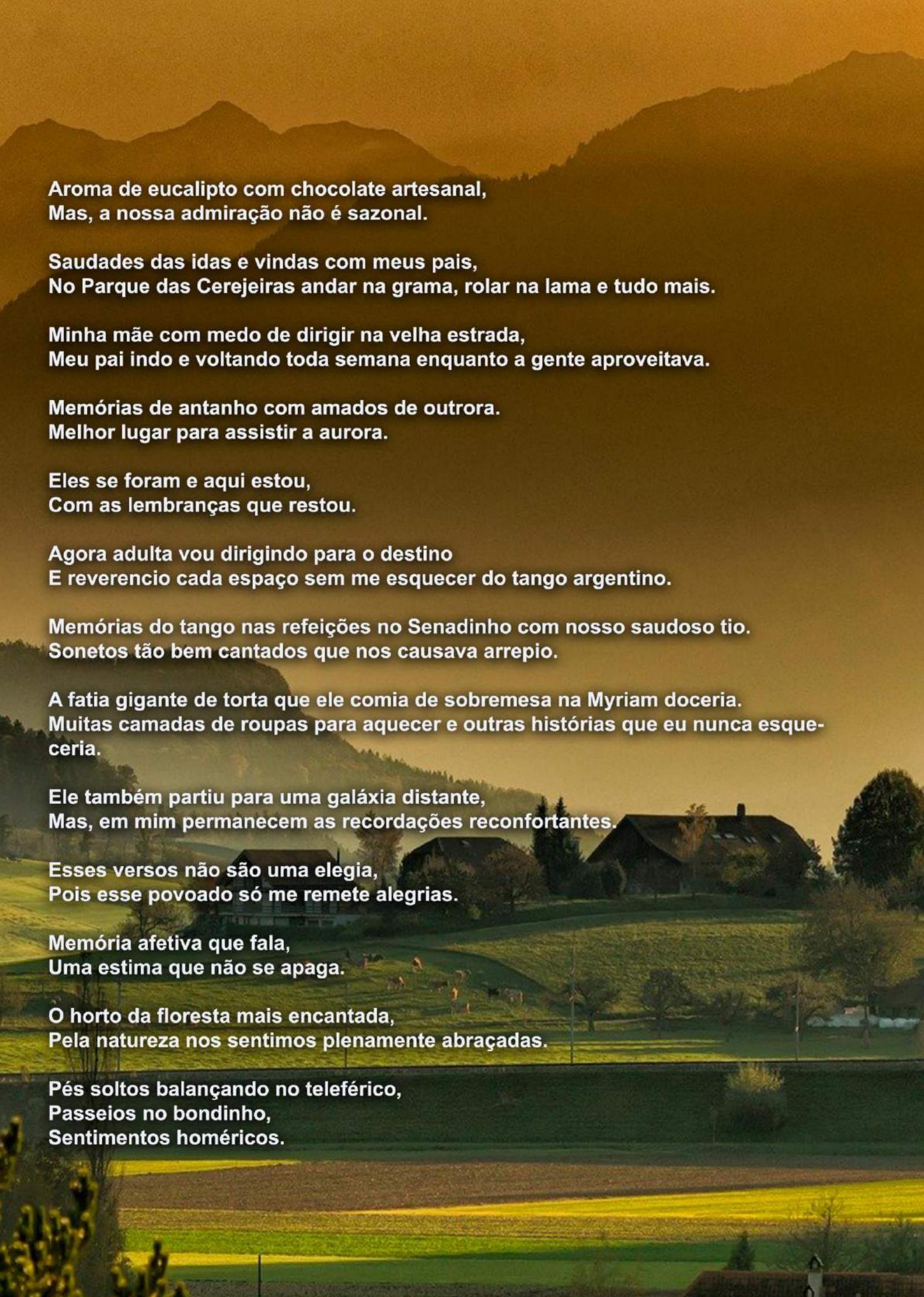
Pinheiros e araucárias por todos os lados.  
O ano inteiro parecia um Natal orquestrado.

Decorações atemporais nos recebiam alegremente,  
Tanta perfeição que eu não faria nada diferente.

O ar puro nos inebriava de contentamento.  
Um vilarejo que nos proporcionava sensação de pertencimento.

Quantos de nós amam esse lugar?  
A resposta seria todos sem pestanejar.

Cheiro gostoso da fúlgida lareira,  
Perfume da comida no forno a lenha.



**Aroma de eucalipto com chocolate artesanal,  
Mas, a nossa admiração não é sazonal.**

**Saudades das idas e vindas com meus pais,  
No Parque das Cerejeiras andar na grama, rolar na lama e tudo mais.**

**Minha mãe com medo de dirigir na velha estrada,  
Meu pai indo e voltando toda semana enquanto a gente aproveitava.**

**Memórias de antanho com amados de outrora.  
Melhor lugar para assistir a aurora.**

**Eles se foram e aqui estou,  
Com as lembranças que restou.**

**Agora adulta vou dirigindo para o destino  
E reverencio cada espaço sem me esquecer do tango argentino.**

**Memórias do tango nas refeições no Senadinho com nosso saudoso tio.  
Sonetos tão bem cantados que nos causava arrepio.**

**A fatia gigante de torta que ele comia de sobremesa na Myriam doceria.  
Muitas camadas de roupas para aquecer e outras histórias que eu nunca esqueceria.**

**Ele também partiu para uma galáxia distante,  
Mas, em mim permanecem as recordações reconfortantes.**

**Esses versos não são uma elegia,  
Pois esse povoado só me remete alegrias.**

**Memória afetiva que fala,  
Uma estima que não se apaga.**

**O horto da floresta mais encantada,  
Pela natureza nos sentimos plenamente abraçadas.**

**Pés soltos balançando no teleférico,  
Passeios no bondinho,  
Sentimentos homéricos.**

Festival de inverno com jazz e chocolate  
Folhas invernais ao chão em tom escarlate.

Fazer nada no badalado Baden Baden.  
Isso sim que é vida de verdade.

Comprar uma casa e auxiliar no crescimento da cidade,  
Um sonho quimérico que se Deus quiser se tornará realidade.

Epifania previsível,  
Para um amor imperecível.

Uma vila dos sonhos,  
Prestigiada até pelos mais bisonhos.

Frio com sol,  
E o mais impressionante arrebol.

Noites estreladas,  
Como se as fadas da noite tivessem dado suas pinceladas.

Saudosismo de antanho latente,  
Nostalgia insistente.

Cidade divina sob a chama da lareira,  
Essa é a nossa querida Suíça Brasileira.

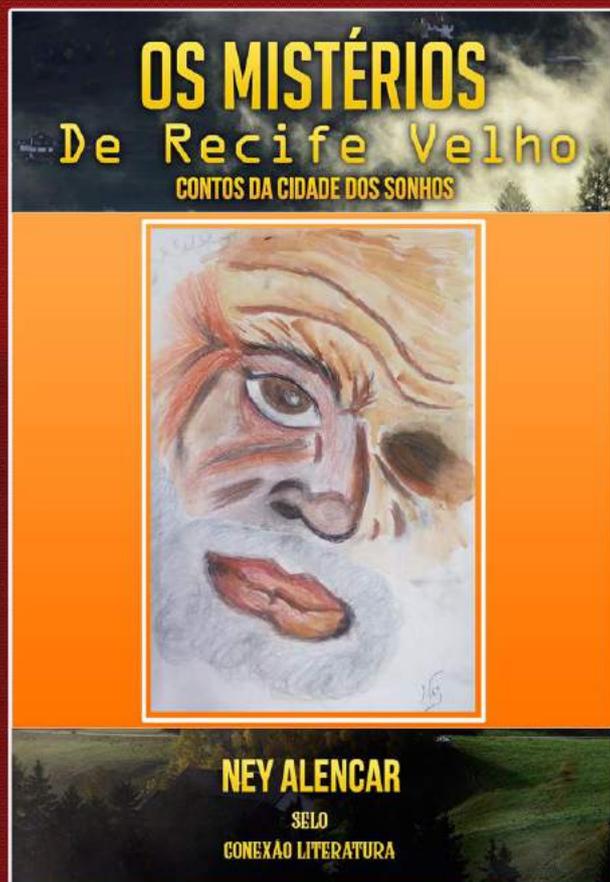
Pedirei ao senhor prefeito por obséquio que me conceda a chave da cidade,  
Pois eu me sinto uma filha da terra, frequentadora com amor e assiduidade.

Nesse momento final o questionamento que eclode:  
Ela pode se tornar uma Jordanense? É claro que ela pode.  
E por isso à Campos do Jordão eu dedico essa ode.

#### **SOBRE A AUTORA**

Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês), Escritora e Estudante de Pedagogia. Amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. Investigadora de arcaísmos/ preciosismos. Amante do imagético. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Possuidora de uma inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Afeita aos escritos desde a adolescência. Almeja a melhora na Educação formal nacional.  
Instagram: @educacaocomdeniseperesmartins  
Linkedin: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>

OS MISTÉRIOS  
**DE RECIFE VELHO**  
CONTOS DA CIDADE DOS SONHOS  
NEY ALENCAR



A cidade existia há muito tempo! Seu tamanho monstruoso capturava alguma coisa de irreal e extra-terreno. Suas ruas, como veias abertas, corriam em torrentes vivas de seres humanos e máquinas. Avenidas de cimento e aço, decadência e miséria, esplendor e riqueza se cruzavam através do seu corpo monstruoso. Uma babel de vozes e barulhos zumbiam na atmosfera carregada de vida e morte!

Recife Velho, antiga e assombrada, estendia-se solitária com sua face de pedra voltada para o mar, agasalhando em seu ventre ctônico a escuridão profunda da melancolia! Histórias de mistérios fantasmagóricos e segredos horrendos que se misturavam dentro dela! Venha conhecê-las e descobrir o que se esconde atrás das paredes de suas casas vivas, dentro de sua terra negra e espúria, nos enigmas mitológicos que a compõem em uma sinfonia antiga de dor e medo!

PARA ADQUIRIR O E-BOOK  
— CLIQUE AQUI —

# ENTREVISTA COM O ESCRITOR

## CHICO ARAÚJO

POR ADEMIR PASCALE



**Chico Araújo**, pseudônimo de José Francisco Barros de Araújo, nasceu em Manaus-AM em 24 de novembro de 1964. Atualmente, é professor concursado da Secretaria Municipal de Educação – SEMED e da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas – SEDUC, ambas sediadas na cidade de Manaus, nas quais leciona a disciplina de Língua Portuguesa. Tem uma filha, Amanda, além de cães e gatos.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Chico Araújo:** Em 2014, enviei um conto para um concurso, o 2º Prêmio SFX de Literatura e fui selecionado. De 2014 até 2020, eu apenas continuei escrevendo, mas não cheguei a enviar nenhum material para concursos. Em 2020, tendo dezessete contos finalizados, resolvi enviá-los para a Giostri Editora. O livro foi publicado em setembro de 2020. De lá para cá, participei de três antologias de contos, sendo selecionado nas três.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "O lado escuro da Lua". Poderia comentar?**

**Chico Araújo:** O livro é composto de dezessete contos. Alguns contos começaram a ser escritos na década de noventa, sendo retrabalhados de tempos em tempos. Alguns contos são mais recentes, a partir do ano 2000. São contos que, por meio de suas histórias, procuram levar o leitor a refletir sobre diversos assuntos, tais como a solidão, a velhice, a morte, relacionamentos, a busca por um sentido para a vida. O livro não procura dar respostas, apenas fazer as perguntas e deixar que cada leitor encontra suas próprias respostas.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Chico Araújo:** Conforme eu citei anteriormente, alguns contos começaram a ser escritos na década de noventa, mas eu sempre os relia e, ocasionalmente, fazia algumas modificações. Alguns contos levaram, aproximadamente, uns vinte anos para que eu os

considerasse finalizados. Outros foram escritos mais recentemente. As pesquisas, na verdade, foram análises que eu fazia sobre situações que eu observava. Eu via como as pessoas reagiam a determinadas situações, algumas vezes de forma mecânica, e resolvi escrever sobre isso exatamente para provocar uma reflexão por parte das pessoas.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Chico Araújo:** Tem um trecho do conto que dá nome ao livro: “Era como um desejo secreto, do tipo que não se compartilha com ninguém. Todas as pessoas possuem o seu lado oculto, que nunca é mostrado. Algo assim como o lado escuro da Lua, que ela caprichosamente esconde de nós, nos mostrando apenas o lado que ela quer que vejamos”.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Chico Araújo:** O livro pode ser adquirido no site da Giostri Editora ([www.giostrieditora.com.br](http://www.giostrieditora.com.br)). Quem quiser, poderá acessar diretamente a página do livro no site da editora ([lojavirtual.giostrieditora.com.br/O-lado-escuro-da-lua](http://lojavirtual.giostrieditora.com.br/O-lado-escuro-da-lua)). Quanto ao meu trabalho, as pessoas podem acessar minhas redes sociais: @chico\_araujo\_escritor (Instagram) ou @chico\_araujo64 (Twitter).

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Chico Araújo:** Sim. Após escrever dois contos de terror, os quais foram selecionados em dois concursos diferentes, eu resolvi iniciar um projeto de um livro de contos de terror, no qual estou trabalhando atualmente. Existem ainda mais dois projetos: um romance para o público adulto, sobre o qual eu já fiz alguns rascunhos, e um romance infanto-juvenil, já finalizado, mas que ainda passará por uma revisão. .

**Perguntas rápidas:**

Um livro: O estrangeiro

Um (a) autor (a): Stephen King

Um ator ou atriz: Charles Chaplin

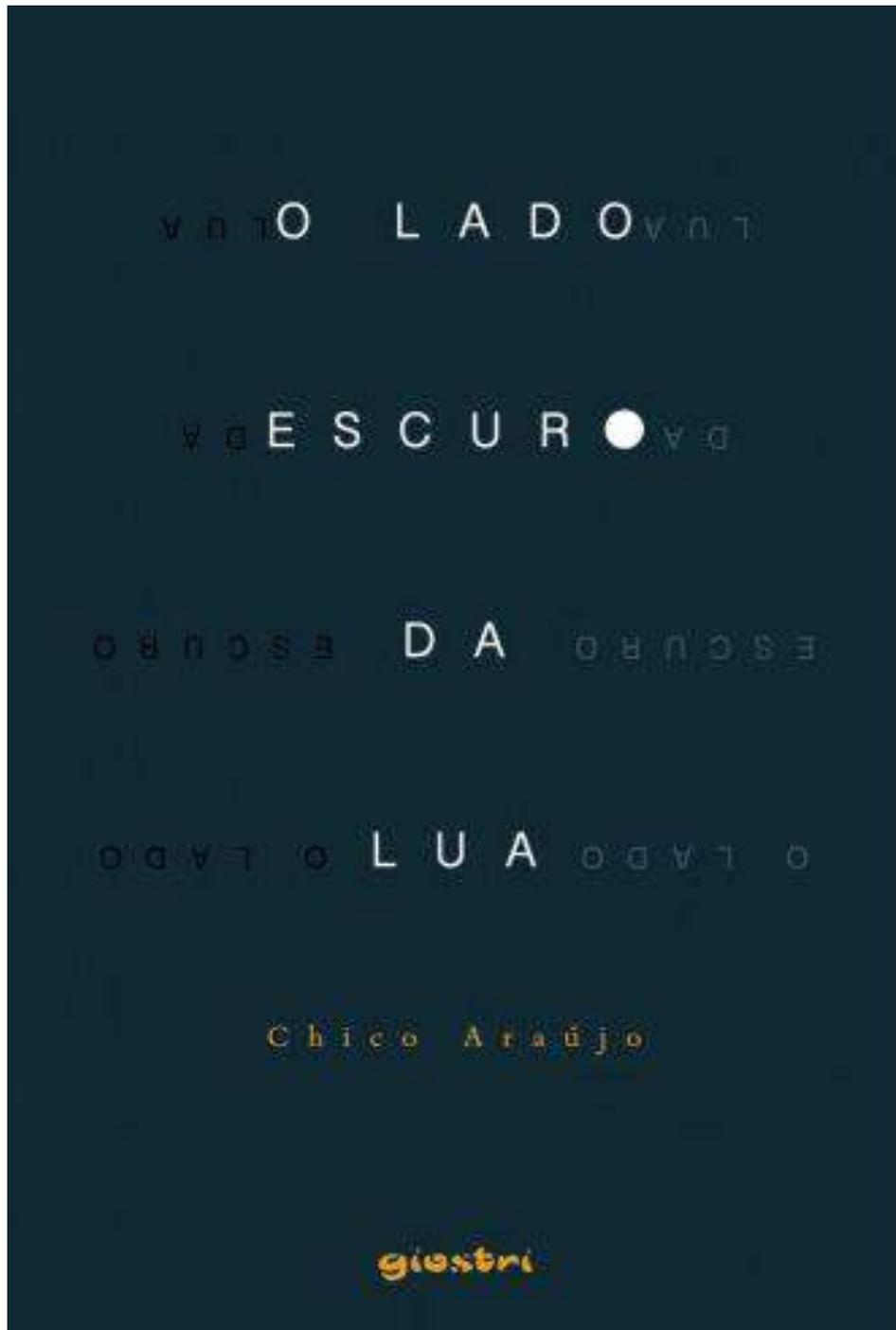
Um filme: Tempos modernos

Um dia especial: o dia do nascimento da minha filha

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Chico Araújo:** Queria terminar falando sobre algo que me deixa esperançoso: em um país que lê tão pouco, eu, como professor, tenho visto vários alunos meus lendo livros, não porque foram indicados pelos professores para fazerem algum trabalho, e sim por

vontade própria. Isso dá esperanças de que o Brasil possa, um dia, se tornar um país que valorize mais a leitura.



Viva bem  
Viva com saúde!

bem estar

saúde

beleza

Todos os meses  
*uma nova*  
edição

revista  
projeto

# AUTOESTIMA

*edições*

acesse: [revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojetoautoestima.blogspot.com)

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

**Escreva para:** [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves

# ENTREVISTA COM O ESCRITOR DOUGLAS ROEHRS

POR ADEMIR PASCALE



Jornalista (PUCRS) e especialista em Televisão e Convergência Digital (Unisinos), **Douglas Roehrs** nasceu em Candelária, no Rio Grande do Sul, em 1989. Autor do romance *Cervo* (2016, edição do autor) e diretor do curta-metragem documental *Linha Travessão* (2019), filme selecionado para o 47º Festival de Cinema de Gramado.

## Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Douglas Roehrs:** Comecei a escrever na adolescência. *Alexus* foi o primeiro livro que concluí. Acabou ficando mais de uma década e meia na gaveta e estou muito feliz que em breve poderei compartilhar essa obra com outras pessoas. Nesse meio tempo, debrucei-me sobre diversos projetos no tempo vago. Espero que algumas dessas obras também tenham a chance de alcançar outros corações.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro "Alexus – A Pedra de Céus e a Esfera da Luz". Poderia comentar?

**Douglas Roehrs:** É um trabalho muito especial, pois fez eu perceber a possibilidade de viver histórias para além da nossa realidade, nem sempre agradável. Phanticéus, mundo onde os personagens vivem, tem magos, anões, gigantes, dragões e demais seres que já povoam o nosso imaginário há muito tempo. Eu gosto, em particular, da estrutura da história, que começa com os antagonistas planejando o furto de duas relíquias mágicas. A ação deles acaba chegando a *Alexus*, que toma a condução da história para si e terá a tarefa de pegar de volta os objetos.

**Conexão Literatura:** Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

**Douglas Roehrs:** A primeira vez que escrevi foi inspirado nos livros e filmes que gostava à época, principalmente *Senhor dos Anéis*. Devo ter demorado mais de um ano escrevendo e concluído por volta dos 16 anos. Aos 19, reescrevi. Perto dos 30, reescrevi. Na última vez, após já ter lido teóricos queer, introduzi o elemento de personagens com

sexo único. Hoje, para mim, a questão da não binaridade é algo muito importante e percebo que o tema está ganhando força da sociedade. Ainda que não seja o foco do meu livro, há uma diversidade naturalizada que pode causar uma boa reflexão.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Douglas Roehrs:** Gosto muito das cenas de ação, em especial quando os quatro personagens principais encontram uma serpente aquática gigante. O desenrolar da sequência é um bom exemplo da essência da história, que não quer trazer Alexis como um ser invencível superior aos demais. Ele é apenas um homem falho que se esforça para ser bom no que faz.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Douglas Roehrs:** Acessando [alexusmaclau.com](http://alexusmaclau.com), o site do livro. A obra está disponível para pré-venda por R\$ 37 (com frete incluso para todo o Brasil) com entrega após 22 de janeiro. No mesmo site, o trabalho será disponibilizado na íntegra, dia 24 de janeiro, para quem quiser ler e não tiver condições de comprar um exemplar. No lançamento do livro, dia 22 de janeiro, das 18h às 20h, no MED – Gastro Giardino Mediterrâneo (Av. Independência, 891), em Porto Alegre, exemplares também serão vendidos pela editora Bestiário.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Douglas Roehrs:** *Alexus* foi concebido para ter continuação. Espero em algum momento escrever a segunda parte. Antes disso, quero tentar levar adiante um projeto de curta-metragem de ficção chamado *Metrópole Amordaçada*. Como sempre, esbarro na questão financeira, mas vou tentar viabilizá-lo.

**Perguntas rápidas:**

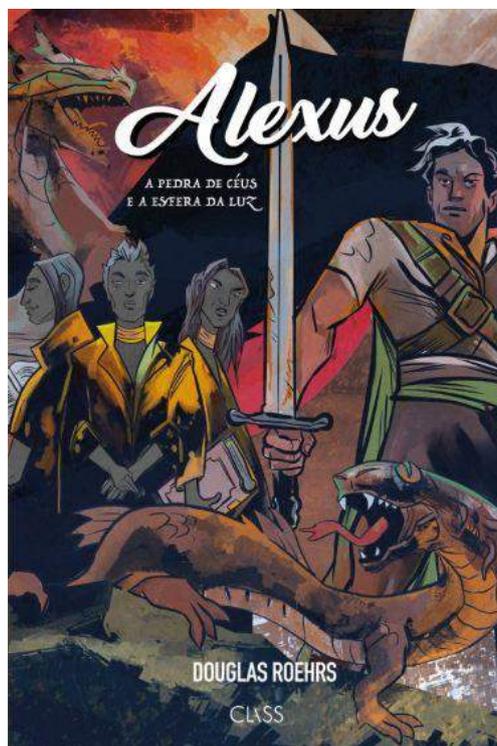
Um livro: *As Intermittências da Morte* e *Ensaio sobre a Cegueira*

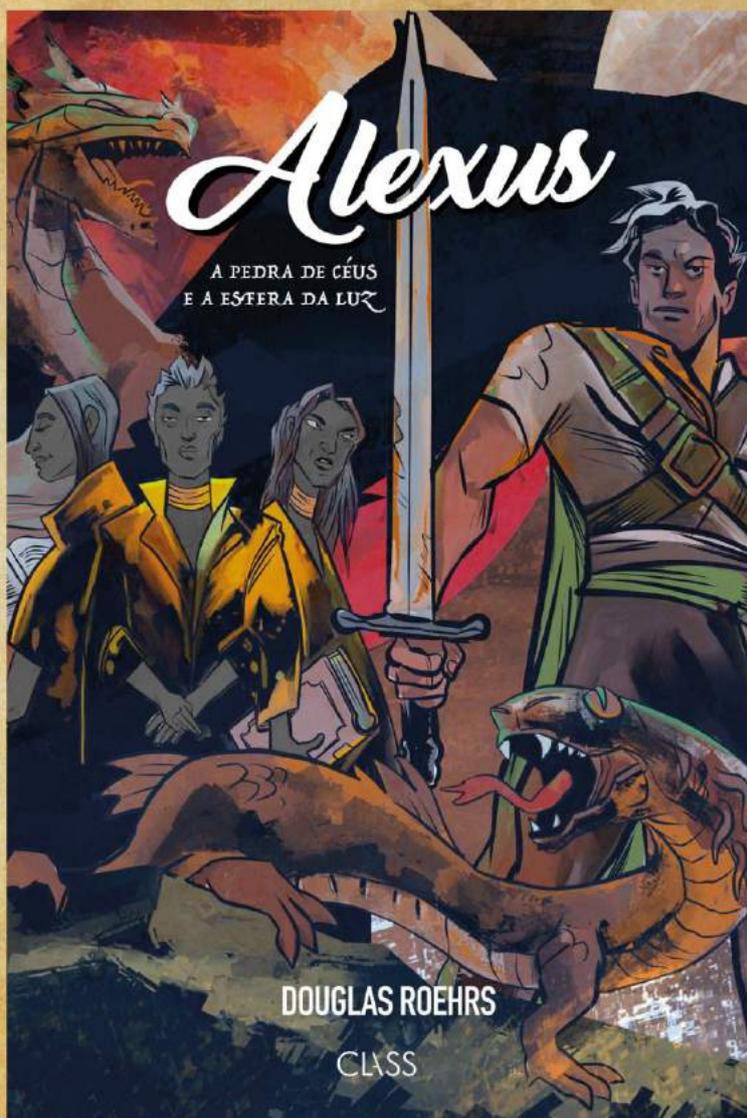
Um (a) autor (a): José Saramago

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: *O Sétimo Selo*, de Ingmar Bergman

Um dia especial: nenhum



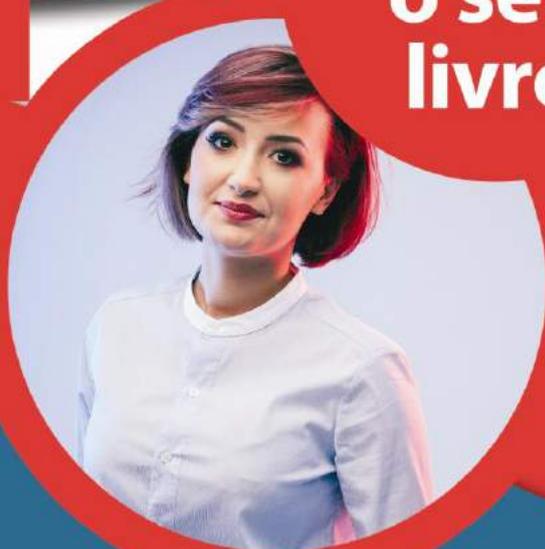


Saiba mais, acesse: [www.alexusmaclau.com](http://www.alexusmaclau.com)



REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue  
o seu  
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO  
PARA AUTORES**

**POR APENAS**

**R\$100**

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

**Bônus:**

Você ainda ganha a publicação do release no site da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

## DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

# SAIBA MAIS. ACESSE:

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Ou escreva para: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale

# ENTREVISTA COM A ESCRITORA **FELÍCIA IBIAPINA** POR ADEMIR PASCALE



A piauiense de raiz e brasileira de alma, **Felícia Ibiapina dos Reis**, é formada em Direito, pós-graduada em Direito Civil e Processual Civil, mediadora, pós-graduada em Mediação Judicial, assessora parlamentar, mentora e poetisa. Ela encontra na escrita uma oportunidade de autoconhecimento. A cada descoberta de si, alça voos mais altos, aventurando-se para superar obstáculos e promover o compartilhamento de suas experiências. Praticante da Comunicação Não Violenta, não se imagina sem evolução em razão das transformações por essa vivência experimentada. Objetiva proporcionar consciência e união, principalmente, por meio do fortalecimento e empoderamento femininos.

## Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Felícia Ibiapina:** Escrevo desde criança, quando fazia poesias com as nuvens. A ideia de escrever um manuscrito para e sobre mulheres surgiu em março de 2021 e aguçou o que há de melhor em mim. É transformador poder evoluir e contribuir para a recriação e o empoderamento femininos. Sou, genuinamente, um fruto de histórias de personalidades marcantes e contei como reverberam em minha história. Transformar positivamente a vida de mulheres foi um dos objetivos ao me aventurar na escrita de meu primeiro livro, "Avante, mulher!". E depois de optar por este propósito dediquei-me intensamente a ele, até finalizar seu conteúdo, em pouco mais de três meses de imersão.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Avante, mulher!". Poderia comentar?**

**Felícia Ibiapina:** Como autora do livro "Avante, mulher!", que foi baseado em comunicação não-violenta, e em relatos de integrantes de uma rede de apoio na qual atuo, argumento que sua publicação foi realizada para ser uma ferramenta de auxílio à mulher que quer se conhecer melhor, otimizar a relação consigo mesma e, também, com o mundo. Para criar esse guia de autoconhecimento, abordei temas como performance, escolha e determinação de metas, organização pessoal do tempo, meditação e *mindfulness*,

autoimagem, culpa e rivalidade femininas, e automotivação. Mais do que apenas um livro com direcionamento teórico, a obra conta com tarefas que envolvem a leitora, ou leitor, a participar dessa jornada de reinvenção de si. Além disso, poesias e ilustrações aparecem no decorrer da leitura, transformando a experiência em uma atividade tão complexa quanto leve. É engrandecedor incentivar o que há de melhor nos seres humanos, mesmo diante das diversas barreiras que são impostas às mulheres. Ademais, acredito nas sugestões de mudanças pessoais que o livro propõe, porque verdadeiramente as defendo como ferramentas de transformação. Na esperança de trocarmos muitas ideias, convido a todos a lerem meu manuscrito.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Felícia Ibiapina:** As pesquisas foram fundamentais para contextualizar meus argumentos. A escrita em si, além de ser um desejo pessoal e uma prática diária que gera inspiração para as pessoas, requer planejamento. É importante criar um plano de ação, que exige horas de pesquisas, ambientação, organização de ideias, tempo e fala, coleta e estruturação das entrevistas. Para escrever “Avante, mulher!” tudo isso foi levado em conta. Por diversas vezes, busquei e conferi dados, que foram essenciais para dar a segurança tão necessária para o contexto do meu manuscrito. Tudo com muita dedicação e cuidado.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Felícia Ibiapina:** Em especial, em “Avante, mulher!”, destaco o trecho sobre Rivalidade Feminina, afinal, se já não bastassem as lutas personalíssimas, femininas ou não, temos perdido tempo provando que somos confiáveis para sermos aceitas num território predominante de mulheres. A rivalidade feminina é um problema, um julgamento que se propaga há séculos. As histórias que ouvimos, em regra, opõem as protagonistas às próprias mulheres. Uma vil batalha disseminada tem nos afastado. Há gerações nos digladiamos e precisamos urgentemente refazer os vínculos entre nós.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Felícia Ibiapina:** O livro “Avante, mulher!” já está disponível na Amazon, nos formatos digital e físico. Também, comigo (no Instagram @feliciaibiapina, ou no e-mail feliciaibiapina@gmail.com), em formato físico autografado.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Felícia Ibiapina:** Há planos e projetos em pauta. A publicação do meu primeiro livro iniciou uma nova fase de vida, porque ao me conhecer melhor e me descobrir na escrita,

desejo multiplicar e divulgar essa vivência em formatos diversos. Para mim, a escrita é uma ferramenta de cura, autoconhecimento, engajamento, conexão e solidariedade com outras pessoas. Pensando assim, há planos de publicar e incrementar diversos temas, abordagens e situações cotidianas, de ampliar a mentoria para mulheres com o objetivo de alcançar um público maior e de retomar um projeto pessoal de áudios de poesia, num formato de fácil acesso. A intenção, enfim, é compartilhar experiências e conhecimentos o máximo possível.

### Perguntas rápidas:

Um livro: O Caminho do Artista, de Julia Cameron.

Um (a) autor (a): Clarice Lispector

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

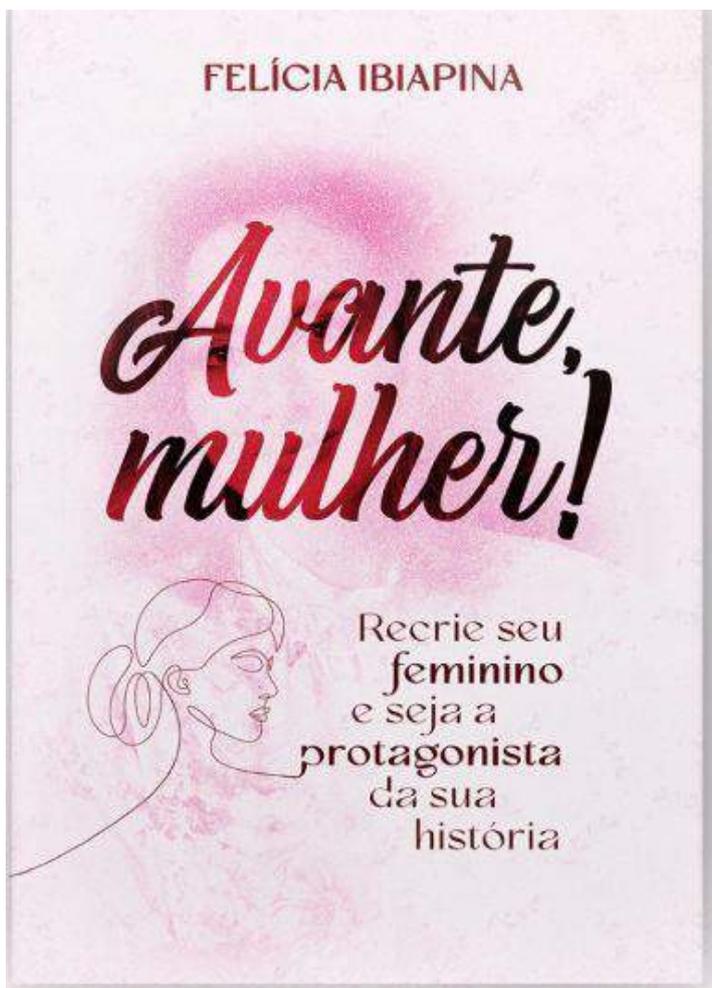
Um filme: “Central do Brasil” (1998)

Um dia especial: 8 de Março, Dia da Mulher.

### Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Felícia Ibiapina:** Felícia Ibiapina: Para a mulher desejosa de se reconectar, reinventar seu feminino, mas não sabe por onde começar, eu recomendo que passe a acolher o que sente, com respeito e cuidado; que viva o abraçar-se com amorosidade, resgatando o propósito de vida, muitas vezes esquecido em razão de uma rotina exaustiva; que se considere humana e crie consciência de que há dias ruins, mas temos a capacidade de vivê-los e superá-los, identificando e assumindo a responsabilidade do nosso papel diante das dificuldades. Por fim, que seja persistente na arte da busca de si, afinal, quando buscamos inspiração para nossos dias, nutrimos o talento de nos recriar. E, aproveito aqui para dizer que espero ter notícias de muitas histórias de mulheres empoderadas que optaram, felizmente, por começar a amadurecer seus potenciais. Estou sempre ao alcance por meio das minhas redes sociais (no Instagram @feliciaibiapina, no e-mail feliciaibiapina@gmail.com ou no site [feliciaibiapina.com.br](http://feliciaibiapina.com.br)), para andarmos juntas por esse caminho de autodescobertas.

**Instagram:** @feliciaibiapina



# ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA



A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

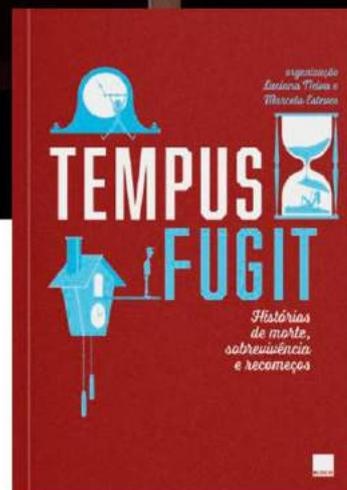
... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

**PARA SABER MAIS**  
CLUBE DE AUTORES - UICLAP  
AMAZON

# ENTREVISTA COM A ESCRITORA

## MARIA DORIA

POR ADEMIR PASCALE



**Maria Doria** é carioca, jornalista, produtora e consultora de marketing. Foi colaboradora do Jornal O Globo e da Revista de Domingo-JB, ambos no Rio de Janeiro, e há uma década mantém um blog com uma seleção de crônicas, contos e pensamentos. Atualmente é curadora de *collabs* da marca feminina Maria Filó, e há alguns meses ajustou seu foco para seguir uma trajetória oficial como escritora a partir de 2022. Seu conto no livro **Tempus Fugit** é o primeiro passo.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Maria Doria:** Sempre escrevi desde pequena. Escolher jornalismo foi um caminho natural. Cheguei a trabalhar em veículos, mas não me identifiquei com a dinâmica das redações, onde você nunca é dono dos seus horários e roteiros. Além disso, também fiquei ressentida com a pouca autonomia do repórter sobre seu próprio texto no início da profissão. Com essa percepção, acabei migrando para outras áreas da comunicação. Mas, no final dos anos 90, me encantei com um estilista brasileiro, já falecido, que teve sua grande contribuição para a moda brasileira injustamente esmaecida pelos anos: Dener Pamplona de Abreu. Querer contar sua história com a pompa e circunstância que ele merece me reconectou com o ofício de escrever.

Comecei a trabalhar imediatamente em uma biografia sobre ele e me dediquei a um ano sabático, focando em entrevistas, pesquisas e formatos. Na época, consegui entrevistar um seleto grupo de amigos, parentes e profissionais que conviveram intimamente com Dener. Consegui informações importantes e inéditas de nomes como Maria Thereza Goulart, Clodovil, Ricardo Amaral, Mena Fiala, entre outras personalidades.

No entanto, em seguida, eu me separei com dois filhos ainda bebês e a vida me jogou para muitos lados até eu conseguir entrar no trilho de novo. Nesse período, em várias ocasiões voltei para a biografia, mas a realidade não me permitia manter a imersão necessária para concluir o livro. Agora, com filhos criados e independentes, decidi retomar o ano sabático interrompido para me dedicar ao projeto pessoal de viver de escrever em infinitos formatos.

**Conexão Literatura: Você é coautora do livro "Tempus Fugit - Histórias de morte, sobrevivência e recomeços". Poderia comentar?**

**Maria Doria:** Recebi o convite de uma das coordenadoras do livro, a jornalista Luciana Neiva, que conhecia alguns textos do meu blog. Além da oportunidade de publicar, o tema do livro me interessou muito: os contos são as impressões de 25 autores — entre jornalistas, compositores, poetas e roteiristas—, sobre essa vida estranha após a Covid19; sobre o que aprendemos, refletimos, ganhamos e/ou perdemos. Para mim, é como participar de um documento de uma época.

Esse convite foi uma sorte, a sorte que vem quando estamos na sintonia certa. Em **Tempus Fugit** estou acompanhada por um time de escritores publicados e talentosos: Anna Lee, Armando Freitas, Arnaldo Bloch, Aziz Filho, Bárbara Pereira, Christovam Chevalier, Fernanda de Mello Gentil, José Guilherme Vereza, Laís Mendes Pimentel, Lilian Arruda, Luciana Neiva, Luís Pimentel, Marcela Esteves, Marcelo Várzea, Nelson Vasconcellos, Olga de Mello, Patrícia Melloddi, Regina Zappa, Renata Andrade, Ricardo Sarmiento, Rita Fernandes, Sidney Garambone, Silvio Essinger e Thais Pontes.



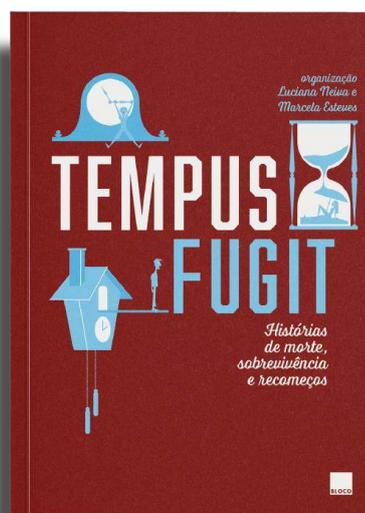
Foto: Lucas Alves, médico que morreu com Covid-19 aos 28 anos — Foto: Reprodução/Facebook

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para produzir o seu conto para essa antologia?**

**Maria Doria:** Na verdade, eu havia feito um outro texto, sobre a contribuição do isolamento social na conclusão de uma história de amor alimentada por apegos; algo no gênero do livro e da série *Modern Love*. Mas ao ler os textos dos outros autores que foram chegando, percebi que o **Tempus Fugit** tinha um tom próprio, de documento

emocional. Então, lembrei de uma matéria que eu havia lido na internet — no G1 Paraíba — sobre o médico Lucas Alves, vítima da Covid-19, aos 28 anos, enquanto atuava na linha de frente do combate à doença na Paraíba. Inspirada em sua história, decidi mergulhar nessa “ferida” da pandemia que é a invisibilidade de heróis como ele.

A reportagem sobre o Lucas, assinada pela Bruna Couto, tinha me comovido não só pela fatalidade de ele perder a vida tentando salvar a dos outros, mas também pelo seu perfil acentuadamente altruísta. Meu conto “Meu Adorável Marciano” é uma ficção, mas o personagem Lucas é 100% inspirado no Lucas Alves real. O enredo baixou inteiro na minha mente: escrevi em algumas horas, em um único fôlego.



### **Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial no livro?**

**Maria Doria:** Li textos maravilhosos, cada autor teve uma leitura muito peculiar. É até injusto citar apenas um. Porém, para não deixar de responder, cito o conto “Sobre livros, afetos e vida” do jornalista Armando Freitas. Esse conto tem um texto e personagens de uma beleza tão impecável que me influenciou a ir na direção da história do Lucas. Pessoas com o brilho do Lucas Alves nos forçam a ver a vida com ângulos mais generosos e espirituais. Nada é por acaso.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre ele e os coautores?**

**Maria Doria:** Até o dia 13 de dezembro, o leitor pode adquirir o livro pelo projeto Catarse, que oferece frete grátis, marcadores e outros livros, entre outras recompensas pela pré-compra e/ou apoio.

Link: <https://www.catarse.me/tempusfugit>

Dia 19 de dezembro, às 17h, teremos o lançamento oficial de **Tempus Fugit** na Livraria Argumento, Rua Dias Ferreira 417, Leblon – RJ. O livro ficará disponível até janeiro de 2022 na loja física da livraria e também via entrega pelos Correios.

Link: <https://www.livrariaargumento.com>

A partir de fevereiro 2022, por tempo indeterminado, o livro também poderá ser adquirido pelo site da Editora Bloco Narrativo

Link: <https://www.bloconarrativo.com>

## Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

**Maria Doria:** Na sequência, vem aí um livreto de microcontos voltado para o público feminino, e a esperada biografia “A Ópera de Dener”. Tenho muito material inédito e muitas correções, porque há inúmeras imprecisões no que já foi publicado sobre Dener. Será um documento muito relevante e vejo ótimas chances de virar uma minissérie ou filme.

### Perguntas rápidas:

Um livro: Voz Sem Saída, de Céline Curiol – Edit. Nova Fronteira

Um (a) autor (a): Jane Austen

Um ator ou atriz: Letícia Colin

Um filme: Amélie Poulain

Um dia especial: 19 de dezembro de 2021, o dia do lançamento de Tempus Fugit, o marco de uma nova jornada.

## Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Maria Doria:** Descobrir quem somos e no que acreditamos é o maior desafio que temos nessa vida. Essa trajetória é dolorosa e não é fácil, mas traz prazeres e realizações que estão fora do cardápio de emoções que uma vida sem riscos oferece. Acredito que essa busca é o que nos faz evoluir e nos tornarmos almas melhores. O jovem médico Lucas Alves, por exemplo, teve uma vida breve, mas partiu como um ser humano realizado e iluminado.



# ENTREVISTA COM O ESCRITOR MAYGON ANDRÉ MOLINARI

POR ADEMIR PASCALE



Nascido em 1984 em Irati, interior do Paraná, onde ainda vive, **Maygon André Molinari** é graduado em Letras e mestre em Filosofia. Publicou até o momento seis livros, tendo recebido alguns prêmios literários (por poesias e peças teatrais), bem como foi finalista do Prêmio SESC de Literatura, com o romance *Bernardo, o escultor*. Pai de dois filhos, além da escrita exerce função de serventuário da justiça e também trabalha com agricultura agroecológica, da qual é defensor. Seu livro *Do grito de sobrevivência ao último silêncio* já foi resenhado na revista *Filosofia, ciência & vida*, pela crítica literária Dra. Ana Maria Haddad Baptista. Recentemente publicou uma novela, intitulada *Os espelhos*.

## Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Maygon André Molinari:** Comecei a ter pretensões um pouco mais sérias em relação à literatura já em minha adolescência, mas cada vez mais tenho pensado que é difícil delimitar o *início* da literatura em uma vida, pois os limites parecem borrados e, de certa forma, começar a viver é também dar início a uma espécie de “projeto literário” (ao menos no meu caso), e não digo isso num sentido de predestinação ou algo do tipo, mas por entender que *tudo* se torna escrita em uma vida, ainda que as mais das vezes tal escrita ocorra sem palavras. Com esta concepção, quando ‘comecei’ a escrever, *já havia escrito*. Ou seja: apenas comecei a dar forma textual para o que já existia livremente em minha história. Escrever, portanto, talvez seja reescrever (ou reescrever-se).

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Os Espelhos". Poderia comentar?**

**Maygon André Molinari:** *Os espelhos* é um livro cuja proposta é de fato a de um espelhamento. Ou seja: eu compus o livro com dois capítulos 1, dois capítulos 2, até dois capítulos 11. Cada capítulo trata de um personagem, e ambos vão sendo expostos (em vários sentidos) durante uma noite de outono, em uma cidade do interior. O capítulo 12 é uma espécie de “espelhamento completo”, porque é quando os personagens se encontram realmente, conversam, se percebem mais expostos e portanto mais nus. Eu queria com esse livro atingir, quase que de modo simultâneo, o interior e o exterior de

cada personagem, mostrando suas vidas como que de dentro e de fora, usando tanto uma voz de narrador como também *desbancando* tal voz em favor da voz dos personagens. E faço isso sem delimitações, porque a ideia é mostrar que na verdade o que serve de moldura para um espelho nunca lhe serve de limite.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Maygon André Molinari:** Na verdade a grande pesquisa, por assim dizer, foi a do viver cotidiano. Sempre gostei de caminhar nas noites e isso certamente me instigou a fazer esse livro em que a andança é, de algum modo, um personagem também. Gosto disso, de pensar nos caminhos espiralados de pessoas que não se conhecem, que se cruzam em esquinas e bares e praças sem que haja um encontro de fato. E, caso se encontrem realmente, todo o caminho anterior passa a ser revisto, redefinido e melhor apreciado. Isso ocorre em todas as vidas... é só perceber que uma pessoa com quem cruzamos diversas vezes e que não conhecíamos, um dia passa a fazer parte de nossa vida e então dizemos: ah, então era você naquele dia!... O livro foi escrito nos dias 13 e 14 de março de 2020, bem próximo de ser decretado o estado de pandemia de Covid-19.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Maygon André Molinari:** Vou destacar três:

“...mas o que mais te irrita agora são os caras naquela mesa, todos barbudos e com a barba sempre igual, e eu que uso barba desde *sempre*, começo a me sentir como um deles, ainda que não corte do mesmo jeito e deixe bagunçada e com aparência de descuido, a pior sensação é quando você percebe que pessoas *piores* do que você gostam das mesmas coisas que você, porque então você se obriga a perguntar se no fundo não é como elas, e nessa hora você se levantou e foi ao banheiro, e por quê?, para se olhar no espelho e *comprovar* que a sua barba *não* é igual à deles, e por isso saiu sorridente, orgulhoso, na verdade, pois o sentimento que tinha era de ainda mais superioridade, e isso te permitiu sentar-se novamente à mesa, pedir outra cerveja e considerar, filosoficamente, que as pessoas estão ficando todas iguais, que os homens barbudos são iguais entre si e os sem barba também são iguais, e que as mulheres são iguais e vão ficando cada vez mais iguais, sobretudo depois das plásticas, e isso parece te provar que o sonho humano de igualdade está se realizando e, oh, faça um brinde com você mesmo! (...)”

“(...) esse pai que arrota na mesa custeou tua faculdade e os teus livros e tua roupa e tua comida nesse tempo, e essa mãe grosseira e triste que resmunga enquanto lava a louça é por coincidência a mulher que lavou tua roupa nesses anos e comprou jogos de cama novos e edredons e até mesmo outras toalhas de banho para que você não se preocupasse com nada e pudesse tranquilamente ficar no quarto lendo teorias dramáticas e se indignando com textos para não ter de se sujar, veja bem, com a vida.”

“...acabarão os encontros ocasionais em tua casa, nessa mesma casa que você desenhou para ser exatamente do *teu* tamanho, ou seja, para não caber uma família, para não caberem crianças e nem uma mulher *definitiva*, e muito menos visitas, então pense que se essa busca por você mesmo te levar a *outra* pessoa, será preciso que ela caiba no teu chalé e, mais que isso, que você caiba dentro dela, pois se for pra avaliar bem, em todos esses anos não foram as moças que não se encaixaram e não couberam na tua vida, mas foi você que nunca coube na vida de ninguém. E nessa hora ele se sentou mais para trás, encostando-se no outro degrau da arquibancada. A vida então passou.”

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Maygon André Molinari:** É fácil adquirir o livro, está disponível no site da Editora Simplíssimo e em lojas virtuais, como a Amazon. Vou deixar alguns links:

<https://simplissimo.com.br/onsales/os-espelhos/>

[https://www.amazon.com.br/Os-espelhos-MAYGON-ANDR%C3%89-MOLINARI/dp/6558902184/ref=sr\\_1\\_35?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crid=VMNDL8PUWYTC&keywords=os+espelhos&qid=1640086828&srefix=os+espelho%2Caps%2C250&sr=8-35](https://www.amazon.com.br/Os-espelhos-MAYGON-ANDR%C3%89-MOLINARI/dp/6558902184/ref=sr_1_35?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crid=VMNDL8PUWYTC&keywords=os+espelhos&qid=1640086828&srefix=os+espelho%2Caps%2C250&sr=8-35)

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Maygon André Molinari:** *Os espelhos* é um livro que faz parte de uma série de escritos que nomeei como “Farsa”. Há outros que muito em breve pretendo publicar, sendo que o próximo se chama “Não é hora de julgar flores”. Não que se trate de uma espécie de sequência, mas há um propósito assemelhado em cada composição e em que (de um modo bastante resumido) se pode dizer que existem buscas individuais por alguma espécie de verdade (ainda que temporária). Também existe um romance que será publicado em breve: *Alvir (as duas partes do tempo)*.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Assim falou Zaratustra

Um (a) autor (a): Guimarães Rosa e Virginia Woolf

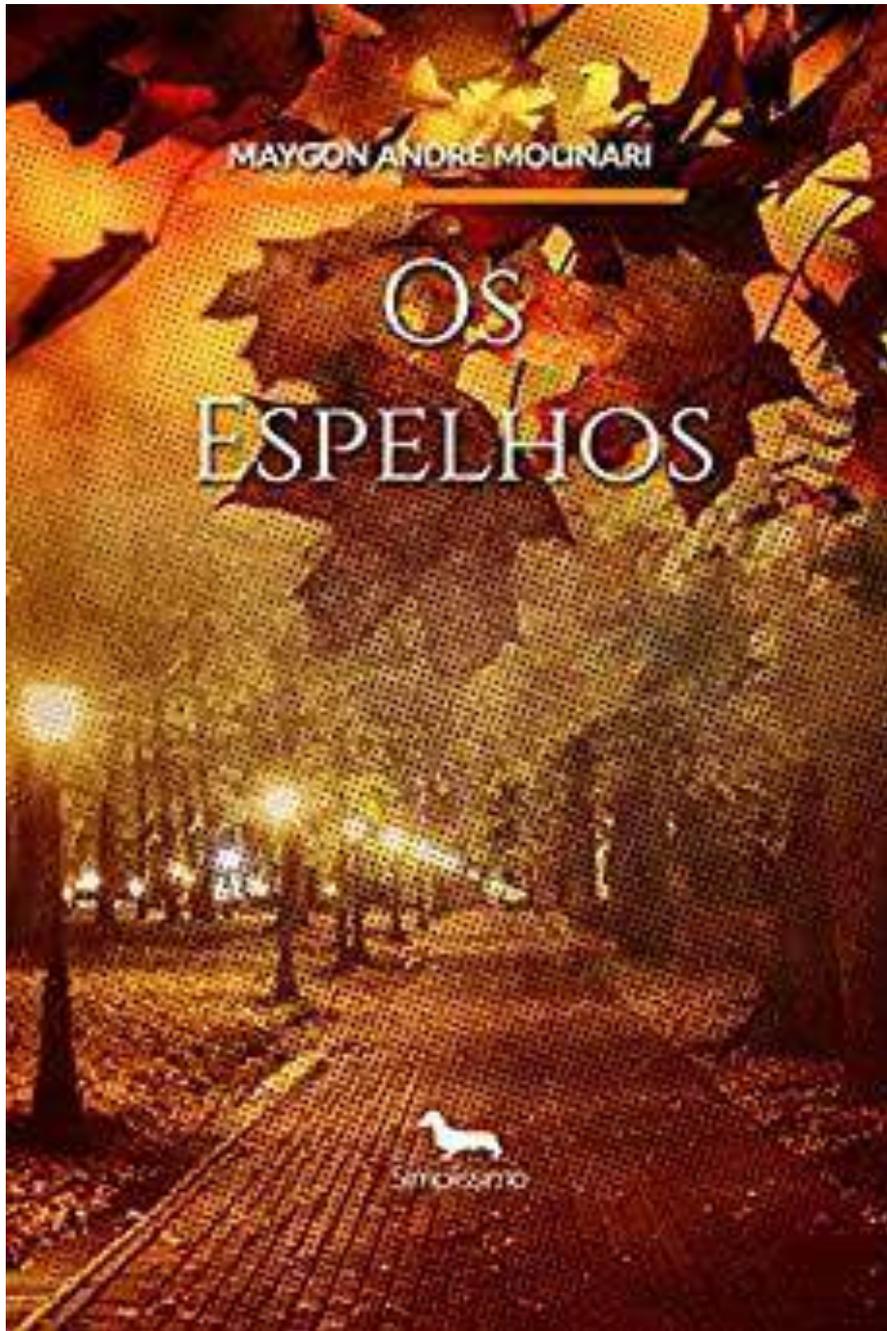
Um ator ou atriz: Sandra Bullock e Marlon Brando

Um filme: O poderoso chefão

Um dia especial: o vivido

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Maygon André Molinari:** Não sei bem fazer publicidade a respeito dos meus escritos, mas se alguém estiver disposto a olhar para os espelhos espalhados no meu livro, espero que sintam-se convidados por esta entrevista.



**Saiba mais:** <https://simplissimo.com.br/onsales/os-espelhos/>

[https://www.amazon.com.br/Os-espelhos-MAYGON-ANDR%C3%89-MOLINARI/dp/6558902184/ref=sr\\_1\\_35?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crid=VMNDL8PUWYTC&keywords=os+espelhos&qid=1640086828&sprefix=os+espelho%2Caps%2C250&sr=8-35](https://www.amazon.com.br/Os-espelhos-MAYGON-ANDR%C3%89-MOLINARI/dp/6558902184/ref=sr_1_35?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crid=VMNDL8PUWYTC&keywords=os+espelhos&qid=1640086828&sprefix=os+espelho%2Caps%2C250&sr=8-35)

# ENTREVISTA COM O ESCRITOR NAICAN ESCOBAR

POR ADEMIR PASCALE



Ganhador de Prêmios como autor do ano Young Adult pela ASCL e melhor livro juvenil, O Escritor **Naican Escobar** lança mais uma obra *a Bravura de ser Imperfeito*, livro juvenil que pretende levantar discussões sobre depressão, amor e amizades na adolescência.

## Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Naican Escobar:** Minhas primeiras experiências com leitura e escrita foram em casa. Aprendi a ler relativamente cedo, aos 6 anos, vendo minha mãe ensinar minha irmã mais velha. Cedo também foi meu contato com a leitura, os livros e a literatura. Minha mãe, e avós, compravam livros diversos. E nós líamos tudo. Sou um Jovem que tem assinatura de revistas e jornais meus amigos me acham muito clássico mas a questão não é ser clássico e sim saborear o lado bom da leitura. Aos dezoito anos já tinha lido muitos clássicos da literatura brasileira e estrangeira. Até meio incompreensíveis para mim. Memórias do Cárcere, da Graça; Culpa das Estrelas, do John Green: Memórias Póstumas de Brás Cubas do Machado de Assis. Aliás, sempre releio a culpa é das estrelas pois é um livro que me inspira muito.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro “A Bravura de ser Imperfeito”. Poderia comentar?

**Naican Escobar:** Há vários tipos de livros, e cada um nos marca de um jeito diferente. A bravura de ser Imperfeito é o tipo de livro que te faz pensar sobre tudo – sobre sua vida, seu cotidiano, sobre quem você é e sobre superar alguns transtornos mentais como a depressão e o convívio de amigos e família por mais estranhos ou não que sejam. O personagem principal contribui muito para isso. Tyler é rebelde, altruísta, e inteligente, mas, acima de tudo, ele é verdadeiramente bom de coração. Tyler bebe, fuma e fala palavrões, mas seu coração é essencialmente puro. Há elementos preciosos na narrativa que construí, que trazem à tona discussões pertinentes sobre a depressão e suas consequências. Acompanhamos – por meio das cartas escritas pelo protagonista

Tyler – o bombardeio de emoções, receios e sentimentos que assolam a rotina do menino. É importante falar de saúde mental nos livros principalmente ao público jovem e adulto.

**Conexão Literatura:** Você escreveu uma carta de lançamento, essa nova obra tem alguns fatos que aconteceram na sua vida?

**Naican Escobar:** Essa é uma das perguntas mais interessantes que as pessoas me fazem sobre meus livros e o que eu acho importante que saibam é que os livros que estou escrevendo a partir de 2020 eram meus, quando foram escritos. Agora, eles são nossos, elas foram compartilhados. E acho que todas as pessoas têm alguém em quem elas pensam quando escrevem livros escrevi uma carta de lançamento, não digo que o livro é sobre mim, mais tem alguns sentimentos pertinentes neste livro que são muito reais e são sentimentos que aconteciam em minha vida e no momento eu escrevia eles neste livro eu até escrevi na carta que eu escrevi a Bravura de ser Imperfeito em meios de dias tortuosos e outros maravilhosos entre noites e dias para nascer uma nova história que vai falar sobre depressão, amizades, amor e o quanto somos fortes por ser imperfeitos.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Naican Escobar: “Enfim é isso, percebi que tudo o que eu passei foi difícil e bem complicado, mas passou! Eu consegui sair dessa, consegui melhorar e estou me sentindo melhor, sei que o meio em que vivo, minhas atitudes e o modo de pensar mudaram muito. Sei também que a terapia me ajudou, me deu um norte para mudar. Hoje ainda me sinto triste de vez em quando, mas sei que a tristeza em alguns momentos faz parte da vida, mas o que de fato importa é como encaramos a dor, como aprendemos com ela e como aprendemos a lidar com ela. Como eu li em um livro “Momentos bons passam, e os ruins também. Tenha a coragem de seguir e evoluir!” Sempre falo que ter a bravura de ser imperfeito é você ter certeza que está tudo bem ir aprendendo com a vida. Não busque perfeição naqueles que estão na sua vida sejam amores, amigos e família. Procure aceitar mais os defeitos do seu semelhante, pois todos nós estamos aqui para evoluirmos, nos livrarmos das nossas dívidas passadas. Todos somos falhos, e o erro que você porventura condena no outro ser, poderá cometer um dia. Estamos aqui para observar, aprender, crescer, amar e voltarmos a casa

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Naican Escobar:** O livro está disponível em Formato E-book e Livro Impresso em diversas Lojas online tais como Amazon, Americanas, Submarino, Mercado livre entre outras para o leitor me encontrar e saber mais um pouco do meu trabalho literário pode me acompanhar no Instagram [@naican.escobar](https://www.instagram.com/naican.escobar) e também na página do

facebook [@autornaicancostaescobar](https://www.facebook.com/autornaicancostaescobar)

## **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Naican Escobar: Sim, o próximo livro conta uma história incrível e tem muitos sentimentos nesse novo livro que esta surgindo é um projeto ousado mais que é de grande importância para mim a História envolve festas alucinantes, amizades, experiências e relacionamentos e superações.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: “As vantagens de ser invisível”

Um (a) autor (a): Stephen Chbosky

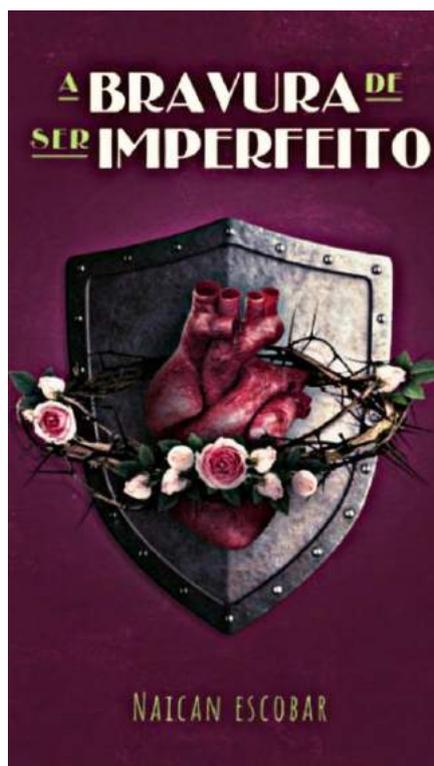
Um ator ou atriz: Daniel Radcliffe

Um filme: Harry Potter

Um dia especial: Dia da minha premiação como Autor do ano pela ASCL

## **Conexão Literatura: Deseja deixar uma mensagem para os leitores?**

**Naican Escobar:** Gostaria de encerrar dizendo que é importante discutirmos mais sobre saúde mental até mesmo nos livros, essa temática que tanto é importante para a população mundial, falar de saúde mental é falar de equilíbrio, é conciliar as emoções e sentidos com as experiências vividas, e bom, além disso, quero finalizar falando sobre sentimento sabe a maioria das pessoas falam em superação , eu acredito que muitas das vezes não esquecemos e esta tudo bem o importante a se fazer é sempre seguir em frente a diferença é que se algo te machucou não te deixara não mudara assim como se algo te deixou bem não te deixara menos bem porque passou e agora só resta seguir em frente.



# ENTREVISTA COM O ESCRITOR

## RIGA

POR ADEMIR PASCALE



**RIGA**, pseudônimo de **João Luiz Cougo**, nasceu em Rio Grande/RS em 1967. E em Rio Grande, na FURG, começou o curso de Bacharel em Direito, que na Universidade de Passo Fundo concluiu. É também Bacharel em Teologia pela Faculdade de Entre Rios, no Piauí.

Empregado público, desde 2002, na ECT. É casado e tem um filho. Leitor contumaz de filosofia. Interessado em política e economia. Acompanha a vida do país sempre com atenção e, por vezes, sofrimento. É defensor dos direitos humanos, dos animais e do meio ambiente.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Riga:** Fui uma pessoa bem solitária e com muita dificuldade para lidar com as emoções. A escrita foi o caminho que encontrei para trabalhar com os meus sentimentos e evoluir. Ou seja, uma forma de terapia.

Transformar o que eu havia escrito em um livro foi um ato de coragem, pois, é uma exposição; mas também o início de uma nova fase. Mais um passo em direção a uma versão melhor de mim.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Solilóquios". Poderia comentar?**

**Riga:** Solilóquios, como o próprio nome diz, são conversas comigo mesmo. Ele é composto por uma série de textos sobre sentimentos, pensamentos, percepções sobre o mundo. Está dividido em cinco capítulos que recebem o nome de estações (em outros tempos havia 5 e não 4 estações no ano).

Cada estação corresponde a um estado de espírito, então, quem ler pode optar por textos que vão do depressivo ao otimista passando por outras nuances do ser humano. Tem textos sobre sexo, religiosidade, filosofia, raiva, decepção...

Se Solilóquios nasceu com uma pretensão foi a de estimular as pessoas a se expressarem através da escrita também. Colocarem para fora seus medos, seus anseios, suas loucuras e suas ideias. Isso como uma forma de tratamento da alma

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Riga:** Não sei se chamaria de pesquisa, mas li muito. Diversos livros, múltiplos autores, das mais variadas áreas. Essa foi e é minha maneira de reunir impressões. A “pesquisa” nunca acaba. Sempre temos mais e mais leituras para fazer; a cada fase e a cada novo personagem, que estamos desenvolvendo.

E, claro, o fundamental é perceber a vida, sentir a fundo as coisas. Isso implica em muitos sofrimentos, mas também em inusitadas alegrias.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Riga:** O poema Renovação é um...

*A cada, igual diferente,  
que encontramos,  
chamamos: ser humano.*

*E a cada,  
dia diferente, que nos  
sobrevém, perguntamos: em que mudei?*

*E se nada mudou:  
por que estou assim, tão igual?*

*A vida é sim,  
um tédio, quando nos repetimos  
a mesma ideia eternamente.*

*Reforçando, infinitamente, a nossa convicção.*

*E, se a vida desabrocha, assim,  
de repente,  
pergunto: o que houve?*

*Algo viveu em mim?*



**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Riga:** O livro físico é encontrado na editora Viseu <https://www.eviseu.com/pt/>. E o ebook, no Brasil, está em diversas vitrines online: Amazon, Magazine Luíza, Americanas etc. Fora do país em sites como o <https://www.wook.pt/> de Portugal ou o <https://www.barnesandnoble.com/> dos E.U.A. Para mais informações acessar a página Solilóquios no facebook <https://www.facebook.com/terapiaempaginaspalavraseletras/>

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Riga:** Sim... Já estou reunindo o material do próximo livro, que a princípio deve se chamar de Reminiscências, ou seja, recordações. Uma série de textos autobiográficos que de certa forma fazem uma “homenagem” às pessoas que estiveram em minha vida em algum momento do passado.

O interessante é que não há um compromisso com a realidade. São impressões, registros emocionais e às vezes perturbadores. Rs! Minha cabeça nunca foi exatamente normal.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Tao Te Ching

Um (a) autor (a): Lou Marinoff

Um ator ou atriz: Anthony Hopkins

Um filme: Melhor É Impossível com o Jack Nicholson

Um dia especial: 23/09/2004 – Nascimento do meu filho.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Riga:** É chato, mas é verdade: pessoas sensíveis sofrem mais. Entretanto ser empático é como ter um paladar apurado para a vida. A gente percebe tantas coisas que para outros nem existem.

Isso tem seu preço e exige um processo contínuo de reequilíbrio. Nesse sentido ler é importante e escrever pode ser o complemento indispensável. Estimulo a todos e todas fazer isso como uma forma de terapia.

**Facebook:** <https://www.facebook.com/terapiaempaginaspalavraseletras>

# ENTREVISTA COM A ESCRITORA REJANE LUCI SILVA DA COSTA KNOTH POR ADEMIR PASCALE



**REJANE LUCI SILVA DA COSTA KNOTH** nasceu Inhambupe-Bahia; tem um livro publicado: *Uma conversa com as palavras*/2019, participa das antologias: *Poesias & Sentimentos Vol II*, *Ainda Escrevo Poesias*, *Confissões em Versos*, *Minha Alma Nua*, *O Mundo Parou*, *Teremos Meio Ambiente?*, *Escrevivências*, *Inspirações Poéticas*, *Ecos do Nordeste*, *Fernando Pessoa e Convidados*, *Aspirações*, *(In)Sensíveis Sentimentos*, *Os 100 Melhores Poemas*, *Mulherio das Letras na Lua*, *Mulher e Poesia*, *Vidas Perfumadas*, entre outras; é uma das vencedoras do II Prêmio Literário Afeigraf, Destaque Literário Mágico de OZ e do Concurso "Aspirações"/2020. É professora, escritora e Mestre em Letras (UNEB).

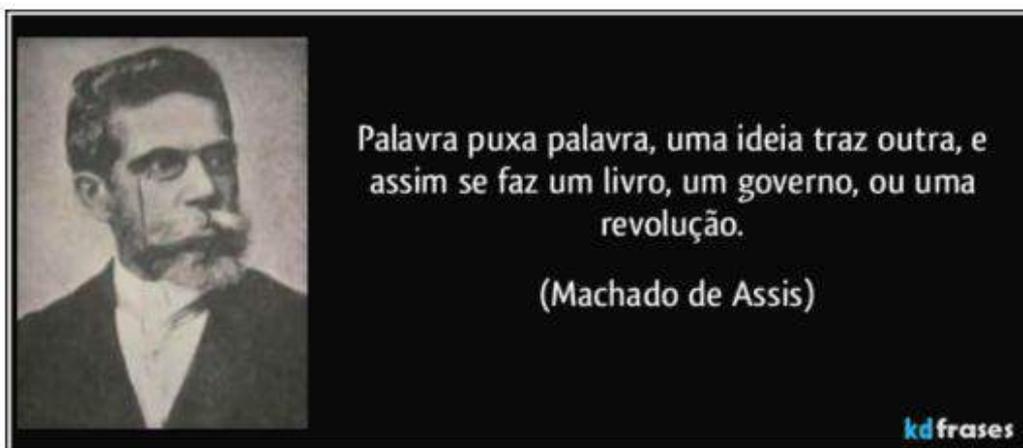
## Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Rejane Luci:** A publicação do livro "Uma conversa com as palavras" em 2019, foi o início de tudo. Daí em diante, surgiram convites para participar de diversas antologias e coletâneas, como também para ingressar em Academias Literárias.

**Conexão Literatura:** Você é autora do livro "Uma conversa com as palavras". Poderia comentar?

**Rejane Luci:**



Inspirada pelas palavras do mestre Machado de Assis, busquei expor meus sentimentos, demonstrar minha emoção, dizer o que pensava neste livro de poemas. Foi a forma que encontrei de mostrar que me importo com o que acontece com as pessoas, com o mundo, a maneira que achei de estar no mundo. Acredito que a poesia tem o poder de fazer tudo isso de uma maneira bela e viva.

Nesse livro, com temas diversos, uso, principalmente, a rima para chamar atenção do que escrevo, utilizo versos com métricas diferentes para formar as estrofes e lanço mão das maravilhosas figuras de linguagem para dar ritmo e sonoridade aos textos.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Rejane Luci:** Como escrever um livro era um sonho antigo, primeiramente, coletei, reli e editei alguns textos que já havia escrito, ao mesmo tempo que ouvia as pessoas e observava a realidade que estamos vivendo, passei a estudei a composição do gênero textual poema, tomei cursos, li e assisti reportagens, li poemas de diversos autores, demorei dois anos, tomei coragem e o publiquei.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Rejane Luci:**

*Destaco trechos de um dos primeiros poemas que produzir:*

### PELA JANELA

*O que podemos ver através de uma janela?*

*O brilho do Sol, a estrela maior e mais quente*

*Que fornece luz e calor tornando a vida mais bela*

*Enchendo-nos de energia deixando toda gente contente.*

*Pode-se ver a luz da Lua*

*Que embeleza a noite, para nossa alegria*

*Que ilumina o céu e a rua*

*Fazendo-nos sonhar e ter fantasia.*

(...)

*Por uma janela podemos ver o que se quer conquistar  
Ao abrir a sua, tente vislumbrar algo sempre elevado  
Na certeza de que a felicidade é para onde devemos caminhar  
Pois o pensamento positivo tem que ser louvado.*

*Afinal de contas, “Quando Deus fecha uma porta, Ele sempre abre uma janela”.*

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Rejane Luci:** Meu livro está à venda nos seguintes sites:

**AMERICANAS:**

[https://www.americanas.com.br/produto/212480683/uma-conversa-com-as-palavras?pfm\\_carac=uma%20conversa%20com%20as%20palavras&pfm\\_index=0&pfm\\_page=search&pfm\\_pos=grid&pfm\\_type=search\\_page%20&sellerId&sellerid](https://www.americanas.com.br/produto/212480683/uma-conversa-com-as-palavras?pfm_carac=uma%20conversa%20com%20as%20palavras&pfm_index=0&pfm_page=search&pfm_pos=grid&pfm_type=search_page%20&sellerId&sellerid)

**SHOPTIME:**

[https://www.shoptime.com.br/produto/212480683/uma-conversa-com-as-palavras?pfm\\_carac=uma%20conversa%20com%20as%20palavras&pfm\\_index=0&pfm\\_page=search&pfm\\_pos=grid&pfm\\_type=search\\_page%20](https://www.shoptime.com.br/produto/212480683/uma-conversa-com-as-palavras?pfm_carac=uma%20conversa%20com%20as%20palavras&pfm_index=0&pfm_page=search&pfm_pos=grid&pfm_type=search_page%20)

**SUBMARINO:**

[https://www.submarino.com.br/produto/212480683/uma-conversa-com-as-palavras?pfm\\_carac=uma%20conversa%20com%20as%20palavras&pfm\\_index=0&pfm\\_page=search&pfm\\_pos=grid&pfm\\_type=search\\_page%20&sellerId&sellerid](https://www.submarino.com.br/produto/212480683/uma-conversa-com-as-palavras?pfm_carac=uma%20conversa%20com%20as%20palavras&pfm_index=0&pfm_page=search&pfm_pos=grid&pfm_type=search_page%20&sellerId&sellerid)

**Estou organizando minhas redes sociais, breve divulgarei.**

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Rejane Luci:** Sim. Estou escrevendo um livro de contos e tenho outros poemas prontos para publicação.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis

Um (a) autor (a): Machado de Assis

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata



# ENTREVISTA COM O ESCRITOR

## ROBERTO SCHIMA

POR ADEMIR PASCALE



Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbo-graphia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" e, agora, "Era uma Vez um Outono" Participou até o momento de cento e trinta antologias. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

### Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Roberto Schima:** Em 04 de março de 1971, aos dez anos, tive que escrever uma redação para a escola – na época chamava-se “composição” – cujo tema era: “O que pretendo ser quando crescer”. Fascinado pelo clima da “Conquista do Espaço” e de seriados como “Jornada nas Estrelas”, escrevi: astronauta “... porque quando sair e entrar na órbita terrestre e lunar viverei numa aventura e tanto...” Isso jamais aconteceu, mas eu ganhei um “Muito Bom” da professora Irma Vergaças Daher e para sempre vivi no mundo da lua. Embora jovem, via na escrita algo de mágico, uma maneira de perpetuar as ideias. Esse tipo de reflexão acompanhou-me a vida toda. Eventualmente, no início dos anos 80, acalentei o desejo de ter um livro publicado, estimulado pelas leituras de livros como “Os Frutos Dourados do Sol” e “As Crônicas Marcianas”, de Ray Bradbury. Na segunda metade da referida década, travei contato com o Sr. João Francisco dos Santos, o qual publicara "Poemas de Amor e Humildade". Isso fortaleceu a ideia de ter meu próprio livro em mãos. Naquela época não havia a Internet. Meus originais eram datilografados. Precisava tirar cópias em xerox. Utilizava os serviços dos Correios. Provavelmente através de um correspondente, tomei conhecimento da editora Scortecci. Reuni algumas histórias e, sob o cacófato título de “Pequenas Portas do Eu”, em 1987, publiquei-as via produção independente. No ano seguinte, soube da existência do “Clube de Leitores de Ficção Científica” (CLFC). Em seu fanzine, *Somnium*, dei continuidade ao exercício da escrita, dando vazão através dos contos ao sonho infantil de viajar pelo espaço. Em 1990, tive a felicidade de ser

contemplado com o “Prêmio Jerônimo Monteiro”, promovido pela “Isaac Asimov Magazine” (Ed. Record), pela história “Como a Neve de Maio”, publicada em seu nº 12. Em 1993, participei da antologia “Tríplice Universo” (Ed. GRD) com a noveleta “Os Fantasmas de Vênus”. Após isso houve um longo hiato. Então, a vontade de lançar novamente um livro começou a formigar e, felizmente – graças aos avanços na informática e o surgimento da Internet -, acabei conhecendo a agBook e o Clube de Autores. Assim, reunindo ou remodelando velhas histórias, em 2013 lancei a antologia “Limbographia” e, no ano seguinte, o romance “O Olhar de Hirosaki”. Em meados de 2018, através de uma postagem no Facebook, fiquei ciente de um concurso de contos com o tema “Os Viajantes do Tempo”, promovido pela revista digital “Conexão Literatura”, editada por Ademir Pascale. Meu ânimo para escrever fenecera fazia mais de vinte anos, mas eu tinha uma história engavetada que poderia adequar-se ao concurso e, após uns ajustes, enviei-a, afinal, o que tinha a perder? Foi uma surpresa maravilhosa quando, um mês depois, tive a notícia de ter sido contemplado. Isso representou um estímulo enorme e, a partir de então, retornei à escrita. Meu conto, “Abismo do Tempo”, foi publicado no nº 37 da revista e, desde então, colaboro com ela regularmente.

### **Conexão Literatura: Você é autor do livro "Era uma vez um outono". Poderia comentar?**

**Roberto Schima:** Trata-se de minha quarta antologia solo (após “Limbographia”, “Sob as Folhas do Ocaso” e “Cinza no Céu”). Em 2020 e 2021, devido à pandemia e ao confinamento, procurei ocupar o tempo e amenizar a ansiedade participando de diversas antologias. Nunca escrevi tantas histórias como nesse biênio. Eu poderia ter montado “Era uma Vez um Outono” algum tempo atrás. Posterguei devido a cansaço em organizar todo o material. Em se tratando de uma autopublicação, além do papel de autor, a gente meio que assume o papel de organizador, revisor, diagramador, capista, ilustrador, fotógrafo etc. Ainda mais no meu caso, que tenho predileção por lançar calhamaços, inserir notas de rodapé e adicionar materiais extras além dos contos, a empreitada afigurava-me maçante. O impulso se deu na madrugada insone de 18.12.2021, por volta das três horas — a “hora mágica” —, enquanto em meio ao silêncio e à escuridão escutava uma versão instrumental de *Auld Lang Syne*. E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Diante de tais divagações, surgiu o título para uma nova antologia: “Era uma vez um outono”. Os contos — e alguns versos — da presente antologia foram publicados nas edições nº 66 a 79 da revista digital “Conexão Literatura”, editada por Ademir Pascale, bem como nas antologias por ele organizadas. Outros contos saíram em antologias digitais organizadas por Elenir Alves, do blog “Projeto AutoEstima”. E, ainda, em exemplares avulsos da revista digital “LiteraLivre”, de Ana Rosenrot. Abrangem diferentes gêneros como: fantasia, nostalgia, horror e ficção científica. Numa seção própria, fiz a inclusão de entrevistas que, a exemplo desta, concedi à “Conexão Literatura”, ao “Projeto AutoEstima” e à Shirlei Pinheiro, do blog “Jornal Escritores da Serra”. Incluí, ainda, a seção “Galeria” com amostras de meus desenhos

desde meados dos anos 70 até meados dos anos 90 (já alerta: vão do grotesco ao estapafúrdio). Assim, pois, confesso o pecado de me utilizar da autopublicação como um meio de preservar memórias que, se me são muito caras, nada representarão a outrem além de objetos de mera curiosidade, se tanto. Que os contos que compõem este livro se dispersem ao vento qual folhas secas de um outono de outrora.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Roberto Schima:** Por ser uma antologia de contos já escritos, o trabalho foi mais braçal, por assim dizer. Ficou por conta da montagem do livro em si e de sua divulgação através das plataformas de autopublicação (Clube de Autores, Uiclap e Amazon). Ah, sim, "apanhei" um bocado nesses sites, principalmente no momento de inserir a capa. Os contos encontram-se em ordem cronológica, conforme saíram nas publicações acima citadas. À época da criação de cada conto, empreendi maior ou menor pesquisa, conforme os assuntos de que tratavam. Mas, especificamente no caso de "Era uma Vez um Outono", levei cerca de oito dias da idealização até disponibilizá-lo na Internet. Pelo menos num dos dias fiquei trabalhando das quatro horas da manhã até cerca de vinte e uma horas. Felizmente, estou aposentado e isso foi de grande valia. Aliás, não fosse por isso, talvez os contos nem tivessem sido escritos, ou, pelo menos, boa parte deles.

**Conexão Literatura: É você que produz os seus livros, como capa, diagramação, etc.?**

**Roberto Schima:** Sim, sou eu (o que é patente nas falhas a começar pelas capas sofríveis). Gosto de manter o controle completo da organização e montagem do livro. Por ser lançado através de plataformas de autopublicação, elas se mostram ideais para termos nossos livros exatamente do jeito que queremos. Naturalmente, isso envolve tanto méritos quanto deméritos. Sendo eu próprio o revisor, o que me garante que não deixei passar nada? Ou que aquilo que julgo certo, na verdade está errado? Nenhuma editora publicaria meus livros da maneira como são apresentados, fosse por critérios editoriais próprios ou porque o produto final mostrar-se-ia inviável comercialmente, tanto pelas dimensões da obra quanto pelo volume de imagens inseridas, por exemplo.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Roberto Schima:** Como o livro se compõe de 58 contos, 3 crônicas e 3 poemas (além das entrevistas e ilustrações), em quase 700 páginas, é difícil destacar um trecho em específico como sendo o favorito. Mas posso reproduzir aqui um fragmento de um conto com o qual muito me identifico, intitulado "O Menino que Amava os Monstros":

*"...Gonjiro não sabia dizer por que não era feliz ou por que não conseguia relacionar-se com as outras crianças, afinal, estas também passaram por dificuldades semelhantes. Apenas acontecia. E,*

*quanto mais dele debochavam, mais introspectivo se tornava e mais se apegava a um mundo interior o qual, a seu ver, adquiria mais consistência do que aquele que o rodeava.*

*Mergulhava nos desenhos animados, nos mangás, nos seriados. Invariavelmente, eles tinham algo em comum: os monstros. Fossem sobrenaturais, radioativos, do espaço sideral ou até os que já existiram ou existiam como os dinossauros e as criaturas abissais. Nutria sentimentos ambíguos por eles. Apavoravam-no, mas, ao mesmo tempo, sentia admiração.*

*Em vez de serem assustados, assustavam.*

*Em vez de serem indefesos, atacavam.*

*Em vez de temer, eram temidos.*

*Possuíam todas as formas e tamanhos e não se originavam apenas em território nipônico: robôs, zumbis, múmias, dragões, gárgulas, vampiros, alienígenas, lobisomens, assombrações, seres mitológicos, homem das neves, monstro de Loch Ness.*

*Desde esqueletos ambulantes a criaturas maiores do que edifícios, Gonjiro, não obstante o medo, os amava, pois, por mais apavorado que ficasse ante aqueles olhos medonhos, uivos arrepiantes e o rastro de destruição que deixavam no papel ou nas telas, nunca, de fato, haviam feito mal a ele..."*

**Conexão Literatura: Você passou um bom tempo sem escrever, mas de uns anos para cá voltou com muito entusiasmo e força de vontade. Conte mais pra gente.**

**Roberto Schima:** Ah, a "culpa" inicial disso cabe à "Conexão Literatura"! Graças ao concurso que a revista promoveu, intitulado "Os Viajantes do Tempo" e do qual tive a felicidade de ser contemplado com o meu conto "Abismo do Tempo", publicado na edição nº 37, a criatividade que eu julgara apagada reacendeu. O estímulo subsequente levou-me a participar desde então não somente de todos os exemplares da revista, incluindo este, como também de boa parte das antologias sob o "Selo Conexão Literatura". Outro impulso relevante foi a descoberta das antologias organizadas por diferentes editoras somado à chegada da pandemia e o confinamento. Meio que me forcei a participar de uma antologia atrás da outra tanto como uma forma de exercício literário quanto para ocupar a mente diante do estresse provocado pela clausura. Aliás, o volume de contos saídos nessas antologias bem poderiam formar uma nova antologia. Tudo está na dependência dos vencimentos dos prazos contratuais respectivos, bem como do fôlego para arregaçar as mangas outra vez. Ultimamente, como dizem por aí, tenho tirado o pé do freio. Continuo a escrever, mas sem tanta obstinação a fim de dar espaço a outras atividades nem que seja a de debruçar sobre meu pequeno jardim e divagar a medida em que observo as atividades das formigas...

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Roberto Schima:** Para adquirir "Era uma Vez um Outono", basta entrar numa das plataformas de autopublicação: Clube de Autores, Uiclap ou Amazon. No Clube de Autores, há a opção da edição brochura com orelhas e papel offset (mais em conta), capa dura e papel couché (mais cara) ou versão e-book em PDF (mais barata). Na Uiclap, há somente a opção brochura e papel offset, sem orelhas. Na Amazon há tanto o e-book

quanto o livro físico. Para maiores informações, o leitor poderá acompanhar a "Conexão Literatura", pois, conforme mencionado, participo dela desde a edição nº 37. Pode inserir meu nome no Google. No Wattpad há duas dúzias de contos meus à disposição para leitura *online*. No site "Divulga Livros" há as antologias lançadas sob o "Selo Conexão Literatura", sendo que participo da maioria delas. O download é gratuito. Os sites das plataformas de autopublicação onde estão meus livros são:

**CLUBE DE AUTORES:**

<https://clubedeautores.com.br/books/search?where=books&what=roberto+schima>

**UICLAP:**

[https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post\\_type=product](https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product)

**AMAZON:**

[https://www.amazon.com.br/s?k=ROBERTO+SCHIMA&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=ROBERTO+SCHIMA&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Roberto Schima:** Continuarei a participar da "Conexão Literatura", de uma ou outra antologia digital ou física e, conforme mencionado, espero juntar meus contos esparsos nas mais diferentes editoras em uma futura antologia solo.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: "A Vida na Terra" (*Life on Earth*, Seleções do Reader's Digest), David Attenborough

Um (a) autor (a): René Barjavel

Um ator ou atriz: Lima Duarte

Um filme: "Luzes da Cidade" (*City Lights*, Charlie Chaplin, 1931)

Um dia especial: cada um deles ao lado de minha esposa

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Roberto Schima:** Desejo reproduzir um trecho da "nota final" de "Era uma Vez um Outono":

"... Reconheço o débito a minha mãe, Chieko Schima, que na minha infância e adolescência procurou incentivar o gosto pela aquisição de conhecimento. Particularmente através de obras da Editora Abril, cujo papel na formação cultural da época e em anos posteriores foi de uma relevância extraordinária. Entre elas, meu destaque vai para a magnífica Enciclopédia Conhecer. Minha mãe, embora mal tivesse cursado o primário, sempre teve uma preocupação com relação a instrução dos filhos. Naquele tempo, nos anos 60, a Editora Abril trazia ao público várias obras de grande conteúdo, mas a preço acessível, pois eram vendidas em fascículos periódicos nas bancas de jornais, podendo posteriormente serem encadernados. Entre essas coleções, uma que ela adquiriu foi a Enciclopédia Conhecer em sua edição de 1969. Eu ficava maravilhado

só de poder folhear aqueles volumes de capas vermelhas e letras douradas. As ilustrações eram incríveis e as que mais me chamavam a atenção eram as de dinossauros, homens das cavernas, antigas civilizações e sobre temas astronômicos e astronáuticos. Havia a imagem de um imenso pteranodonte planando em primeiro plano, sob o um céu avermelhado, enquanto duas enormes criaturas marinhas (uma delas com um pescoço imenso e flexível) digladiavam-se ao fundo, em um oceano turbulento. Em outra ilustração, um rude homem pré-histórico estava agachado, saciando sua sede a beira de um lago; usava aquele traje de pele de animal amarrado ao corpo que fomos acostumados a ver em caricaturas de homens das cavernas e, preso à cintura, um potente machado de pedra. (...) Em outra imagem, um imenso foguete orbitava a Terra, tendo, um pouco mais além, uma estação espacial, semelhante a uma roda de bicicleta, como imaginava-se antigamente a exemplo do filme "2001: Uma Odisséia no Espaço". Ilustrações assim faziam minha imaginação voar. Para mim, não eram apenas pinturas. Tinham vida própria, como se fossem algum tipo de janela para outros mundos, como se, de um momento para o outro, eu pudesse ver aquele pteranodonte agitar suas asas, ou o homem primitivo erguer-se e ir atrás de, digamos, um urso das cavernas ou um mamute; e ouvir o foguete acionar seus motores e seguir em frente até os planetas mais próximos ou além..."

*Era uma vez  
um outono*



*Roberto Schima*

# ENTREVISTA COM O ESCRITOR ROBSON CHAVES

POR ADEMIR PASCALE



**Robson Chaves** tem 27 anos, é graduado em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Já atuou como colunista voluntário, é poeta da Fundação de Cultura de Barra Mansa (onde nasceu e vive) e membro da Academia Volta-Redondense de Letras, ambas do interior do Rio de Janeiro. Teve seu primeiro livro publicado em formato digital “Boca tímida, mão nervosa.” e o segundo trabalho “A Divina Poética” vinculado à Chiado Editora, de Portugal. O autor é cadeirante em razão de um erro médico no parto. Atuante pelos direitos das pessoas com deficiência.

## Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Robson Chaves:** Começou durante minha graduação no curso de Letras, onde a poesia era como um misto de necessidade interna e depois se tornou um hábito, algo que me agrada fazer, pois tenho constantemente a necessidade de expressar o que sinto e penso. A literatura é um refúgio e uma arma poderosa de transformação social.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro "A Divina Poética". Poderia comentar?

**Robson Chaves:** “A Divina Poética” é uma obra em que em forma de poesia, eu tento explorar e recontar as passagens bíblicas, trazendo o sentimento humano por trás das situações narradas.

Enfatizo o lado psicológico, inclusive o quanto o próprio Deus pode estar próximo do homem, mesmo com a superioridade Dele sobre a criatura. Destaco alguns sentimentos que podem os personagens ter vivenciado. De modo algum, modifiquei a essência dos trechos da Palavra Sagrada, apenas explorei situações, com uma linguagem um pouco mais simples e tentei contextualizar os fatos ao nosso tempo.

**Conexão Literatura:** Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

**Robson Chaves:** Eu ia lendo trechos da Bíblia, conforme me vinham à mente, depois, sintetizava com um pouco da minha própria humanidade e experiência de vida. Propositamente começo com uma poesia sobre Gênesis depois vou passando por diferentes partes do Antigo e Novo Testamentos. Algo em torno de 3 ou 4 meses, pois também tive que revisar todo o trabalho, a fim de garantir que tanto no sentido gramatical, quanto estético, tudo ficasse como eu gostaria.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Robson Chaves:** A poesia em que eu falo sobre o casamento, sobre como o homem deve ser mais cuidadoso para com os detalhes que ajudam a manter um relacionamento.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Robson Chaves:** A obra está disponível em Portugal, no site da Chiado Editora, no Brasil, pelas Livrarias Cultura, da Travessa, Martins Fontes Paulista, Amazon, entre outros. A quem desejar adquirir diretamente comigo, pode entrar em contato pelo meu Instagram @profrobson.lit.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Robson Chaves:** Regularmente produzo novas poesias, sobretudo de temática romântica, assim como participo de concursos literários sempre que posso. Ainda quero desenvolver um texto em prosa, diferente de tudo que já fiz até aqui. Escrevo porque gosto, é importante para minha carreira, mas liderar em sala de aula é o que preciso concretizar na minha trajetória profissional. Tenho batalhado pelo meu espaço desde o dia em que escolhi Letras. Ensino Português para falantes de Espanhol e estou pronto para encarar novos caminhos.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: A Teoria de tudo

Um (a) autor (a): Dan Brown

Um ator ou atriz: Sylvester Stallone

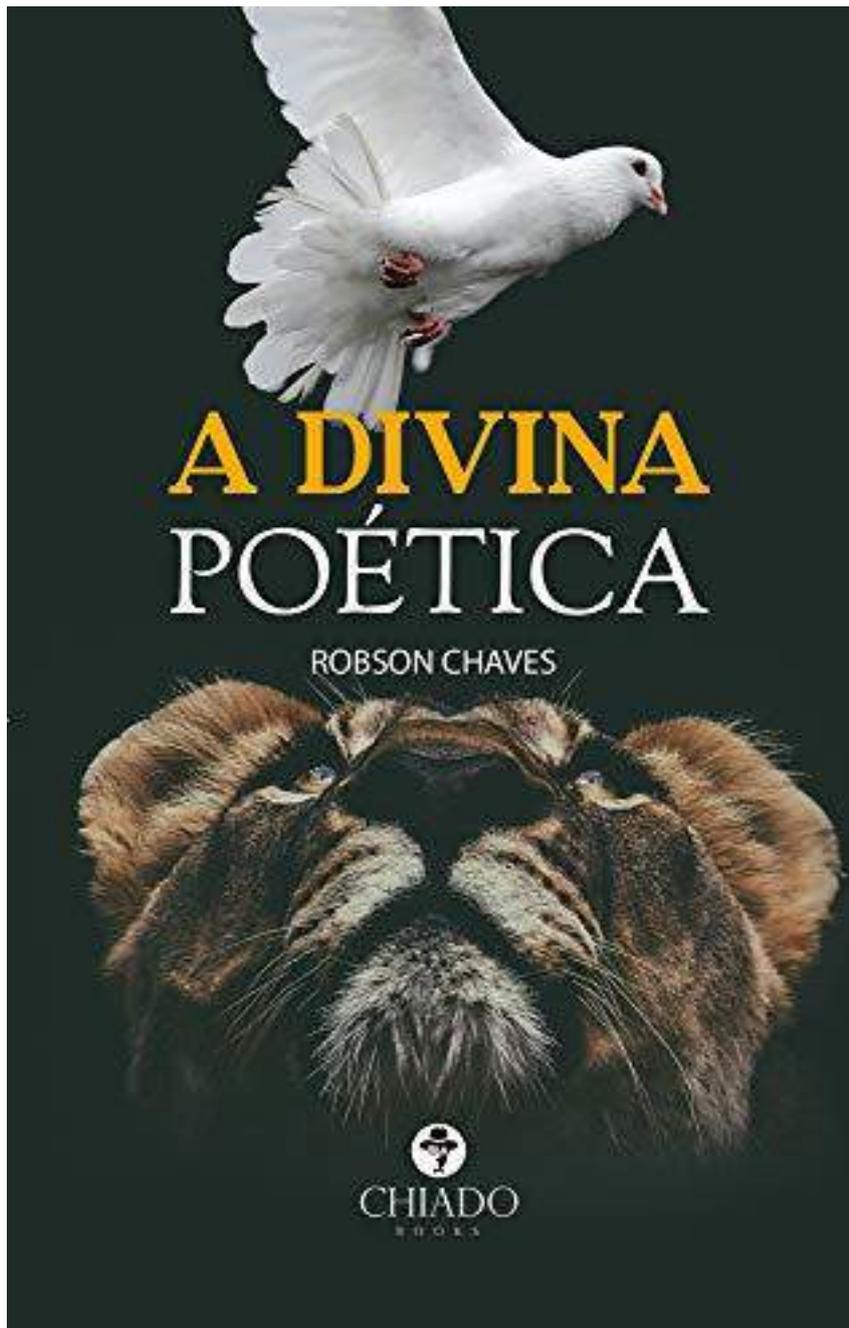
Um filme: Harry Potter e a Pedra Filosofal

Um dia especial: 06 de junho – meu aniversário.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Robson Chaves:** Não é tão fácil desenvolver o hábito da leitura, no entanto, é fundamental começar. Como sugestão, comece por um tema de seu interesse, algo pequeno, ou um livro que já tenha virado filme. Os profissionais da educação precisam

ser valorizados, pois ela é a base da sociedade e não há desenvolvimento sem o conhecimento, sem a troca entre aluno e professor, que são como duas partes de um mesmo corpo. Espero poder servir à minha cidade (Barra Mansa/RJ) em sala de aula. Cidade que foi a primeira a reconhecer a mim como poeta no Concurso Literário de 2018. Sobre a espiritualidade: Deus é infinitamente maior do que qualquer religião, Ele é simples, profundo, justo e misericordioso. Que cada um encontre o próprio propósito de vida.



# ENTREVISTA COM A ESCRITORA

## WANDA ROP

POR ADEMIR PASCALE



**Wanda Rop**, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar (administração, Direção, Supervisão e Inspeção Educacional e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Atualmente Acadêmica Curso Superior de Filosofia, com colação de grau prevista para Jan 2022. Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Vida cheia de amor aos livros, foco e muita fé! Autora do Livro “Paixões e Poemas de uma mulher intensa” (Ed Sunny/Ed Uiclap).

### Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Wanda Rop:** Minha inclinação à Literatura surgiu muito cedo, por ser filha de pais que não possuíam conhecimentos além da básica alfabetização, minha ânsia para aprender era muito grande e, apesar de muitos obstáculos, percorrendo bibliotecas das escolas nas quais estudei e as públicas municipais, desde o início da adolescência me dedicava às inúmeras leituras de diversos autores renomados brasileiros e isso, teve sequência durante todos os anos a seguir, alguns autores me encantaram com suas obras: Machado de Assis, Mario Quintana, Cecília Meireles, Clarice Lispector e muitos outros. Meus primeiros poemas foram escritos quando eu ainda tinha onze anos de idade e, somente neste ano, foram publicados em meu livro, recentemente publicado, “Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa”. Sou uma apaixonada por livros, poesias e estudar aspectos mais profundos de nossa literatura, para tanto resolvi me especializar em “Estudos Linguísticos e Literários”.

**Conexão Literatura:** Você é autora do livro "Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa". Poderia comentar?

**Wanda Rop:** Durante este período tenso de pandemia, parei para refletir sobre meus maiores objetivos não realizados, assim pude “despertar” e “agir” no intuito de tornar real um sonho antigo. Assim, comecei a rascunhar o que se tornaria o Livro "Paixões e

Poemas de Uma Mulher Intensa", publicado em 2021, através da Editora Sunny/Uiclap. O livro é composto por poemas escritos no decorrer de algumas décadas e foram guardados com muito carinho, mas o amor e a paixão pela poesia tinham que ser transpostas também para o papel para que outras pessoas pudessem experimentar tais sentimentos. Todos os meus poemas foram criados de acordo com as inspirações noturnas que sussurram em meus ouvidos as palavras de amor, doçuras e sofrimentos. No qual, em êxtase, as palavras se emolduram em textos poéticos. Minha vida já é um conto de uma menina simples e tímida, do interior de SP, que conquistou o que sonhava através dos estudos e nunca deixou de recitar o amor e a gratidão, até no olhar fui e sou poesia. Eu escrevi as páginas da minha história.

Sou menina, sou mulher, esposa, mãe, sou forte, meiga, louca e apaixonada.

Posso ser única, posso ser infinita, posso ser bela e posso ser feral!

Muito prazer em conhecê-los, parabéns aos que ainda conseguem se deliciar através da leitura.

Como já narrei, desde pequenina me apaixonei pela poesia, a área literária sempre me encantou. Os versos bonitos causavam alegria no meu ser. Sou uma paulistinha, nascida na cidade de Pirapozinho-SP, mas rondoniense de coração, e os livros são minha paixão, era uma devoradora de romances e admiradora de grandes autores brasileiros. Na década de 90 ingressei para faculdade federal, objetivando estudar Letras, ao mesmo tempo me tornei uma dedicada policial militar no Estado de Rondônia, carreira na qual galguei o posto de Major da Corporação. Força e Poesia se misturaram em meu ser e tive que saber ter discernimento para distinguir os contrastes existentes em meu ser e equilibrar meus instintos. Sou completa e sou repleta de inspirações felizes. Hoje, posso contemplar meu verdadeiro eu, sou poetisa na alma.

Indico meu livro para quem busca a leveza da poesia, e o objetivo maior é acariciar a alma dos leitores, por isso que ao escrever exprimo a leveza da minha alma e amor.

Tenho a loucura de viver a vida sem medo de me deparar com a felicidade.

**Conexão Literatura:** Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

**Wanda Rop:** Minha aventura em busca de organizar o conteúdo para a produção do Livro teve início no final de 2020 e em 2021, procurei à Câmara Brasileira do Livro para Registro Autoral dos meus textos poéticos. Com o passar dos meses conheci a Editora que me forneceu uma boa assessoria e me indicou as etapas do processo, desde as imagens, conteúdo, capa, ISBN e outros detalhes. Assim, o resultado foi surgindo e no mês de setembro de 2021 o Livro estava pronto e foi lançado. Os meus poemas foram escritos no decorrer de muitos anos, nunca parei de escrever, e no livro ainda constam alguns produzidos em 2020 e 2021. O romantismo é marcante em meus textos, porém tenho alguns poemas voltados à temas como “diversidade social, cultural e racial”, como acadêmica do curso de Filosofia tenho uma visão bem forte e realista sobre tais temas.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

**Wanda Rop:** Sim, 03 (três) trechos com os quais minha personalidade se identifica muito, pois aprecio viver intensamente:



- “...momentos saboreados, bem vividos, alegria alimentada ao lado de quem se ama. Amor intenso age na minha imaginação, sentimento que ressoa pelo mundo, louco e imortal, que pode até nos fazer sofrer, mas não podemos nos embriagar na tristeza, nem cair no precipício da nossa mente. Não adie a vida, nem os seus desejos, não seja um tolo que nunca amou, seus pedidos serão realizados conforme sinais do céu”
- Ser leve, ser poesia, ser avessa e resistente às críticas de quem em nada contribui para melhorar nossa existência. Resiliência, amor-próprio e compaixão. O mundo precisa é de amor e de muita gratidão

- “A paixão pode ser avassaladora, insensata, não tem limites. Sentimento turbulento que surge em nossa vida e não entendemos o motivo, nem queremos entender, só viver intensamente cada segundo, como se fosse o último ao lado daquele ser. Se for somente paixão, se o amor não chegar, os corpos terão se saciado num envolvimento secreto e gostoso. Não te prendas a tentar compreender, só desfrute o instante, nesse sobressalto de felicidade que faz o sangue esquentar nas veias, use todos os seus sentidos nessa entrega, antes que o sonho desabe com a realidade”

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Wanda Rop:** O Livro “Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa” está disponível para venda nos links da Loja UICLAP (Possui Medalha Seller) e também na Amazon:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua11726/>

[https://www.amazon.com.br/dp/6500316207/ref=cm\\_sw\\_r\\_apan\\_glt\\_i\\_YRDAZBD23GREW907AK48](https://www.amazon.com.br/dp/6500316207/ref=cm_sw_r_apan_glt_i_YRDAZBD23GREW907AK48)

No site **www.amorempoesias.com.br** é possível conhecer um pouco mais sobre esta autora e sobre as belas antologias das quais faço parte e tenho a honra de ler meus poemas publicados.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Wanda Rop:** Sim, estou escrevendo meu próximo livro de poemas, que desejo lançar ainda em 2022, ainda não tenho definição do nome da obra. No entanto, será repleto de sensibilidade, romantismo e trechos envolventes e apaixonantes. Também quero me dedicar às ações literárias das Academias em que fui efetivada em 2021: Academia Intercontinental Sênior de Literatura e Arte (AISLA) e da Ordem Literária Omnium (OLO), Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB); AIML (Academia Internacional Mulheres das Letras); Academia Brasileira de História e Literatura (ABHL) e da UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES (UNE). Pretendo participar intensamente do contexto literário, propagando e valorizando a Literatura Brasileira.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Dom Casmurro, Machado de Assis

Um (a) autor (a): Clarice Lispector

Um ator ou atriz: Admiro Fernanda Montenegro

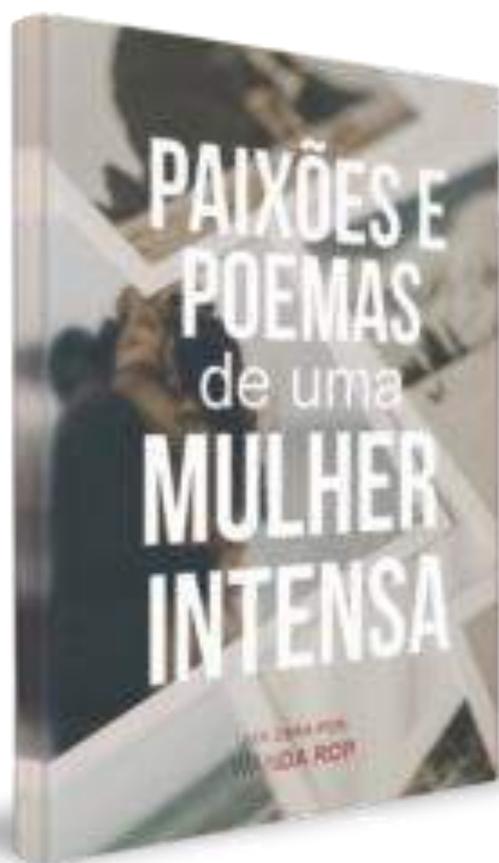
Um filme: o emocionante Morte e Vida Severina, dirigido por Walter Avancini

Um dia especial: Eu considero todos os dias especiais, mas as datas em que nasceram meus filhos foram marcantes em minha vida. Sou uma pessoa que agradece o dom da vida ao acordar e antes de adormecer, sempre consigo aprender algo novo e experimentar sensações diferentes a cada dia que a vida me concede. São tantos momentos especiais, viver é especial, é uma benção!

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Wanda Rop:** Sinto-me muito feliz e realizada por esta entrevista, agradeço à organização e direção da Revista Conexão Literatura a oportunidade e solicito àqueles que apreciam poemas que leiam o meu livro “Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa”

Escrevo com amor sobre o amor e sempre digo às pessoas que me cercam que não se deixem levar pela ambição desmedida, nem se desesperem para obter títulos ou altas posições sociais. O importante nesta vida é que não deixem nunca de falar o que sentem uns pelos outros. Sentimento guardado é um malefício para alma, amor e poesias são maravilhosos para aliviar as tensões existenciais.



# ENTREVISTA COM O ESCRITOR **WARLEY BELO** POR ADEMIR PASCALE



**Warley Belo** é advogado criminalista há mais de 20 anos, Presidente da OAB/MG - Subseção Venda Nova em Belo Horizonte / MG, Mestre em Ciências Penais / UFMG e Professor de Direito Penal. É também Presidente da Associação Atlética Acadêmica Kennedy e Promove. Possui homenagens, dentre as quais: Comenda Direito e Cidadania (Câmara Municipal de Belo Horizonte - MG), Comenda Carlos Drummond de Andrade (Belo Horizonte, MG - Academia de Letras Artes e Cultura do Brasil), Medalha Dom Serafim Fernandes de Araújo (Belo Horizonte – MG - Faculdade de Direito/PUC). Possui prêmio literário e diversos contos, artigos e livros de Direito. Esse é seu segundo romance “jurídico”. O primeiro foi “O Segredo das Cartas” (2015).

## **Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Warley Belo:** Desde muito cedo, tenho na literatura um refúgio para as agruras diárias. É um mundo encantado onde podemos adentrar e sair enriquecidos com as experiências, visões, vivências e ensinamentos das outras pessoas. Guardo com muito carinho a leitura de meus primeiros romances, ainda criança, como O Menino do Dedo Verde (Maurice Druon), Droga da Obediência (Pedro Bandeira), O Menino no Espelho (Fernando Sabino), O Apanhador no Campo de Centeio (Salinger) dentre tantos outros, foi quando me encantei e sempre mantive o sonho vivo de escrever um romance também. Demorei muitos anos até lançar o meu primeiro livro não-jurídico, mas que também envolve um caso processual onde a própria vítima me deu a ideia de transformar o caso em um livro. Assim foi feito “O Segredo das Cartas”, cujas duas edições de mil cada uma, já se esgotaram. Depois de ter vencido um reclame literário de contos, tomei coragem para encarar um desafio maior, cujo resultado é este: “O Labirinto do Cravo”.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "O Labirinto do Cravo". Poderia comentar?**

**Warley Belo:** “O Labirinto do Cravo” é fruto de muitos processos envolvendo a violência entre casais: Lei Maria da Penha, homicídios passionais, lesões corporais entre namorados etc. Depois de muitos anos – e também aliado às minhas próprias experiências conjugais – passei a identificar um padrão de comportamento tanto nas vítimas como nos algozes agressores. A partir daí eu comecei a encaminhar os processos à psiquiatria do Estado a fim de se estudar o comportamento dos envolvidos e – invariavelmente – o resultado apontava transtorno de personalidade, principalmente CID-9, 301.81, CID-10, F 60.8, cujos significados me fugiam ao conhecimento. Em conversas com psiquiatras e depois psicólogos fui me familiarizando com os termos o que me levou ao estudo do DSM-5 da psiquiatria americana. A partir daí foi fácil identificar que a maioria dos casos que atuei como advogado criminalista envolvia um narcisista. O tema é fascinante e literalmente passei a ler tudo a respeito. Com esse manancial de informações e experiências, foi um desafio muito prazeroso construir o romance para servir de alerta e acordar as pessoas para o real significado de um relacionamento abusivo ou tóxico antes do seu invariável fim: cemitério, manicômio ou prisão.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Warley Belo:** As pesquisas foram feitas no campos da psiquiatria (DSM-5) e da psicologia, principalmente analítica de Jung. A base é a filosofia de Gadamer (Verdade e Método). Fizemos uma varredura em filmes que envolviam o tema narcisismo e crime passional, assim como outros romances. Assistimos muitas palestras e fizemos várias entrevistas com médicos, psicólogos e mesmo clientes vítimas ou homicidas passionais. Ao total foram quase 5 anos de pesquisa e escrita.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Warley Belo:** Existe uma passagem que é mais explícita no que tange aos jogos mentais que o narcisista faz com suas vítimas, sempre sutis e dissimulados. São armadilhas psicológicas para prender e fazê-los o “centro do universo”. Basicamente, o livro é sobre como se entra nesse “labirinto” e qual o rumo para dele sair. Nessa passagem, há um descarte (assim chamado o término repentino da relação) e a imediata construção da dúvida nos pensamentos da vítima. Essa dúvida é que faz a vítima ficar perdida em seus pensamentos e devaneios sem saber o que está se passando, como se estivesse navegando por um mar envolto à um denso nevoeiro. É uma armadilha mental da dúvida e funciona como nunca se a pessoa não tem o conhecimento para se proteger:

“(…) Ele vai atrás.

No portão do restaurante, ele a indaga:

— Narcilla, - ela se volta para ele - posso te ligar depois?

Ela encosta a sua mão quente em seu peito como costumava fazer, dando-lhe carinho. Percebeu complacentemente que ele a admirava como um cãozinho idolatra seu dono. Com um olhar “de cigana oblíqua e dissimulada”, fita-o languidamente e lhe responde:

— Tanto faz.

Vira-se e vai embora.”

(BELO, Warley. O Labirinto do Cravo. Joinville: Clube de Autores, 2021, p. 148).

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Warley Belo:** O livro pode ser adquirido no site do Clube de Autores (<https://clubedeautores.com.br/livro/o-labirinto-do-cravo-5>). Convido todos a também seguirem e lerem a página do livro no Instagram @olabirintodocravo.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Warley Belo:** Sempre! Mas no momento estou dedicado às pesquisas jurídicas.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: “O Crime Passional” do Professor de Direito polonês Léon Rabinowicz (Coimbra: Armênio Amado, 1961).

Um (a) autor (a): Shakespeare inaugurou a virada literária do objetivismo para os subjetivismos. Sua capacidade de penetrar na mente humana é realmente impressionante e não há como não lhe prestar homenagem.

Um ator ou atriz: Selton Mello, pela versatilidade e entrega de seus trabalhos.

Um filme: Pink Floyd – The Wall (Alan Parker, Reino Unido: MGM, 1982) onde se trabalha a força do luto em vários viés e o caso de maneira genial com a música. É uma fina expressão da sétima arte.

Um dia especial: o hoje e o agora são sempre os momentos mais especiais.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Warley Belo:** O conhecimento – e mais do que isso, o autoconhecimento - é capaz de aliviar e encurtar muitas dores. O livro objetiva a compreender esse processo, mas a verdadeira mudança é sempre de dentro para fora.



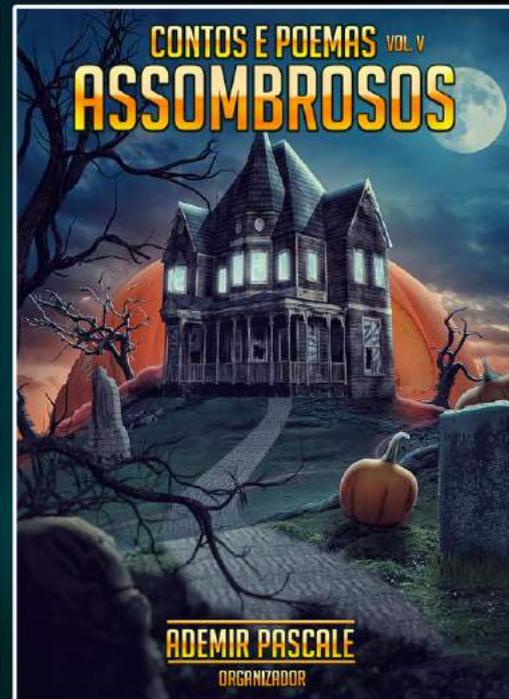
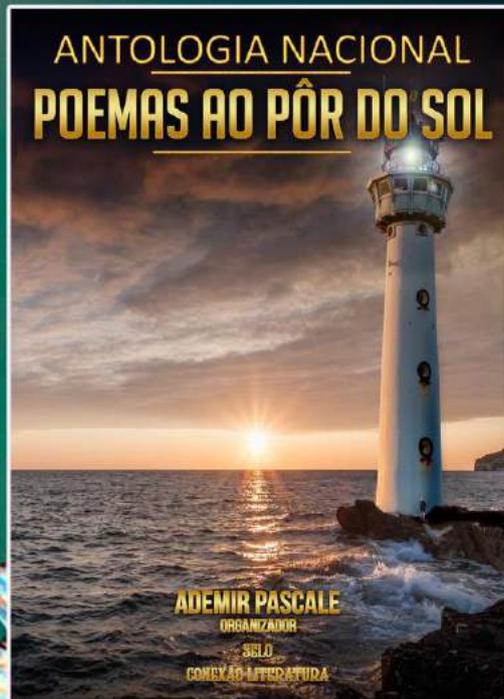
## NARCISISMO E CRIME

Um *thriller* psicológico sem romantismo e com sarcástico humor. Seu ritmo aumenta gradualmente. Transforma-se numa terrível onda de jogos narcísicos e deságua num crime passional. Um relato cirúrgico e visceral sobre o relacionamento abusivo. A violência psicológica é difícil de aperceber-se. Os sinais deixados figuram na subjetividade. A atmosfera inicial onírica de sexo é disforme e entrecortada por opressivos e ascéticos ataques psicológicos e físicos típicos dos narcisistas. A saída desse labirinto não é para fora. A principal batalha é ser consciente. Tal é o desejo desse livro: ser o fio do novelo de Ariadne. Uma jornada mental só de ida. Você nunca mais entenderá um relacionamento como o vê agora.



**WARLEY RODRIGUES BELO** é advogado criminalista, mestre em Ciências Penais (UFMG), Presidente da OAB/MG - Subseção Venda Nova, Professor de Graduação e Pós-graduação. Esse é seu segundo romance “jurídico”.

# PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA OS EDITAIS E ENVIE  
O SEU CONTO OU POEMA**

**ACESSE:**

**[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)**

POR ROBERTO SCHIMA

CONTO

LEILA



## Conto

**E** ficou para trás.  
 Mas eu sei, como sei...  
 Sou apenas um velho carola.  
 O que poderia eu saber sobre amar?  
 Dentro daquilo que me entendo por gente.  
 Libido, desejo, excitação, volúpia, doçura, paixão.  
 Matizes de penumbra podem revelar mais que o clarão.  
 Há mais riqueza no mistério do que aquilo que se escancara.  
 A compreensão dilui-se em estereótipos e a ignorância diz "amém".

Vejo as mocinhas de hoje desfilando suas carnes numa ânsia por serem notadas. Roupas curtas e apertadas, coxas de fora, decote pronunciado, salto alto, mil adereços, bumbum empinado, tatuagens, piercings, gestos exagerados e displicentes, falando e rindo alto — por vezes emendando uma torrente de obscenidades e, assim, achando-se bonitas. Expressões exalam lascívia e ignorância do idioma pátrio. Flertam com a vulgaridade. Provocam a libido, mas não tocam o coração. Navios atracam em fila nas suas docas; usam, abusam, porém não jogam suas âncoras. Eventualmente, elas queixam-se da falta de cavalheirismo dos homens. De fato, isso há muito deixou de existir. Escoou para o ralo junto com o respeito, a educação, a cordialidade, a cultura, a dignidade e a vergonha na cara. Como esperar tais valores de um troglodita imbecilizado pela mídia, um sistema de ensino falido e a própria má vontade? Entretanto, indago-me em pensamento — pois, se expor em voz alta, idoso ou não, corro o risco de levar uma sova — se, ao menos em parte, o cavalheirismo não desapareceu na mesma medida em que as damas deixaram de existir.

— Gostosa! — grita um dos rapazes em uma rodinha perto da fonte.  
 Sim, em grupo eles são muito homens e atrevidos. Certas coisas não mudaram.  
 A garota sorri, rebolando ainda mais, olhar cheio de promessas.  
 Aquilo foi um galanteio?  
 Ela se acha uma salada de frutas?

Imagino que, se a moçoila espirrar, aquele short, virará uma touca. Quanto ao tomara que caia, bem, o nome já diz tudo, não é mesmo?

Sentado no banco desta praça, alimento os pombos, vejo o movimento apressado das pessoas, jogo dominó com outros velhos e, de vez em quando, ponho-me a pensar na vida.

Será que essa moçada já ouviu falar em Marilyn Monroe? Sim, ela também expunha seu corpo, possuía formas generosas e teve suas fotos no primeiro número da Playboy. Porém, ela foi o equilíbrio entre a sensualidade e a ingenuidade, a malícia e o recato, qual as pin-ups de Gil Elvgren. Os homens desejavam agarrá-la, mas, ao mesmo tempo, temiam vê-la desmanchar em suas mãos. Queria levá-la para cama a fim de possuí-la, mas também aconchegá-la em seus braços e protegê-la da maldade do mundo.

E quanto a Audrey Hepburn? Sem possuir um corpo voluptuoso, encantava os homens pelo seu olhar, modos quase infantis e uma elegância no caminhar e no vestir que arrancava o coração dos homens sem necessitar retirar uma única peça de suas vestes. Você desejava ser alvo de sua atenção, beijar-lhe a mão, abrir-lhe a porta do carro, dar-lhe flores, levá-la a restaurantes, fazê-la sorrir. Quem não se recorda dela cantando Moon River no beiral de uma janela?

Ah, o que mais posso dizer?

*Sim, ela... Leila.*

*Leila foi um misto de ambas.*

— *Leila... — murmuro. — Leila... Lila.*

\*\*\*

Conheci-a criança, desde os dois ou três anos. Tínhamos a mesma idade e, por vezes, nossos aniversários foram comemorados juntos. Até os seis ou sete anos, eu a chamava-a de Lila, pois Leila era difícil demais para pronunciar. Éramos vizinhos e nossas famílias tinham muita amizade.

— Vamos brincar, Gominho? — ela convidava.

— Vamos, Lila! — eu respondia.

Os outros garotos riam de mim por eu preferir brincar de casinha com ela a jogar bolinha de gude com eles.

— Maricota! — xingavam.

Mas eu não era mariquinha, longe disso. Era somente uma maneira de poder ficar junto de Lila, fitá-la enquanto ela fingia preparar a comida e ser eu seu marido. Seus cabelos eram claros e cacheados e as bochechas rosadas sempre exibiam um par de covinhas. Quando ela sorria, tornava-se radiante feito um sol e meu coração batia forte tal qual um tambor de fanfarra na escola.

— Experimente! — dizia ela, oferecendo-me um bolo de barro e pedaços de mato a título de salada.

— Lila...

— Coma!

Ah, tinha que ser uma espécie de maluco para fazer o que ela mandava... E eu era.

Apesar das várias décadas que se passaram, posso recordar os detalhes da primeira vez que brincamos de médico e satisfizemos nossa curiosidade ao mirar nossas diferenças.

— Que engraçado! — riu ela.

Fiquei acanhado, todavia, tampouco deixei de estranhar. Eu era só um menino, porém, a intensidade do que senti ao tocá-la e ser tocado por ela emocionou-me até hoje.

Aos onze anos, experimentamos o primeiro e desajeitado beijo. Recordo-me do seu hálito de hortelã por causa da goma de mascar e como nossos narizes e dentes bateram uns contra os outros. Imitamos cenas de novela na televisão à válvula. Não foi particularmente prazeroso, exceto por ter despertado em mim a vontade pelo chiclete.

Certa vez, num dos intervalos entre as aulas, ela quis tirar braço de ferro comigo. Leila se sentava a minha frente e virou-se impetuosamente. Não me lembro das circunstâncias exatas, mas prontamente aceitei. Claro que fingi perder. Contudo, demorei um bocado até isso acontecer. Quis prolongar ao máximo o contato de sua mão na minha. Ter o seu rosto perto do meu, o sorriso de covinhas, a luz em seus olhos.

Embora não compreendesse o quanto a amava, sabia o quanto desejava tê-la perto de mim sempre e sempre. O que eu não podia imaginar era que o destino tinha a sua própria maneira de fazer as coisas. E, às vezes, ele nos ensinava do pior modo que "para sempre" era tempo demais.

Foi assim que, um dia, em nossa adolescência, sua família decidiu que era hora de mudar de cidade. Ir para uma maior, na qual a filha tivesse melhores condições de estudo e uma carreira a seguir.

A essa altura, eu já havia aprendido a falar seu nome corretamente.

— Como pode ser, Leila?

— Não sei... Eu não quero.

— Então, não vá!

Ela fitou-me impotente. O que poderia fazer?

Eu não acreditei. Fiquei sem chão. Repassei os vários momentos que ficamos juntos, as brincadeiras, nossas conversas, nossos segredos, as risadas que trocamos, os silêncios compartilhados. Tive raiva de meus pais por não sentirem a dor da separação do jeito que eu sentia.

Muitos anos depois vim a encontrar um paralelo em meus sentimentos ao acompanhar as desventuras de Kevin Arnold e Winnie Cooper no seriado *Anos Incríveis*<sup>1</sup>. Talvez devesse ter processado os responsáveis por direitos autorais, ou melhor, sentimentais...

Chegou o dia da partida.

Era outono. A manhã estava fria; e o céu, carregado de nuvens sombrias .

Meu pai foi trabalhar e minha mãe se ausentou por um motivo qualquer. Acho que tinha ido fazer compras, mas não tenho certeza.

Leila veio até o quintal despedir-se de mim. Estava séria como nunca a vira, parecia outra pessoa.

Fiquei mudo, receando quebrar o encanto daquele instante. Bem poderia congelar no tempo para sempre. Claro que isso não aconteceu.

— Gominho — falou ela.

— Oi, Leila — respondi, tomado pela tristeza.

Precisávamos dizer "tchau" um ao outro. Todavia, como condensar toda uma vida compartilhada em poucos minutos e numa ínfima palavra? Como dizer a ela o quanto significava para mim e como eu queria que não fosse embora? Se pudesse lhe dar toda a felicidade, toda a educação e a melhor carreira do mundo, eu o faria... Porém, tínhamos só quatorze anos. Eu não podia fazer coisa alguma. Ainda que ela estivesse ali em seu vestido azul de babados — sua cor predileta — num corpo que já exibia contornos de mulher, senti que um pedaço de mim faltava dentro do peito e estava prestes a sumir.

Leila se desenvolvera depressa, ultrapassando em torno de dois centímetros a minha altura. Seu vestido, embora bonito, já era um pouco pequeno para ela, principalmente na altura do busto. Devido à friagem, seus mamilos sobressaíam-se do tecido. Era tão embaraçoso olhar para eles quanto era impossível ignorá-los. Despertavam-me um calor interior e imagens desfocadas que deixavam a minha garganta seca. Num impulso louco, ergui uma das mãos e levei meu indicador ao mamilo mais próximo, tocando-o com a ponta do dedo.

— Olha! — murmurei.

<sup>1</sup> *The Wonder Years*, seriado criado por Neal Marlens e Carol Black, exibido pela ABC (1988-1993).

Não sei onde estava com a cabeça. Certamente, no mundo da lua. Não tive coragem de encará-la. Esperei por um tapa no rosto, um empurrão, um xingamento ou algo do tipo. Fiquei até meio conformado, afinal de contas, jamais a veria outra vez.

Aguardei.

Não veio nada disso.

Reuni coragem e ergui a cabeça.

Fitei-a e vi que seus olhos buscavam os meus

Ela me abraçou de um modo terno, cheio de melancolia e carinho.

Inalei o perfume de seus cabelos, vinham de um xampu ordinário, todavia, para mim, foi mais delicioso do que qualquer outro aroma que viria a sentir na vida. Ficamos lá, agarrados um ao outro, como dois náufragos num oceano em tormenta.

É bem sabido que as meninas amadurecem mais cedo do que os meninos. Deve ter uma boa lógica por trás disso, tenho certeza.

De repente, ela tomou a minha mão trêmula e percebi que a dela tremia também. Entrou na minha casa com a familiaridade de quem a frequentava desde que se entendia por gente. Levou-me até a penumbra de meu quarto e me abraçou outra vez. Nunca o fizera tão apertado, nem nas festas de nossos aniversários. Seu corpo todo tiritava. Havia um brilho de urgência em seus olhos aflitos. Ela não falou nada. Apanhou a minha mão — aquela cujo indicador mostrara-se tão atrevido — e depositou-a sobre seu seio. Sentio, então, na plenitude de minha palma: pequeno, suave, quente, enebriante. A alça de seu vestido foi baixada e pude sorver aquele calor diretamente. Foi maravilhoso. O contraste de sua maciez com a rigidez do mamilo provocou-me uma ereção a qual deixou-me extremamente embaraçado. Não quis que ela percebesse. Contudo, foi inútil, pois, em seguida, ela apoiou suas costas na parede e dirigiu minha outra mão para baixo de seu vestido, ao mesmo tempo em que procurava com a sua própria mão o objeto de nossa diferença. Encontrou-o intumescido e latejante.

— Li... la — gemi, num arremedo infantil.

Sucederam-se respirações ofegantes e pensamentos embaralhados, corpos tensos, suspiros entrecortados. Exploramos um ao outro, seguindo um instinto tão antigo quanto a vida. Nossos movimentos tornaram-se mais frenéticos. Escalávamos passo a passo o alto de uma montanha. Então, para meu êxtase — e também desespero — alcancei o topo e, a partir daí, despenquei ribanceira abaixo.

— Lila!

Atingi o clímax pela primeira vez na vida. Nunca experimentara isso — não até o fim — e foi incrível. Entretendo, não gostei nem um pouco da bagunça que aquilo fez. Só que não podia pensar a respeito naquela hora, pois Leila também estava prestes a provar o seu primeiro orgasmo.

Pude observar fascinado os seus lábios se abrirem num frêmito mudo. Os olhos cerrados e concentrados no desejo. Por fim, seu corpo estrebuchou e, na minha inocência, indaguei-me se a estava machucando. Estaria morrendo? Minha mão estava úmida... Seria sangue? Só após ela abrir os olhos e encarar-me agradecida, percebi que não, eu não a magoara, pelo contrário: Leila renascera. Tampouco havia sangue em meus dedos.

— Gomes — falou baixinho em meu ouvido.

Era a primeira vez que mencionava o meu sobrenome corretamente, em vez do apelido.

Não tivemos tempo para mais nada, pois ouvimos sua mãe a chamá-la.

Ela partiu as pressas pouco depois de ajeitar seu vestido azul.

Foi quando eu me dei conta: não chegamos a dizer adeus.

O clima, de nublado, passou a chuvoso. Na verdade, tempestuoso.

Identifiquei-me com a chuva que caiu feroz no decorrer do dia, formando imensas e irrequietas poças d'água, consumindo vorazmente o azul do céu em um cinza sombrio. Trovões rugiram e relâmpagos ofuscaram.

Eu e minha família soubemos da tragédia através do noticiário da noite.

De forma impessoal e insensível, o repórter narrou sobre um terrível acidente ocorrido durante o temporal na Estrada Estadual Boituva-Tatuí. Um caminhão em alta velocidade derrapara na pista. O motorista perdera o controle e batera de frente com o automóvel que vinha em sentido contrário. Todos os ocupantes do carro faleceram. Pela documentação, confirmaram a identidade dos pais de Leila.

Nesse momento, numa aflição desesperadora, apalpei o bolso de minha bermuda e lá encontrei um pequeno envelope cor-de-rosa. Em seu interior, uma mecha de cabelos dourados atada por um laço de fita azul, acompanhada de uma foto 3 x 4: Leila. Não percebi em qual momento de nosso último encontro ela teria colocado lá. Corri para o quarto e chorei convulsivamente feito um bebê. Uma parte de mim tinha partido e, agora, o vazio tornara-se definitivo.

Perdi-a para a eternidade. Entretanto, nos anos e décadas que se seguiram, ela esteve perto de mim, em meus pensamentos, em minha alma, sem nunca envelhecer. Só tornei a chorar em sua memória quando, já adulto, li uma versão em quadrinhos do conto *O Lago*, de Ray Bradbury, desenhada por Joe Orlando. Sim, era aquela a profundidade de minha emoção, quando dois tornaram-se um. E isso nada poderia ofuscar e, muito menos, apagar.

\*\*\*

*Ainda trago comigo e envelope amarfanhado, a foto amarelecida e a mecha de Leila. É um vínculo palpável daquela que foi o primeiro amor de minha vida. Em verdade, o único, pois, não obstante tivesse alguns relacionamentos, não perduraram. Não era justo para elas. Eu sabia que, quem eu procurava, estava além de um abismo no qual eu não a poderia alcançar.*

*Ah, outras mocinhas atravessam a praça e são provocadas pela grosseria dos rapazes a título de cantada. Pela fisionomia, percebo que nem todas gostaram. Ora, nem tudo está perdido.*

*Eles e elas ignoram-me. Sou-lhes invisível. Afinal, que importância tem um velhinho a dar milho aos pombos? Não os culpo, pois ao meu tempo, também agi dessa forma. Quando se é criança ou adolescente, achamos que os idosos sempre foram assim, que seus pensamentos sempre foram bolorentos, quase tendendo a debilidade e vivem num celibato de quem nada sabe da vida. Imagino se, na cabecinha deles, esperam morrer precocemente de doença ou tragédia. Ou supõem que jamais envelhecerão? Ah, o tempo sempre foi e será o grande nivelador. Algum dia e a seu modo, aprenderão. Mas eu vós digo: oh, se vocês soubessem o que agora eu sei! O corpo se deteriora, a memória falha, a visão fica fraca, o falar torna-se rouco e vacilante, os pensamentos titubeiam, os movimentos tornam-se desajeitados. Contudo,*

*aqui dentro, algo da criança, do adolescente, do rapaz e do homem ainda permanece, vive e respira. Ainda sou capaz de sentir atração física por uma mulher voluptuosa e imaginar coisas que chocariam a moçada, afinal, um idoso não tem hormônios, não pode sentir essas coisas — por mais que Chaplin o tivesse desmentido. Não sou santo nem demônio, ou, talvez, um pouco de cada no amálgama de meus defeitos e eventuais virtudes. Porém, nenhuma atração se compara a recordação do mamilo de Leila na ponta de meu dedo ou de sua umidade em minha mão. São tantas vidas em uma única vida que, mais de uma vez, julguei um fardo pesado demais para meus ombros fracos e estreitos carregarem. Contudo, cá estou, tanto tempo depois, a observar as pessoas, a praça, as árvores, as construções, o céu. Mas ao longo de toda essa estrada, de tudo o quanto passei e o quanto já esqueci, aquela fria manhã de outono permanece viva em meu coração.*

*Ora, vejam só quem se aproxima! É Eustáquio, outro aposentado da velha guarda. Menos inibido do que eu, não se faz de rogado ao admirar o traseiro das moças. "Estou velho, mas não morto!" é a sua justificativa.*

*— Fala aí, Gomes! — cumprimenta-me.*

*Chega todo recurvado sobre sua bengala e, sem pedir licença, acomoda-se ao meu lado.*

*As pombas fogem, assustadas.*

*— Vamos lá no senadinho? Vai ter uma rodada boa.*

*O "senadinho" fica atrás do coreto, num quiosque onde a velharada se reúne para discutir política, lembrar outros tempos, jogar dominó e queixar-se da saúde.*

*Eustáquio era viciado em dominó.*

*— Vamos lá — insiste.*

*— Está bem — respondo.*

*Por ora, havia concluído minhas divagações.*

*Passa por nós uma senhora em torno dos quarenta anos, exageradamente maquiada, saia muito curta e pernas tonificadas pela ginástica..*

*Cutuco Eustáquio com o cotovelo.*

*— Contenha-se.*

*Meu amigo — "tarado" diriam os jovens — espreme os olhos e sussurra:*

*— Ah, se me desse bola...*

*— Na nossa idade, duas de preferência — retruco.*

*Rimos feito dois bocós.*

*Ele ainda comenta algo sobre a vaidade das mulheres e seus gastos absurdos com tratamentos estapafúrdios. No alto de sua vasta experiência e sabedoria, afirma:*

*— Se dissessem pra mulherada que esterco de vaca rejuvenesce a pele e que, quanto mais fresco, melhor, milhares delas meteriam a fuça no fi-o-fó do pobre animal.*

*Tornamos a rir. Levantamo-nos e, vagarosamente, vamos até o senadinho.*

*Os grupos de moços e moças não nos enxergam, enquanto tagarelam suas importâncias. Julgam-se belos, provocantes, sedutores e espertos. Para eles, somos menos que nada, dinossauros que se esqueceram de deitar e morrer. Não obstante, reafirmo:*

*A compreensão dilui-se em estereótipos e a ignorância diz "amém".*

*Há mais riqueza no mistério do que aquilo que se escancara.*

*Matizes de penumbra podem revelar mais que o clarão.*

*Libido, desejo, excitação, volúpia, doçura, paixão.*

*Dentro daquilo que me entendo por gente.*

*O que poderia eu saber sobre amar?*

*Sou apenas um velho carola.*

*Mas eu sei, como sei...*

*E ficou para trás.*

*De um mundo pincelado de incertezas, a única certeza que me resta é a daqueles anos fugazes nos quais duas almas tornaram-se uma. E a cada dia, esperançoso, aguardo o momento em que nós, Leila e eu, voltaremos a sê-lo.*

\*\*\*

### **NOTA DO AUTOR:**

A presente história foi originalmente publicada na antologia "Lascívia", organizada por Milla Marcus e publicada em fevereiro de 2021 pela Uiclap, Google Play Books e Amazon. Trata-se de um conto que, por razões várias, deu-me uma satisfação enorme em escrever.

### **SOBRE O AUTOR:**

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantomas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu* etc. Participei de mais de cem antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

POR LUIZ F. HAIML

CONTO

# UMA NOTA NO "FANTÁSTICO"



## Conto

**F**liperamas, com seus pinballs, só apareceriam na minha cidade quando eu já fosse adulto. Não era então por nada que, nos meus anos de adolescente, eu ansiasse muito pelas férias de verão. Era quando íamos para Tramandaí. Lá, na movimentada rua central, tinha o Fat's Flipper. O maior, e melhor, fliperama do litoral gaúcho. E, no Fat, tinha a Tommy. A Tommy é uma máquina de pinball.

Falo dela no presente, pois em algum lugar ela ainda existe. Se você não sabe, as máquinas de pinball cobrem-se de imagens dedicadas a determinados temas. A Tommy homenageia a ópera rock do The Who – uma das minhas bandas favoritas. Por seu gabinete, e *backbox*, se espalham cenas do filme baseado na ópera que é sobre um sujeito cego, surdo e mudo que se tornará o *Pinball Wizard*, o Mago do Pinball. Lá em Tramandaí, no Fat's, eu era o *Pinball Wizard*.

Meu nome é Gilberto. No veraneio de 1979, chegamos à mais badalada cidade praiana do RS, minha mãe, minha irmã e eu, nos inícios de uma tarde de sábado. Era uma semana antes do Natal. Meu pai trabalhava, e só poderia vir na véspera do nascimento de Jesus. Almoçáramos na estrada, por isso não perdemos tempo em ir matar a saudade do mar. Deixamos a praia quando do sol só restavam manchas por detrás das altas e brancas dunas. Eu troquei de roupa, fiz um bom lanche e rumei para o Fat's. Estava louco para jogar na Tommy. Mas...

Nunca o vira por lá. Bem mais velho que os habituais frequentadores do lugar, ele tinha um rosto comprido, barba por fazer, poucos cabelos, vestia jeans com uma camisa que achei bacana – era tipo aquelas de estilo indiano que o George Harrison usava – e jogava pinball. Jogava na Tommy. O *display* dela disparava marcando altas pontuações. Impaciente, fiquei ao lado, até que, finalmente, ele me deu a vez.

Posicionei-me nos botões laterais e notando que o estranho ficara por perto me preparei para jogar como nunca antes, querendo, no íntimo, me exibir, e, ao mesmo tempo, temeroso em falhar. Mas, começando o jogo, esqueci de vez a presença dele.

Quando eu e a Tommy entrávamos em comunhão, tudo o mais desaparecia, resultado da minha simbiose com os botões controladores das palhetas, do meu alerta geral para sons e luzes que me guiavam para longe dos alvos errados me trazendo assim muitas e muitas fichas, bolas extras, créditos e uma retumbante vitória através da superação do *score* anterior. Quando terminei, ele ainda estava ali, e, como todos em torno, sorria impressionado.

– Guri, tu é bom mesmo!

O elogio despertou em mim uma simpatia pelo cara.

Luís e Márcia, com quem já há alguns anos eu formava um trio inseparável, estavam vindo de carona para Tramandaí, e eu combinara de me encontrar com eles no Fat's. Como ainda não haviam chegado, convidei o desconhecido a uma partida de futebol de mesa.

Perdi.

Disse então que iria ver se meus amigos já não me esperavam lá fora.

Ele me acompanhou.

Peguei o Carlton, fisguei um, acendi. Ofereci o maço.

Agradeceu, não fumava.

Ficamos trocando fiapos de conversa até que de repente ele apontou em direção ao céu.

– Está vendo aquela luz forte?

Olhei para onde o braço dele se estendia, para o alto, para o oeste, a noite já descera sobre uma Tramandaí sem a metade dos edifícios que tem hoje.

– Sim.

– Parece uma estrela, né?

– É.

– Mas não é. Às vezes ela tá ali, outras não. Às vezes fica só pairando, outras se vai assim que ponho os olhos nela. É uma nave. Veja como se move.

Para mim ela não se movia. Era só uma grande estrela, brilhando, estremecendo sua luz como qualquer outra estrela. Nuvens, nevoeiros, o movimento da Terra é que dão a impressão de que elas se movem.

Luís e Márcia chegaram, surgindo subitamente da diversificada massa humana que se concentrava no centrão de Tramandaí em tempos de férias, mais ainda em época de Natal e Ano Novo. Apresentei-os.

– Prazer, Clóvis.

Até então eu não sabia o seu nome.

Meus amigos – ligados em discos-voadores, até estavam montando um grupo sobre o assunto – logo se interessaram pelo tal ponto luminoso. Começou uma conversa acalorada entre eles sobre coisas que misteriosamente aparecem e desaparecem no céu.

Clóvis gesticulava muito e de forma engraçada, com caretas que lembravam o Jack Nicholson. Luís, gordinho, e Márcia, magrela, ambos com camisetas de rock, me faziam pensar numa versão moderna, e bem mais jovem, de Laurel & Hardy. Do meu pequeno bando, que às vezes se juntava a outros bandos, nos dias em que passávamos na praia, só faltava o Oscar. Ele “trampava” de *office boy*, e viria de carona com meu pai.

Clóvis acabou nos convencendo a ir com ele a um determinado lugar. Daria provas do que afirmava.

Deixamos o centro, nos afastando dele cada vez mais por ruas que desconhecíamos e que escasseavam cada vez mais de movimento, parando apenas diante de uma grande escola com nome de santo. Clóvis abriu o portão principal e atravessamos por uma cancha de esportes até um prédio com uma única porta, de ferro, após a qual se estendia um longo corredor. Por que meios o nosso novo conhecido tinha pleno acesso a tal lugar, e, àquela hora? Seria o vigia noturno? Quem sabe o diretor? Certos professores também ficam com as chaves. Era o caso do pai da Márcia, que fora um dos fundadores de uma escola, e agora praticamente morava nela.

Eu e meus amigos seguíamos Clóvis sem nada dizer, nada indagávamos, só vez que outra nos entreolhávamos, empolgados com o mistério. Clóvis então sacou do bolso uma pequena lanterna, acendeu-a, mirou o facho em direção a uma porta fechada no fim do corredor. A sala em que entramos era ampla e cheia de painéis com luzes e botões de diversas cores. Lembrou-me o interior do submarino de uma série que minha irmã não perdia.

Clóvis foi em direção a um quadro negro de largura e altura quase da parede em que estava encostado.

– Ajudem-me. – pediu.

Deitamos o quadro ao chão.

Debruçado sobre ele, começou a escrever números e sinais, alguns conhecidos e outros, que a nós, não faziam sentido algum.

– Isso eles estão passando nesse momento pra mim, os caras que estão naquela luz.

“Minha nossa” pensei.

Nas férias anteriores topáramos com o doido dos chás de cogumelo; o cara tinha várias teorias malucas sobre a Alice – a do País das Maravilhas.

Fui para o corredor, e ali, iluminado apenas pela Lua, que se refletia no vidro de uma basculante, acendi um cigarro.

Luís e Márcia continuavam lá dentro, embasbacados com o que viam e ouviam. Eu não curtia discos-voadores. Curtia psicopatas, pelo menos em filmes.

De repente a conversa parou. Ouvi barulhos. Encostavam o quadro de volta à parede. Deixaram o aposento. Clóvis apagou a luz, chaveou a sala. Pegamos o caminho de volta. Ainda no corredor, ofereci o Carlton ao Luís.

– Quer um “pega”, Morceguinho?

Luís às vezes fumava. Tragava engraçado, fazendo bico. Por isso o apelido.

Márcia falou que estava com fome. Sugeri um restaurante que servia um *à la minuta* bom e barato. Eu adorava *à la minuta* e o restaurante ficava perto da ponte entre o Imbé e Tramandaí.

A ponte de duas mãos inicia logo ao término da rua central de Tramandaí e entra direto no coração do Imbé. Pescadores de todos os tipos dependuram-se em pincas pelas repartições laterais feitas para pedestres.

Quem pesca do lado direito, tem diante de si a magnífica amplidão aquática que resulta do rio Tramandaí vinda do continente e que logo adiante se encontra com um salgado braço marítimo sobre o qual houve uma vez um pontilhão de madeira para travessia e pesca. Quem joga os anzóis do outro lado, os lança no rio Tramandaí, que une um cordão de lagoas formadas por águas vindas dos morros ao norte.

Do restaurante, eu via o parque de diversões, iluminado e em movimento, e fixado desde sempre à beira da lagoa, no Imbé. E via a Roda Gigante, na qual, apenas com minha esposa, muitos anos e anos depois, um dia eu teria coragem de andar.

Clóvis bebericava uma cerveja. Luís e Márcia dividiam um bife, umas alfaces, uma porção de arroz com feijão e um ovo frito, poupando assim a grana para o resto do fim de semana. Enquanto eu, faminto, devorava meu prato, lufadas do forte e gostoso vento noturno, comum na região da ponte, atiçavam-me a vontade de pescar. Outro de meus prazeres na praia. Jamais comi sardinha em lata. E havia muita sardinha nas águas entre o Imbé e Tramandaí, assim como tainha, peixe-rei, corvina, papa-terra, siri e camarão.

Clóvis terminou a cerveja e anunciou que nos deixaria, precisava ir.

– Foi um prazer conhecê-los. E fiquem certos, nos encontraremos novamente.

Mas não o veríamos mais, pelo menos não pessoalmente.

No ano seguinte, no Fantástico dos domingos à noite, a singular voz do Cid Moreira daria esta nota:

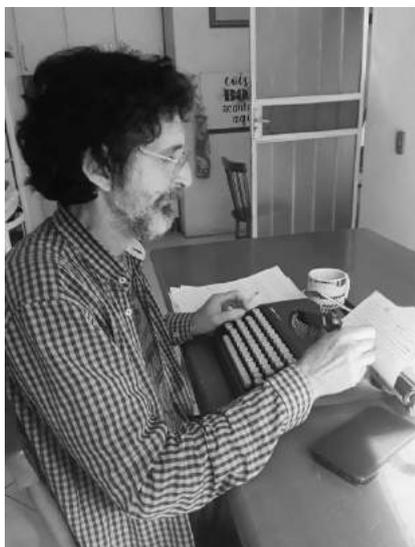
*Mistério no litoral do Rio Grande do Sul. Mal iniciavam às três horas de uma fria madrugada de abril, época de Quaresma, um grande círculo incandescente irrompeu no meio da ponte Giuseppe Garibaldi, que liga as cidades de Imbé e Tramandaí. A ponte está situada sobre um canal de águas fluviais que se juntam às do oceano atlântico. Conforme as testemunhas, alguns pescadores nativos, a luz, em suas bordas, se movimentava como se fossem chamas e a estranha roda ora tocava o piso da ponte ora flutuava sobre ele sem emitir som algum. Ainda segundo relato dos pescadores – que assustados correram e ocultaram-se pela periferia – um homem, até agora não identificado, teria surgido do nada e ido em direção à esfera luminosa, momento em que algo metálico brilhou de dentro da mesma. O homem então teria desaparecido na luz, que logo em seguida apagou-se deixando a ponte de novo vazia.*

Uma precária animação foi exibida. Uma foto borrada do esquisito fenômeno, tirada por um morador insone, e o relato dos poucos pescadores era só o que o programa tinha para referenciar o noticiado.

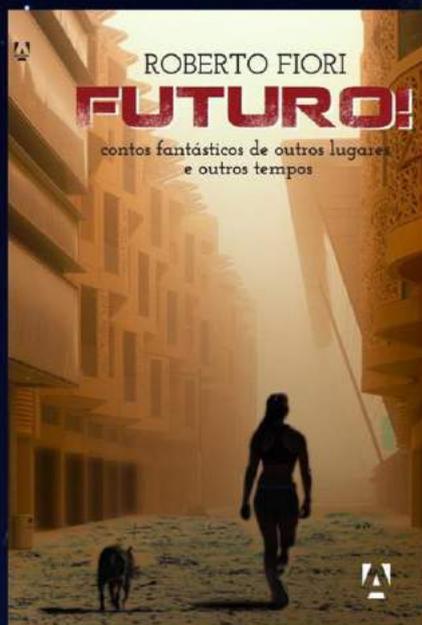
Ainda hoje tiro férias em Tramandaí, vou com os filhos – que não pescam nem gostam de fliperama. Sempre que passo em frente onde foi o Fat's, olho na direção em que o Clóvis apontou. Nunca mais tal estrela apareceu por lá.

No entanto, alguns anos depois, Luís e Márcia, já então se tornando referências na Ufologia gaúcha, decidiram reabrir o singular episódio da misteriosa luz sobre a ponte. Acabaram por descobrir que, pela mesma época, e em Tramandaí, dera-se uma ocorrência, jamais resolvida, de pessoa desaparecida. O sumido, um professor de Matemática. Seu nome... Clóvis. Clóvis Jacobus Bauer.

\*Arte e montagem da imagem de apresentação do conto: Kleber de Medeiros



**Luiz F. Haiml:** 57 anos, sagitariano, mora em Taquara, no Rio Grande do Sul. Foi colunista de vários sites e jornais da região do Paranhana, e fora. Atualmente, tem coluna (Haiml & etc) apenas no Jornal Panorama On-line, na qual escreve sobre assuntos diversos. Professor de Literatura Brasileira e Ensino Religioso, traz resultados positivos em vários concursos e antologias literários.



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE  
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS  
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E  
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]

POR MARINALVA MABEL

CONTO

# CONFISSÃO



**Conto**

---

— **P**adre confesso porque pequei.  
 — E qual é o pecado?  
 — Estava passando e vi uma janela aberta.  
 — Isto não é pecado. Só se você pulou a janela para roubar.  
 — Mas, Padre, eu pulei a janela e encontrei uma mulher dormindo e deitei ao seu lado. A cama estava macia, a mulher dormia, parecia ter bebido. Adormeci também.  
 E ficamos os dois.  
 O dia clareou...  
 Bateram à porta  
 Assustei e pensei! *O que será de mim agora e eu o que faço aqui?*  
 Pular a janela?  
 Não podia, dava para a rua e o sol já estava alto, a rua bem movimentada.  
 Pensei! *Tenho que me esconder debaixo da cama...*  
 E foi o que fiz.  
 A moça acordou e abriu a porta.  
 Ele entrou com dois cachorrinhos e não deu outra, enfiaram-se debaixo da cama, não me deixaram em paz, latiam e me lambiam todo.  
 Os dois gritavam:  
 — Sai cachorrinhos!!! E nada, pegaram uma vassoura e começaram a chuchar.  
 Eu arredava pra lá e pra cá, até que os cachorrinhos saíram e fecharam a porta.  
 Respirei fundo e fui pra janela, esperando a rua esvaziar para pular.  
 Assim que esvaziou pulei.  
 Os cachorros me viram e começaram a latir.  
 A porta da casa abriu e eu já estava na rua.  
 Ai que vi a mulher linda, com tudo em cima, que dormiu ao meu lado e eu nem sequer encostei em seus cabelos. Ninguém vai acreditar!  
 — Padre, estou perdoado?  
 — Sim!  
 O padre retrucou, acredite se quiser.

Sobre a autora:

Sou mineira, nascida em Mesquita e resido em Belo Horizonte.

Gosto de escrever e fazer vários trabalhos manuais, artesanato e pintura em tela.

Trabalhei na Rede Vida de televisão em Campinas, São Paulo, com a equipe de cenógrafos.

Estudo Literatura na OAP/UFMG onde anualmente é publicado uma antologia com poemas ou crônicas dos alunos. Tenho livro infantil publicado: *Lilica*.



Email: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

# **DIVULGAMOS O SEU LIVRO**

## **PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES**

### **POR R\$100**

---

#### **MEIO DIGITAL**

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz

---

#### **DESTAQUE O SEU LIVRO**

- 1** São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacá-lo.
- 2** A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro

POR IDICAMPOS

CONTO

# AMOR À ÚLTIMA VISTA



## Conto

---

**O** político, formado em direito, caçoava de tudo, tendo a vida como um jogo, só acreditava na sorte, dava as costas ao espelho, negando o seu reflexo...

Paulo Conversa, resultado do marketing, vereador eleito uma porção de vezes; levava o povo na conversa.

Em Queimados, frente à comunidade, nunca se queimava, porque iludia, mentia, prometia, fechava um buraco, destampava o outro; vivia de enrolação, sempre dava um jeitinho...

Aposentava homem broxa, mulher na menopausa, preguiçoso, cabo eleitoral, etc. Mantinha a base política assistida.

Paulo fazia das tripas o coração, estava na boca das urnas, nos braços da massa: presenteava os aniversariantes, comprava as flores dos casamentos, frequentava os churrascos, advogava para malandragem da boca de fumo; era um político popular!

O morto caía — já sabia— prestava as condolências, providenciava os preparativos, chorava meia hora aos pés do defunto, abraçava a viúva, despedia-se do eleitor falecido, garantia o voto da família, nos teclados da urna eletrônica.

O display do celular acendeu, passava das 11h, o Sol escaldante, o telefone anunciava um churrasco, recebia um convite da turma do futebol, da pelada dos solteiros contra os casados, no campo do Nova Iguaçu Futebol Clube. A carne aguardava na brasa, numa churrasqueira alheia ao assassinato do gado, torturando as coxas da galinha na grelha.

Colocou a camisa do Clube, comprou três quilos de costela, apresentou-se na comemoração. Entregou a costela suína ao churrasqueiro, sentou na cadeira de madeira, na mesa do restaurante, em frente ao campo.

Do lado direito, encaminhou os olhos à vitrine da loja, do figurino do time, da primeira divisão do campeonato carioca. Levantou a testa para solicitar uma dose de cachaça, percorreu o visual, no salão, à procura da garçonete; quando fixou a atenção numas pernas roliças, de uma mulher, de lábios grossos, dona de uns seios que fariam inveja a qualquer espanhola.

A garçonete registrou o apelo, trouxe a cachaça, o vereador engoliu num gole só, beliscou um churrasquinho, tomou coragem: investiu na dama solitária, com simpatia, foi correspondido, mudou de mesa, conferindo, novamente, os peitos volumosos.

O papo rolou às mil maravilhas, beberam umas cachaças, um montão de cerveja, tiraram gosto na saliva dos beijos ardentes! Paulo pagou a conta, entrou no carro bacana, com a gostosa no banco do carona; pisou fundo no acelerador, disparou na contra mão

— em fração de minutos— via a cor da calcinha do monumento, na cama redonda do hotel.

No motel Comanche, apaixonado, ele fez a festa, misturou bebida, sacrificou o fígado; pois a companhia mais parecia uma esponja, bebia compulsivamente. Gozaram, alucinadamente, até pelos buracos dos ouvidos...

De volta ao lar, fim do dia, deu um beijo na esposa, pegou o filho no colo, tomou um banho frio, deitou no sofá, relaxou; solicitou um chá de boldo, dormiu pesado, a ressaca o consumia.

A campainha tocou, havia falecido a mulher do presidente do partido, com coma alcoólico, na manhã daquele domingo, no Hospital da Posse. Ficou puto, resmungou, xingou a divindade, colocou o terno perto, saiu de casa, de noite, de óculos escuros, destinado à obrigação de morte.

Na madrugada, as corujas dormiam, o café frio rolava na garrafa térmica; o velório testemunhava a consternação do vereador, reclamando da vida, consolando os eleitores.

O astro rei nasceu triste, em respeito à morte, em plena segunda-feira; o padre chegou, procedendo ao ritual fúnebre, seguindo as últimas considerações, chamou os espectadores, iria fechar o caixão. Inesperadamente, os presentes foram surpreendidos com as súplicas do vereador — pura demagogia — desejoso de fitar o rosto do cadáver, num último adeus...

Ao levantar o véu da falecida, deparou com o rosto da amante, da protagonista do orgasmo no motel, no dia anterior, da parceira de cama no Comanche, a mulher da pelada, esticada no pijama de madeira...

Deu sete pulos, tropeçou nas pernas, espatifou, no chão de cimento, corroborando o amor eterno, naquela dupla traição.

**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o que gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

POR IRACI JOSÉ MARIN

CONTO

# AMBÍGUA



## Conto

---

**N**ão foi por amor, mas por necessidade que ela fugiu de sua cama. Vivia sentindo o fracasso e a frustração do sexo e não via alternativa para satisfazer o seu desejo. Ou a sua necessidade. Muitas vezes criou fantasias, mas sempre tudo acabava na amarga realidade da falta.

Com diabetes agressiva, há algum tempo a energia do marido murchara. Ela tinha ainda um forte motivo pra se afastar dele, inclusive durante o dia: carregava quase sempre o odor fedido de fumo. Dormir ao lado dele muitas vezes era um sacrifício.

A solução foi dormir em outro quarto. Pelo menos conseguiria dormir. Sim, e podia ficar nua, ver seus seios no espelho, seu ventre liso e branco, suas coxas, e se acariciar sem medo ou pudor.

Mas isto não era suficiente. Ela precisava dar-se uma resposta, apaziguar de verdade o seu corpo.

Um dia, inventou de escrever seu nome numa calcinha rosa, cheia de pequenas flores rosadas. Era a sua preferida: bonita, macia, e guardava bem o seu cheiro. Não tinha qualquer intenção com aquilo, apenas um capricho. Talvez servisse pra espantar sombras internas que cresciam dentro dela, sem foças para impedir.

Ele a viu bordando. Chegou devagar, sem que ela percebesse, e perguntou:

— Pra que isto aí?

— É coisa minha, passa-tempo.

Ele deu uma risada forçada e saiu, deixando a varanda impregnada do cheiro azedo de fumo.

Traçou seu nome com linha vermelha na parte da frente da calcinha. Terminou o trabalho, levantou-a para ver como tinha ficado e sorriu. Era certamente a única peça íntima personalizada da terra.

Colocou-a após o banho e se sentiu como se fosse a primeira vez que a usava e parecia que a sua vida estava completa. Era apenas impressão momentânea. Vivia a mesma vida vazia de muitos anos.

Mas um caso trouxe ingrediente novo para a sua vida.

Estava caminhando distraidamente por uma rua bem movimentada, quando esbarrou em alguém. Parou em seguida, voltou-se para pedir desculpas, ele fez o mesmo, e seus olhares se abriram em cumplicidade. Foram a um bar, depois para uma cama.

Foi uma tarde de prazer despertado, com uma constelação de estrelas brilhando por trás dos seus olhos fechados, com a harmonia do mundo em plena sinfonia no seu corpo todo, com a paz de todos os mosteiros em seu peito.

Mais de uma vez sentiu o enlevo apaziguador, um corpo cheiroso combinando com o seu, uma lassidão extraordinária dominando-a por inteiro.

Sua entrega foi total e não poderia ter sido diferente. Então sentiu o alívio do corpo e pensava que sentiria a agonia da alma. Mas não. Nenhuma agonia, nenhuma sombra.

Ele viu a calcinha bordada com seu nome e a quis. Ficaria nua por baixo, com o sexo úmido, intumescido e sem proteção. Mas não quis resistir e ele levou a peça.

Os dias seguintes foram de pensamentos cheios das sensações daquele encontro com o desconhecido. Não havia remorso, nem amargura ou temor. Tinha sido bom, tinha valido a pena, e isto bastava.

Estava vivendo dias de leveza, com o corpo apaziguado.

Algum tempo depois, ao chegar da rua encontrou um envelope pardo sobre a mesa da varanda. Veio em seu nome. O marido se levantou da cadeira e perguntou:

— Conhece o remetente?

— Não.

Ele tomou o envelope de suas mãos, abriu-o e ficou surpreso com a encomenda: era uma calcinha rosa com o nome dela bordado em vermelho. Olhou-a, entre curioso e indignado; ela olhou pra uma borboleta que voava por ali.

— Agora explica.

— Eu não sei de nada.

— Como não? É a tua calcinha... Como é que este cara estava com ela?

— Não sei.

Tirou-a de suas mãos, virou as costas e trancou-se no quarto. Não sentia medo, só estava confusa. Mas precisava vencer a confusão. Precisava de um leme, um lume. Precisava atender aos chamamentos do seu corpo, apaziguá-lo.

Foi até a janela e olhou a rua deserta. No declínio da tarde, um calor fez-se dentro dela: abriu a porta do quarto e chamou o marido.

**IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e publica regularmente seus contos em diversas revistas. Também publicou artigos e livros de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou recentemente o livro **HISTÓRIAS DE ONTEM**, para o mundo infantil e juvenil.

DIVULGAMOS  
LIVROS, TEXTOS,  
CONTOS, POEMAS,  
CRÔNICAS, ARTIGOS,  
EMPRESAS,  
BLOGS, SITES,  
ETC.

ESCOLHA O SEU  
PACOTE DE  
DIVULGAÇÃO E  
GARANTA  
JÁ A SUA  
PUBLICAÇÃO!

AQUI VOCÊ ENCONTRA  
EXCELÊNCIA NO  
ATENDIMENTO  
E QUALIDADE EM NOSSO  
TRABALHO!

**CLIQUE NO BOTÃO ABAIXO:**



POR MÓNICA PALACIOS

CONTO

# A ENIGMÁTICA MULHER...



**Conto**

Um descanso nos preparativos do Bistrot, a encomenda de um novo cardápio quase pronto e outra vez, aquela dama extremamente intrigante.

Consegui ler na sua pulseira a sua identidade: Gertrudes. Imagino que para começar a tirar dúvidas ou matar a minha curiosidade, boa dica, o fato de a chamar pelo nome pode nos aproximar.

Praticamente não fala, sempre escolhe a mesma mesa, seu olhar fixo na vidraça que dá ao Jardim das Tulherias. Procura o seu binóculo, lê o cardápio com a expressão de tédio e indica a sua escolha com outro gesto gélido.

A partir desse momento, aguarda em absoluto silêncio.

Não posso parar, continuo com as últimas alterações do cardápio...

(Tache)



Sábado, muita gente na rua, turistas por todos os cantos, senti a necessidade de compartilhar com Madame Gertrudes as novidades de Le bistrot... quase como uma bailarina, suavemente, ponta de pé, me aproximei, aquele sorriso e lhe perguntei...

*Madame Gertrudes... que opina do novo cardápio?*

Estou cada dia mais segura que combina com ela aquele vestido preto, tão cerimonioso e misterioso. A sua reação frente as novidades... foi um movimento das sobrecelllas... podia ser interpretado por admiração ou absoluta indiferença.

Me considerando um pouco mais proxima, ao dia seguinte, me armei de coragem e lhe perguntei sobre alguns *porques*, como o porque vestido preto, seu ritual fixo diariamente no bistrot, e outros. Posso intuir que não é tristeza, nem rica, nem orgulhosa, nem culta nem analfabeta. Ela é ela.

Sempre aprendi que o silêncio também é uma linguagem, por isso, poucas vezes interrompo a Dona Gertrudes.

Preciso lhes advertir que nos dias chuvosos escolhe uma mesa de canto, embaixo de um antigo abajour art nouveau que lhe permite observar aos parisienses que entram o saem do metro Tuileries, linha 1, 8 e 12.

Quase intuimos que mora perto, a seguir discretamente poderia iluminar tanto mistério. Nosso cozinheiro é um amante de longas caminhadas e jamais é visto pelos clientes. Pode ser um excelente detetive.

Foi assim, na segunda feira seguinte, Monsieur Thierrîe foi com sacolas cheias de baguettes, algumas verduras e aqueles infaltáveis temperos Claro, respeitou uns 50 mts. de distância e finalmente, na praça da Concorde, em aquela viela minúscula, dona Gertudes entrou.

Tierrie acelerou o passo para conseguir outras pistas...

Ao abrir a porta, uma voz roca, severa como seu vestido preto lhe perguntou, quase gritando: *e aí, hoje de novo teu filho não apareceu?*

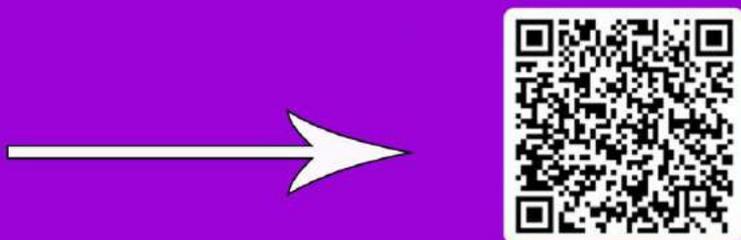
### **Mónica Palacios**

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

**APOIE O TRABALHO DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA  
E DOE UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR:  
USE O QR CODE DO PIX PARA TRANSFERIR**

**ABRA O APP EM QUE VAI FAZER A TRANSFERÊNCIA, ESCANEIE A IMAGEM ABAIXO  
E COLOQUE O VALOR DESEJADO**



**OU CASO PREFIRA FAZER MANUALMENTE  
E USAR A CHAVE PIX: CLIQUE AQUI**

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

NO AR  
DESDE 2015

# CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.02.2022

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura